FURG
Universidade Federal do Rio Grande
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

EXISTÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E RECONHECIMENTO: TECENDO INTERLOCUÇÕES COM NARRATIVAS DE PESQUISADORAS/ES TRANS BRASILEIRAS/OS

Yasmin Teixeira Mello

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães

Rio Grande
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

COM ASSOCIAÇÃO ENTRE UFRGS – UFSM – FURG – Unipampa

Yasmin Teixeira Mello

EXISTÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E RECONHECIMENTO: TECENDO INTERLOCUÇÕES COM NARRATIVAS DE PESQUISADORAS/ES TRANS BRASILEIRAS/OS

Rio Grande

2021

Yasmin Teixeira Mello

EXISTÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E RECONHECIMENTO: TECENDO INTERLOCUÇÕES COM NARRATIVAS DE PESQUISADORAS/ES TRANS BRASILEIRAS/OS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Profª. Drª. Joanalira Corpes Magalhães

Linha de Pesquisa: Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos

Rio Grande
2021

Ficha Catalográfica

M527e Mello, Yasmin Teixeira.
Existências, resistências e reconhecimento: tecendo interlocuções com narrativas de pesquisadoras/es trans brasileiras/os / Yasmin Teixeira Mello. – 2021.
161 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2021.
Orientadora: Dra. Joanalira Corpes Magalhães.

1. Pesquisadoras/es 2. Pessoas Trans 3. Gêneros 4. Campo-Científico I. Magalhães, Joanalira Corpes II. Título.

CDU 167

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Dedico aos meus irmãos, Andressa, Maria e Arthur.
Que todo tempo abdicado longe de vocês, possa ser recompensado com a esperança que coloco neste trabalho: um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Selma e Marcelo. Obrigada por serem tudo o que vocês são e representam para mim. Sou grata a vocês, pois apesar de todas as dificuldades que passamos juntos vocês nunca tirarem o sorriso do rosto e jamais deixarem faltar comida na mesa. Que possamos sempre lembrar com carinho da época em que morávamos embaixo daquela lona, para que assim possamos sempre agradecer a tudo que temos hoje. Obrigada por serem meu maior exemplo de perseverança e de bondade. Não existem palavras que possam dimensionar o quão grata eu sou por vocês me aceitarem do meu jeito, por nunca terem questionado minhas escolhas, por me deixarem sempre lutar por aquilo que eu acredito e por me incentivarem a explorar lugares que vocês não tiveram o privilégio de estar. Meu amor e apreço por vocês não podem ser escritos em palavras.

A minha orientadora, Joanalira. Inicio agradecendo a tua amizade ao longo desse processo. Sou grata por todos os incentivos, pelas tuas leituras atentas e comprometidas com o nosso objetivo neste trabalho. Pelos inúmeros *e-mails* trocados, por cada bom dia recebido nas nossas manhãs de quarta-feira, por todo carinho e afeto compartilhado na nossa trajetória. Obrigada por ser essa pesquisadora, mulher, mãe, amiga e orientadora incrível. Com toda certeza te escolher como orientadora foi o salto no escuro mais bonito que já dei na vida.

A minha avó, Dalva. Boa parte da minha personalidade é fruto daquilo que tu cultivaste em mim. Obrigada pelos anos de dedicação, cuidado e carinho. Sou grata de poder retribuir todo teu amor incondicional neste momento.

A minha irmã, Andressa. Gratidão por fazer da minha vida mais colorida. Obrigada por me dar o privilégio de ser tua irmã, por não ter deixado eu sucumbir aos dias sombrios e por segurado minha mão neles. Teu rosto é um dos poucos que lembro de ver ao meu lado quando eu tive a péssima ideia de que talvez dormir fosse a melhor opção. Te amo incondicionalmente.

Ao meu irmão, Arthur. Obrigada por ser esse irmão que me desafia, que me mostra novas formas de ver e fazer aquilo que eu pensei que fosse imutável. Tu és o pedacinho de luz que faltava para nós.

A minha irmã, Maria. Tu me cativaste desde o primeiro olhar! Obrigada por ser essa irmã incrível que me apoia, que me aconselha, que enxuga minhas lágrimas e quando não pode, chorou comigo. Obrigada por aguentar minhas manias e chatices e por ser essa pessoa que tem um coração tão puro que faz minha vida mais leve. Te amo Bye bye beeeemmm.

Ao meu amor, Mauricio. Obrigada pelo companheirismo e por todas as palavras de incentivo e apoio nesse processo. Com certeza tu foste o melhor presente que a vida me deu nesses últimos tempos. Eu gostaria que nós tivéssemos nos conhecido desde sempre. Tenho muito orgulho de ter ao meu lado compartilhando essa vitória que não é só minha, é nossa. NEOQEAV.

As minhas dindas, Terezinha e Leia. Ao meu dindo, Jandir. Ao meu tio, Allam. A minha afilhada, Talena. A minha tia, Cintia e as minhas primas Juliana e Antonella. Obrigada por serem meu porto seguro, por todo amor, carinho e por entenderem minhas ausências e faltas. Gratidão por todo incentivo disfarçado de “quer que eu te traga algo para comer?”, por apoiarem minhas escolhas e por me amarem do jeito que sou.

As minhas princesas, Tainá e Alessa. Eu gostaria que nós tivéssemos mais tempo. Obrigada por todos os momentos, todos os sorrisos e todas as confissões. Esse processo teria sido infinitamente mais solitário sem vocês.

Aos meus cunhados, Leo e Thiago e a minha cunhada, Anelise. Obrigada por me mostrarem, mesmo que sem a intenção, que os momentos de pausa neste processo de mestrado eram importantes para aproveitar a vida com vocês. Obrigada por me fazerem um ser humano melhor.

A minha sogra e meu sogro, Marcia e André. Obrigada pela acolhida, pelos incentivos e pelos momentos de fuga para a casa aconchegante de vocês para que pudesse me dedicar ao mestrado no final.

As/aos amigas/os de outras vidas, Sthéfani e Lucas. Obrigada pela amizade, pelo companheirismo e pelo amor em todos esses anos dessa vida (e das anteriores também). Sou eternamente grata por todas as marcas que vocês deixaram em mim.

A minha pessoa, Elisa. Obrigada por ser essa amiga incondicional e sempre torcer por mim e se manter presente em minha vida mesmo nos momentos mais difíceis da dela. Que a vida seja leve para nós e que possamos realizar nossos sonhos!

A minha amiga, Évelin. “Aliar-se a quem se admira - espíritos livres - ética amiga” (NIETZSCHE, 2005). Obrigada por ser minha parceira nessa empreitada, por ser minha irmã em outra vida e por ser essa pessoa bondosa que faz do mundo um lugar melhor.

As/Aos minhas/meus companheiras/os de alma, Hilda e Bizie (em memória), Ravena e Salem. Obrigada por todo carinho, pelos lambeijos, pelos ronronados e cuidados espirituais que recarregam as energias.

Ao Gese e as/aos minhas/meus companheiras/os de grupo de pesquisa, Ailton, Ana Luiza, Ana Paula, Barbara, Caroline, Cristina, Dárcia, Fabiana, Fabiane, Fabiani, Felipe, Gabrielle, Karina, Lara, Luciana, Luar, Maria, Suzana, Vivi e William. Obrigada por todos os ensinamentos e momentos compartilhados juntas/os.

A professora, Luma. Obrigada pelo olhar cuidado no momento de qualificação deste trabalho. E por todos os textos brilhantemente escritos que me inspiram.

A professora incrível e poderosa que compôs minha banca de qualificação e defesa, Paula. Gostaria de iniciar agradecendo por aceitar o convite para ser minha banca. Sou grata pelos olhares atentos e por sua contribuição que fazem desse trabalho o que ele é hoje. Não poderia deixar de agradecer também por ser essa pesquisadora resiliente, que é fonte de referência e que inspira a minha trajetória.

Ao professor, Sandro. Acredito que nunca poderei encontrar palavras suficientes para agradecer a ti neste momento. Mas dedico este espaço a um enorme agradecimento por ser este pesquisador inspirador, pela leitura cuidadosa, pelas incríveis contribuições e por esta parceria a qual espero que seja só o começo. Que todas as pessoas no mundo possam ter o privilégio de ter um professor Sandro em suas vidas no momento de caos.

A professora, Juliana. Obrigada pela leitura atenciosa e por todos os ensinamentos ao longo desses anos.

As/os minhas/meus entrevistadas/os, Guilherme Almeida, Lauri Silva, Marina Reidel e Shay Rodríguez. Gratidão por me possibilitarem conhecer as histórias, vivências e trajetórias de vocês. Espero que este momento partilhado tenha sido tão enriquecedor para vocês, como foi para mim.

Resistência é movimento através do qual uma pessoa, um grupo, um povo ou uma multidão diz: chega! Eu não aceito mais isso! E mostra, com sua recusa, que considera injusto o risco de sua vida (PARAÍSO, 2016, p. 389).

RESUMO

O objetivo desta dissertação é tecer interlocuções com narrativas produzidas por quatro pesquisadoras/es trans a fim de problematizar as questões relacionadas à trajetória, à visibilidade, à inserção e ao reconhecimento dessas pessoas, enquanto pesquisadoras/es, no campo científico. A pesquisa realizada está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, na linha de pesquisa "Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos". O estudo está alicerçado no campo dos Estudos Culturais e de Gênero em sua vertente pós-estruturalista. Ao longo dessa dissertação, tecemos discussões com autoras/es para problematizar as questões referentes à construção dos termos gênero, transexualidades e travestilidades, assim como relacionadas às trajetórias e às vivências das pessoas trans no campo científico, de forma a problematizar como essas existências foram/são invisibilizadas ao longo da história. Como efeito da pouca visibilidade dessas pessoas na universidade, elas enfrentam diversas dificuldades, como a inserção, o reconhecimento e a permanência nesse espaço. Para a produção dos dados, foram realizadas entrevistas *on-line* com quatro pesquisadoras/es trans brasileiras/os. Neste processo, estamos entendendo as narrativas produzidas como modalidade discursiva. Nas análises, tecemos diálogos com as narrativas das/os quatro pesquisadoras/es trans, problematizando como as trajetórias e vivências delas/es nos dão pistas para pensar sobre como as existências trans são pouco visibilizadas no campo científico, pensando a ocupação desse espaço para além do que normalmente é reservado a essas pessoas: "enquanto objetos de estudo". As vivências de gêneros dessas pessoas são atravessadas por diversas marcas, como as violências, as resistências e as subjetivações, que produzem experiências e significados que extrapolam para a vida acadêmica, afetando as suas constituições enquanto pesquisadoras/es no campo científico. As narrativas das/os colaboradoras/es desta pesquisa possibilitaram a construção de dois artigos, os quais apresentam elementos, como suas trajetórias pessoais e acadêmicas, suas escolhas em termos de área de atuação e pesquisas, importância de políticas públicas de inserção e permanência para pessoas trans no campo científico e violências e acolhimentos que estas pessoas enfrentam neste espaço. Assim, as narrativas nos possibilitam pensar a respeito de como as questões relacionadas à inserção de pesquisadoras/es trans acontece dentro do campo científico, bem como sobre as questões relacionadas ao reconhecimento enquanto pesquisadoras/es dessas pessoas ao serem chamadas para participarem de eventos não só como objetivo de estudo mas sim como quem também instrumentaliza pesquisas. Além dessas, destacamos também as questões de visibilidade enquanto produtoras/es de trabalhos e por fim sobre às resistências que essas pessoas realizam para ocupar esse espaço do campo científico. Por meio desse estudo, foi possível conhecer as trajetórias pessoais e profissionais de algumas/alguns pesquisadoras/es trans, o que nos possibilitou perceber o quanto as existências e vivências trans, no campo científico, são interpeladas e atravessadas por diferentes experiências e atos de resistência que interpelam essas pessoas. Desse modo, uma maior visibilidade de pesquisadoras/es trans, nesse lugar, torna-se potente e necessária para quebrar os silêncios, desestabilizar certas estruturas e desconstruir verdades, de modo a abrir outras possibilidades.

Palavras-chave: Pesquisadoras/es; Pessoas Trans; Gêneros; Campo-científico.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to weave interlocutions with narratives produced by four trans researchers in order to problematize the issues related to the trajectory, visibility, insertion and recognition of these people, as researchers, in the scientific field. The research carried out is linked to the Graduate Program in Education in Science: Chemistry of Life and Health at the Federal University of Rio Grande - FURG, in the research line “Scientific Education: Implications of Scientific Practices in the Constitution of Subjects”. The study is grounded in the field of Cultural and Gender Studies in its post-structuralist dimension. Throughout this dissertation, we have discussions with authors to discuss issues related to the construction of the terms gender, transsexualities and transvestites, as well as related to the trajectories and experiences of trans people in the scientific field, in order to problematize how these existences were invisible throughout history. As a result of the low visibility of these people at the university, they face several difficulties, such as insertion, recognition and permanence in this space. For the production of the data, online interviews were carried out with four Brazilian trans researchers. In this process, we are understanding the narratives produced as a discursive modality. In the analysis, we weave dialogues with the narratives of the four trans researchers, questioning how their trajectories and experiences give us clues to think about how the trans existences are little visible in the scientific field, thinking about the occupation of this space beyond than is normally reserved for these people: “as objects of study”. The gender experiences of these people are crossed by several brands, such as violence, resistance and subjectivations, which produce experiences and meanings that go beyond academic life, affecting their constitutions as researchers in the scientific field. The narratives of the collaborators of this research enabled the construction of two articles, which present elements, such as their personal and academic trajectories, their choices in terms of area of activity and research, the importance of public policies of insertion and permanence for people trans in the scientific field and the violence and hospitality that these people face in this space. Thus, the narratives enable us to think about how issues related to the insertion of trans researchers happen within the scientific field, as well as questions related to recognition as researchers of these people when they are called to participate in events not only as a study objective, but as someone who also instrumentalizes research. In addition to these, we also highlight the issues of visibility as producers/works of work and finally about the resistance that these people make to occupy this space in the scientific field. Through this study, it was possible to get to know the personal and professional trajectories of some trans researchers, which enabled us to perceive how the trans existences and experiences, in the scientific field, are questioned and crossed by different experiences and acts of resistance that challenge these people. In this way, a greater visibility of trans researchers, in this place, becomes powerful and necessary to break the silences, destabilize certain structures and deconstruct truths, in order to open other possibilities.

Keywords: Researchers; Trans people; Genres; Field-scientific.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da pesquisadora Adriana Sales…….....48
Figura 2 - Foto da pesquisadora Alice Pagan.....49
Figura 3 - Foto da pesquisadora Amara Moira…….....50
Figura 4 - Foto do pesquisador Amiel Modesto Vieira.....50
Figura 5 - Foto da pesquisadora Atena Beauvoir Roveda……...51
Figura 6 - Foto do pesquisador Benjamim Braga.....52
Figura 7 - Foto da pesquisadora Brune Coelho Brandão……....52
Figura 8 - Foto do pesquisador Cin Falchi……...53
Figura 9 - Foto da pesquisadora Céu Cavalcanti……...54
Figura 10 - Foto da pesquisadora Daniela da Silva prado…….……54
Figura 11 - Foto da pesquisadora Fran Demétrio.....55
Figura 12 - Foto da pesquisadora Frida Pascio Monteiro.....56
Figura 13 - Foto da pesquisadora Gabriela da Silva…….……...56
Figura 14 - Foto da pesquisadora Gabrielle Weber……..57
Figura 15 - Foto do pesquisador Guilherme Almeida……..58
Figura 16 - Foto da pesquisadora Helena Vieira……...58
Figura 17 - Foto da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus…….59
Figura 18 - Foto da pesquisadora Jasmine Moreira.....60
Figura 19 - Foto da pesquisadora Jessie Sobiesk da Costa……..60
Figura 20 - Foto do pesquisador Kaio Souza Lemos……...61
Figura 21 - Foto da pesquisadora Lauri Silva...……..62
Figura 22 - Foto da pesquisadora Leonardo Tenório.....62
Figura 23 - Foto da pesquisadora Leticia Carolina Nascimento……..63
Figura 24 - Foto da pesquisadora Lucy Gomes de Souza……..64
Figura 25 - Foto da pesquisadora Luma Nogueira de Andrade……..64
Figura 26 - Foto da pesquisadora Lyah Santos Corrêa……...65
Figura 27 - Foto da pesquisadora Maria Zanela..……66
Figura 28 - Foto da pesquisadora Marina Reidel……66
Figura 29 - Foto da pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira.……67
Figura 30 - Foto da pesquisadora Sara Wagner York……..68
Figura 31 - Foto da pesquisadora Sarug Dagir Ribeiro……...68
Figura 32 - Foto d pesquisador Shay Rodríguez……...69

Figura 33 - Foto da pesquisadora Sofia Favero.....70
Figura 34 - Foto da pesquisadora Thalita Moreira.....70
Figura 35 - Foto da pesquisadora Ti Ochôa.....71
Figura 36 - Foto da pesquisadora Vivian Miranda.....72
Figura 37 - Imagem do 1º contato feito com as/os pesquisadoras/es.....78
Figura 38 - Imagem e-mail enviado às pesquisadoras que foram incluídas em um segundo momento na pesquisa.....79
Figura 39 - Imagem da mensagem enviada as/aos pesquisadoras/es solicitando o e-mail.....79
Figura 40 - Imagem do e-mail de contato individual com as/os pesquisadoras/es.....80
Figura 41 - Imagem do e-mail de contato com as/os pesquisadoras/es para marcar a entrevista.....82
Figura 42 - Imagem do e-mail de contato com as/os novas/os pesquisadoras/es para apresentar a pesquisa e marcar a entrevista.....83
Figura 43 - Foto do pesquisador Guilherme Almeida.....84
Figura 44 - Foto da pesquisadora Lauri Silva.....85
Figura 45 - Foto da pesquisadora Marina Reidel.....85
Figura 46 - Foto do pesquisador Shay de Los Santos Rodríguez.....86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAS - Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde
DNA - Ácido desoxirribonucleico
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
Gese - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
HU-FURG/Ebserh - Hospital Universidade Dr. Miguel Riet Corrêa Jr.
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NeTrans - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docências
PPGEC - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências
UnB - Universidade de Brasília
UFSB - Universidade do Sul da Bahia
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFRB - Universidade Federal de Recôncavo da Bahia
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO…….....……..17

2 REFLEXÕES INICIAIS...…....…….....……20

2.1 Antes de mais nada…….…….....20

2.2 A escolha dos caminhos…….....…20

3 TECENDO INTERLOCUÇÕES COM O REFERENCIAL TEÓRICO: DIÁLOGOS, INQUIETAÇÕES, CONCEITOS E POSSIBILIDADES DE PENSAR……...….32

4 A NARRATIVA ENQUANTO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: TECENDO ALGUMAS COSTURAS…….....73

4.1 Movimentos metodológicos para produção dos dados: a entrevista...77

5 ARTIGOS: PRODUZINDO ALGUMAS ANÁLISES…….....……90

5.1 INSERÇÃO, RECONHECIMENTO E VISIBILIDADE DE PESQUISADORAS/ES TRANS NO MEIO ACADÊMICO E CIENTÍFICO…...…….90

5.1.1 Resumo…….....……...….90

5.1.2 INSERTION, ACKNOWLEDGEMENT AND VISIBILITY OF TRANSSEXUAL RESEARCHERS IN THE ACADEMIC AND SCIENTIFIC ENVIRONMENT…….....……90

5.1.3 Abstract…….....…..90

5.1.4 Considerações Iniciais…….....90

5.1.5 Articulações teóricas-metológicas…….....92

5.1.6 Problematizando as narrativas…….....98

5.1.7 Eixo narrativo 1: Trajetórias e desafios na escola, na universidade e no trabalho…….....….....98

5.1.8 Eixo narrativo 2: Reconhecimento campo científico …….....105

5.1.9 Eixo narrativo 3: Visibilidade enquanto pesquisadora/ pesquisador.....109

5.1.10 Conclusões provisórias …….....111

5.1.11 Referências…….....112

5.2 POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIAS TRANS: ANALISANDO NARRATIVAS DE PESQUISADORAS/ES…….....115

5.2.1 POSIBILIDADES DE EXISTENCIAS TRANS: ANÁLISIS DE NARRATIVAS DE INVESTIGADORES……....…….....115

5.2.2 POSSIBILITIES OF TRANS EXISTENCES: ANALYZING RESEARCHERS NARRATIVES.....115

5.2.3 RESUMO...115

5.2.4 RESUMEN.....115

5.2.5 ABSTRACT.....116

5.2.6 Iniciando as discussões.....116

5.2.7 Articulações teórico-metodológicas.....118

5.2.8 Tecendo algumas articulações com as narrativas.....123

5.2.9 Eixo narrativo 1: Possibilidades de vivências dos gêneros.....123

5.2.10 Eixo narrativo 2: O processo de constituição enquanto pesquisadoras/pesquisador.....130

5.2.11 Algumas considerações.....138

5.2.12 Referências 139

6 NARRATIVAS DESSE MOMENTO.....142

REFERENCIAS.....149

APÊNDICES.....156

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....156

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECICO.....158

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem, como objetivo, tecer interlocuções com narrativas produzidas por pesquisadoras/es trans[1], a fim de discutir as questões relacionadas à trajetória, à visibilidade, à inserção e ao reconhecimento dessas pessoas, enquanto pesquisadoras/es, no campo científico.

Esse trabalho surgiu a partir das inquietações que tivemos ao longo das nossas trajetórias enquanto pesquisadoras e da nossa experiência em participações em eventos acadêmicos e científicos. Esse processo nos possibilitou questionar sobre o quanto o campo científico, na maioria das vezes, não visibiliza e reconhece pessoas trans em suas respectivas áreas de conhecimento e atuação, na figura de profissionais e pesquisadoras/es, fazendo com que elas/es tenham que desenvolver estratégias para resistirem e permanecerem no campo científico.

De acordo com a pesquisadora Sara Wagner York (2019), a população trans não quer apenas reconhecimento, mas sim sua plena inserção no campo científico. Conforme a pesquisadora,

> muitas de nós (trans) e eu, passamos a ter esperança de estar numa mesa, numa dessas reuniões em uma universidade plural, em que minha história de mulher, de travesti, de pai, de avó, professora de 6° ano em uma escola ainda (pública, gratuita e de qualidade), pesquisadora e bolsista do CNPq, possa ser tão interessante e notada quanto outras histórias que sempre foram autorizadas e não exotificadas em generalizações (n.p).

Assim, a partir da fala da pesquisadora Sara, ficam notórios os preconceitos que as pessoas trans ainda enfrentam no campo científico, tendo suas existências, normalmente, relacionadas, nesse espaço, a objetos de estudo e não a quem também produz o conhecimento.

Essa dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo eles: Reflexões iniciais; Tecendo interlocuções com o referencial teórico: diálogos, inquietações, conceitos e possibilidades de pensar; A narrativa enquanto uma estratégia metodológica: tecendo algumas costuras; Artigos: produzindo algumas análises e narrativas desse momento.

---

[1] Apesar de compreendermos o ato político e identitário de resistência presente nos termos travesti e transexual, optamos por usar o termo trans como uma forma de abranger diferentes possibilidades de expressões de gênero.

O primeiro capítulo, “Reflexões iniciais”, foi organizado em dois momentos. Em uma primeira parte, intitulada “Antes de mais nada...” justificamos a forma como as articulações foram tecidas ao longo da dissertação. No segundo momento, “Escolha dos caminhos”, relatamos as experiências que nos levaram ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; depois, mencionamos como foi nossa aproximação e ingresso no mestrado e, por fim, os momentos e experiências que nos levaram ao encontro com a orientadora dessa pesquisa de mestrado.

No segundo capítulo, denominado “Tecendo interlocuções com o referencial teórico: diálogos, inquietações, conceitos e possibilidades de pensar” articulamos discussões com Judith Butler, Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Marina Reidel, Jaqueline Gomes de Jesus, Luma Nogueira Andrade, Stuart Hall, Berenice Bento, Paul B. Preciado, Paula Regina Costa Ribeiro, Guilherme Almeida, Jorge Leite Jr., entre outras/os autoras/es, a fim de construir alguns entendimentos que fundamentaram esse estudo.

No terceiro capítulo, “A narrativa enquanto uma estratégia metodológica: tecendo algumas costuras”, apresentamos as escolhas e os caminhos metodológicos que nos possibilitaram chegar ao objetivo da nossa pesquisa, bem como narramos a definição e a aproximação das/os pesquisadoras/es trans e as estratégias que usamos para investigar as narrativas das/os entrevistadas/os, utilizando da investigação das narrativas como uma modalidade discursiva para produção e análise de dados.

No quarto capítulo, cujo nome é “Artigos: produzindo algumas análises”, apresentamos os dois artigos que foram desenvolvidos como resultado dessa dissertação de mestrado. No primeiro artigo, intitulado de “Inserção, reconhecimento e visibilidade de pesquisadoras/es trans no meio acadêmico e científico”, objetivamos discutir, a partir de narrativas de pesquisadoras/es trans, as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es trans no campo científico. Já no segundo artigo, denominado de “Possibilidades de existências trans: analisando narrativas de pesquisadoras/es”, tivemos o propósito de tecer interlocuções com as narrativas de quatro pesquisadoras/es trans com o intuito de discutir sobre as marcas que foram significativas nas experiências de constituição dessas pessoas.

Por fim, no quinto e último capítulo, cujo nome é “Narrativas desse momento”, tecemos algumas considerações sobre o processo da realização e da construção desse trabalho de mestrado. Nesse momento, também realizamos algumas considerações sobre o que as narrativas das/os pesquisadoras/es trans nos possibilitaram refletir e problematizar a respeito das questões referentes à inserção, ao reconhecimento, à visibilidade e às resistências que essas pessoas têm de desenvolver para estarem no campo científico enquanto pesquisadoras/es. Ainda nessa parte, apresentamos algumas problematizações finais sobre as nossas perspectivas futuras após o término dessa etapa.

2 REFLEXÕES INICIAIS

2.1 Antes de mais nada...

Cara/o leitora/leitor

Para chegar a este momento, tivemos que seguir certos descaminhos, os quais nos fizeram refletir sobre a existência de “momentos da vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 2012, p. 15). Assim, mudar os planos que foram traçados inicialmente por outros foi necessário para que pudéssemos repensar nossas possibilidades e temas até chegarmos a esta pesquisa.

Essa trajetória, que teve suas descontinuidades, foi potente para que nós pudéssemos entender e nos encontrar em nosso tema de pesquisa, bem como para que conseguíssemos nos encontrar no que se refere à proposta de escrita, buscando promover interlocuções entre as diferentes narrativas que compõem essa dissertação.

Justifico essa forma de escrita narrativa pelo fato de, nesse estudo, buscarmos discutir as questões referentes à trajetória de pessoas trans enquanto pesquisadoras/es a partir das suas narrativas, objetivando, ao longo do processo da escrita da dissertação (e principalmente dos artigos) contar suas histórias.

Desse modo, iniciaremos essa contação de histórias com uma personagem (Yasmin), a qual, ao longo do tempo, foi ganhando outras/os personagens, significados e afetos.

2.1 A escolha dos caminhos

> Hoje tirei um tempo pra margear um caderno. Ou melhor, tirei um tempo pra voltar no tempo. O cheiro bom da minha mãe, a ansiedade de um novo ano na escola. Sim, eu já fui criança. Traçar aquelas linhas bobas não fazia sentido pra mim (não que hoje faça), mas, sem querer aos poucos a gente foi traçando as linhas da própria vida, reforçando os traços do nosso próprio caráter, indicando a direção que os sonhos deviam tomar (NOVO, 2014, n.p).

Minha infância foi uma época em que as experiências e as vivências que tive me produziram e me constituíram como sujeita que escreve e que elabora, neste

momento, uma pesquisa de mestrado, apresentando fragmentos de alguns eventos que julgo importantes para contar a história de como cheguei até esse trabalho, mas, claro, sempre pensando que “é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira as constitui” (VEIGA-NETO, 2007, p. 31).

Desde que me recordo, assistia a filmes de super-heróinas e super-heróis junto com o meu pai. Nesse tempo, lembro-me perfeitamente do dia em que decidi que queria mudar o mundo assim como aquelas pessoas que considerava “especiais”. Em função disso, eu decidi me tornar uma super-heroína e, a partir daí, começou minha busca de como me tornar igual àquelas/es personagens.

Pensei em me tornar bióloga para estudar genética e achar uma forma de mudar meu DNA e fazer do planeta um lugar melhor para se viver. Entretanto, seguindo o pensamento de Nildo Viana (2005) de que “um super-herói só é um super-herói quando tem que colocar em prática seus poderes e isto só pode ocorrer havendo uma população de seres poderosos num mundo em que ele vive” (p. 52), passei a entender que não precisaria mudar meu DNA, nem me expor à radiação ou ser atingida por um raio para ser uma super-heroína. Não precisaria mudar quem eu era para tornar o mundo um lugar melhor para se existir. Então, optei por mudar o mundo à minha maneira, abraçando os “super-poderes” que eu já possuía.

Decidi, dessa maneira, tornar-me professora e buscar fazer das minhas aulas um lugar seguro, livre e bom de viver para todas as pessoas que por ali passassem. Ao longo de minha trajetória como discente, houve diversos momentos e experiências que me inquietaram e acabaram me levando a sempre querer discutir as questões relacionadas aos gêneros e às sexualidades.

O primeiro momento marcante que relato aconteceu no ano de 2008 quando eu estava no Ensino Fundamental, em uma aula de ciências da 7ª série, e nós deveríamos falar sobre infecções sexualmente transmissíveis e a respeito de métodos contraceptivos. Meu grupo ficou responsável pelos métodos contraceptivos e, na hora de demonstrar como se colocava a camisinha masculina, usamos uma cenoura como modelo. Como resultado disso, um pai de uma colega de outro grupo ligou para todos os pais, mães e responsáveis das/os demais alunas/os da turma, com o argumento de que ele achava inaceitável assuntos da ordem da sexualidade serem trabalhados no ambiente escolar.

Continuando minha história, quando estava me aproximando do fim do Ensino Médio, em 2012, a partir dessa experiência que contei anteriormente e de várias outras que tive, e indo ao encontro de Jorge Larrosa (2015), os acontecimentos que me tocaram me fizeram refletir, mobilizaram-me a escolher o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. E assim o fiz.

Imersa no curso, eu percebi que fiz a escolha certa, refletindo sobre a Yasmin criança que queria usar seus “super-poderes” para fazer, de um pequeno espaço do mundo, a minha sala de aula, um lugar seguro e acolhedor.

A graduação me mostrou que, para que eu me tornasse uma professora, seria preciso desenvolver e trabalhar uma série de habilidades, assim como as super-heroínas e os super-heróis. Além disso, seria necessário buscar a melhor maneira de incentivar as/os alunas/os a respeitarem o próximo, teria de tornar a aprendizagem o mais significativa possível de acordo com a realidade em que me encontrasse e sempre precisaria estar praticando essas habilidades a fim de que elas fossem aprimoradas e melhorassem cada vez mais.

Já no curso de Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), tive contato com a educação para a sexualidade, como docente, quando ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizando o projeto “Quebrando o tabu”. Durante esse projeto, eu e mais três colegas da biologia íamos às escolas de Pelotas e realizávamos palestras falando sobre questões de gênero, gravidez, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis com as/os estudantes dessas instituições escolares.

Por conta das experiências que tive e trabalhando com essas questões no ambiente escolar, notei que desejava continuar estudando as questões que perpassam a sexualidade e o gênero depois que já estivesse formada. Assim, decidi perseguir minha bem-aventurança, que significa que “onde quer que esteja, se estiver no encalço da sua bem-aventurança, estará desfrutando daquele frescor, aquela vida intensa dentro de você, o tempo todo” (CAMPBELL, 1990, p. 104) e comecei a trilhar meu caminho, buscando continuar o trabalho com essas questões.

Com essa ideia fixa e com o fim do curso se aproximando, comecei a refletir acerca das possibilidades de cursar um pós-graduação para poder me aproximar mais do tema e construir outros conhecimentos sobre ele.

Então, na reta final da graduação, tive o primeiro contato com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), na disciplina de Estágio Supervisionado V. Quanto mais conhecia o grupo, por meio do seu site, mais fascinada eu ficava com as possibilidades que ele me apresentava. Assim, ao pesquisar mais sobre o grupo, acabei chegando até uma das professoras, que é vice-líder do Gese e que fazia parte do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEC) da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Por possuir a mesma minha formação, ela chamou muito minha atenção por ser alguém que poderia me auxiliar nesse processo de transição das discussões sobre gêneros e sexualidades da graduação para a pós-graduação.

Chegamos ao ano de 2018, ano em que me formei e no qual participei da seleção de mestrado. Para fins de classificação e aprovação, era necessária a elaboração de um projeto de pesquisa e, nesse momento, os descaminhos se acentuaram.

Nesse instante, nada melhor que empregar as palavras de Maria Isabel Edelweiss Bujes (2002) para abordar a respeito do nascimento de uma pesquisa:

> ela nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui da inquietação (p. 14).

Com as inquietações que tive ao longo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Graduação, sobre as questões relacionadas à educação para a sexualidade, minha proposta inicial de pesquisa de mestrado era trabalhar com esse assunto em escolas da rede pública de Rio Grande. Tinha o intuito de investigar os conceitos e as abordagens das/os professores/as acerca dessas questões, bem como analisar as dificuldades que eles/as tinham ao trabalhar com o tema.

Depois de ter o projeto aprovado, realizar uma prova, uma entrevista e ter o currículo Lattes avaliado, fui aprovada na seleção de mestrado e, a partir desse momento, começou a fazer parte desta história estudo a segunda personagem dessa história, uma professora, uma orientadora, uma amiga.

Em nossa primeira reunião, percebemos que havia a necessidade de estreitar a pesquisa e de nos dedicarmos a um ponto mais específico sobre o grande tema, de modo a seguir um novo caminho, que foi traçado e pensado em conjunto, deixando o

máximo da proposta inicial presente para que ambas as partes se sentissem contempladas em suas inquietações.

Considerando o que Sandra Mara Corazza (1996) pontua a respeito de como essas mudanças nos possibilitam estar em movimento e nos levam a outros caminhos, essa pesquisa foi formada:

> por linhas sinuosas e imprevisíveis, das quais, quando se está dentro, não se tem mínima ideia de onde nos levarão, nem onde estão seus pontos de fuga, ou mesmo aqueles de aprisionamento. Lugar onde muitas vezes é preciso voltar sobre nossos próprios passos, para encontrar novas possibilidades de continuar em movimento (p. 108).

Nesse processo de reformulação do estudo, repensando nossos objetivos, encontramos outra possibilidade para que continuássemos a pesquisar sobre nossas inquietações. Desse modo, optamos por dar ênfase às investigações de narrativas de estudantes do Ensino Médio do município do Rio Grande sobre os entendimentos deles acerca das questões relacionadas à transexualidade.

Ao mesmo tempo em que construíamos a pesquisa, a integração ao Gese e as disciplinas escolhidas, para serem cursadas no mestrado, possibilitaram-me a aproximação ao campo de pesquisa. Ainda, intensificar as minhas leituras me permitiu uma aproximação teórica com perspectivas e metodologias, como os Estudos de Gênero, Estudos Foucaultianos, Teoria *Queer*, Estudos Culturais, Artefatos Culturais, Estudos Feministas, em suas vertentes pós-estruturalistas.

Participar do grupo, igualmente, possibilitou-me a realização de estudos e leituras das/os pesquisadoras/es Michel Foucault, Paul B. Preciado, Alfredo Veiga Neto, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Judith Butler Sara Wagner York, Megg Rayana Gomes de Oliveira, Marina Reidel, Jaqueline Gomes de Jesus, Luma Nogueira Andrade, Larissa Pelúcio, Guilherme Almeida, entre outras/os, cujas teorias empregamos para a construção dessa pesquisa. A leitura e os estudos dessas/es teóricas/os–nos fizeram construir olhares mais plurais sobre as questões que perpassam os gêneros e a sexualidade.

Ao me integrar, cada vez mais, ao Gese, pude fazer parte de diversos projetos do grupo, os quais também me auxiliaram nesse momento de apropriação dos conceitos, estudos e teorias, além de terem me permitido conhecer pesquisadoras/es que trabalham com a temática de gênero. Durante a participação no grupo, atuei como tutora no Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero, como tutora no

Videocurso Educação para a Sexualidade, da organização da Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero e do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade.

Já com a proposta de pesquisa definida e a expectativa de adentrarmos nas escolas, para começarmos nossas investigações, nós nos deparamos com o dia 28 de outubro de 2018, que foi o dia do segundo turno de eleições no Brasil, e o dia em que dúvidas se acentuaram sobre a possibilidade de realizar a nossa pesquisa da forma como ela estava sendo estruturada. Essa incerteza surgiu em função de o candidato que ganhou as eleições e, por consequência, que veio a assumir a presidência do país, ser da extrema direita conservadora da política nacional, e seus ideais se distanciaram, radicalmente, dos nossos em diversos aspectos, sendo um deles o tipo de discussões que consideramos relevantes a um ambiente escolar.

O país já enfrentava uma ofensiva antigênero no interior das escolas, mas, com o resultado das eleições, ela só se consolidou mais. Na concepção de Rogério Diniz Junqueira (2018):

> nessas ofensivas, engajam-se setores e grupos interessados em promover uma agenda política moralmente regressiva, especialmente (mas não apenas) orientada a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero, sexo e sexualidade, além de reafirmar disposições tradicionalistas, pontos doutrinais dogmáticos e princípios religiosos “não negociáveis” (p. 451).

Percebemos que a proposta de escrever acerca das questões referentes a gênero, nas instituições escolares, baseados no permitido nas diversas políticas públicas, como a Lei número 9.394/96 que estabelece as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN), no eixo transversal orientação sexual (1997), estava cada vez mais ameaçada.

Com receio das represálias que poderíamos enfrentar, no interior das escolas, caso déssemos continuidade à nossa proposta de pesquisa, buscamos outras formas e outros espaços para discutir essas temáticas com as/os adolescentes da cidade de Rio Grande. Porém, com nossos prazos para qualificar a pesquisa e com a não possibilidade de realização dela, no espaço programado, nossa melhor opção seria mudar a delimitação do projeto de pesquisa novamente.

Mais uma vez, estávamos tomadas por uma sensação de impotência e, com o tempo correndo contra nós no calendário da pós-graduação, necessitávamos definir nosso tema de pesquisa com urgência. No entanto, tínhamos a convicção de que queríamos continuar trabalhando com a temática trans. Imbuídas pelas palavras de

Sandra Mara Corazza (1996), paramos para repensar o problema que seria abordado em nosso estudo, acreditando ser preciso:

> começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção partilhada, com os quais estamos habituadas/os; indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real- é assim tão “natural” nas significações que lhe são próprias; duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem estatuto de verdade; recear a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado. Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa/, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias (p. 118-119).

Com o desejo de que as questões trans permanecessem em nossa pesquisa, sempre questionando as concepções e os preconceitos que são enraizados e naturalizados, na sociedade, como verdades, precisávamos encontrar um tema em que nós pudéssemos fazer articulações significativas, as quais fossem relevantes para os estudos da temática trans.

Muitas foram as possibilidades de pesquisa que surgiram com o intuito de serem seguidas, mas parecia que nenhuma delas nos tocava como a anterior. Contudo, durante um almoço com outros dois alunas/os e amigas/os de mestrado, Évelin Pellegrinotti e Matheus Marinho, o tema de nosso estudo foi sendo construído e, naquele momento, nós nos sentimos tocadas e motivadas a nos aventurarmos por essa pesquisa. Encontramos algo que nos foi significativo e, assim, surgiu o problema de nosso estudo, como um “ato de rebeldia e insubmissão, das pequenas revoltas com o instituído e aceito, do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram” (CORAZZA, 1996, p. 119).

No mesmo dia em que redefinimos o assunto da pesquisa, seis de junho de 2019, a Universidade Federal do Rio Grande - FURG sediou o “I Simpósio Saúde, Educação e Direitos Humanos: Desafios do Processo Transexualizador”, um evento de caráter multidisciplinar e direcionado a profissionais da medicina, enfermagem, psicologia, educação, serviço social, direito, pesquisadoras/es, estudantes de graduação e pós-graduação. O evento ocorreu no Hospital Universidade Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU-FURG/Ebserh) e, dentre as/os convidadas/os que realizaram suas falas, durante o evento, o qual acabou no dia oito de junho de 2019, havia médicas/os, enfermeiras/os, psicólogas/os, servidores sociais, educadoras/es e acadêmicas de graduação. Tal evento contou com a presença de dois palestrantes na conferência de

abertura, doze palestrantes nas mesas de debate e dois palestrantes na conferência de enceramento. Dentre esses dezesseis nomes, somente duas pessoas eram trans.

Aliado a isso, ao olharmos para as discussões relacionadas a gênero e à ciência, deparamo-nos com muitos estudos que questionam o fato de a ciência, ao longo do tempo, ser entendida como uma atividade destinada aos homens, questionando e problematizando a importância e o lugar das mulheres, bem como aspectos relacionados à representatividade, ao reconhecimento e às políticas afirmativas. Entretanto, muitas discussões, nesse campo, ainda problematizam o gênero e a ciência no binário homem e mulher cisgênero. Dessa forma, questionamos: as/os pesquisadoras/es trans não estariam também nessa arena de debate? Assim, nossa pesquisa busca construir outras possibilidades nos debates do campo do gênero e ciência.

Conforme Marilia Gomes de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande (2011), a ciência é uma construção social que “se deu sob parâmetros considerados pela sociedade ocidental da época como masculinos, tais como a objetividade e a racionalidade” (p. 26). Portanto, a produção científica, ao longo do tempo, tem sido, majoritariamente, realizada por homens. A fim de colocar em suspeita esses aspectos, no campo dos Estudos de Gênero, emerge a crítica feminista à ciência. No pensamento de Léa Velho e Elena León (1998), o gênero, no campo científico, é a extensão do gênero na sociedade e, logo, os preconceitos e as desigualdades o perseguem nesse campo também. Para Donna Haraway (2000), incorporar a crítica feminista à ciência aos Estudos de Gênero, entendendo a ciência como uma construção social, possibilitou colocar em xeque o discurso da verdade absoluta e pensar os conhecimentos não mais como universais.

Laura Suzana Duque Arrazola (2002) argumenta que a crítica feminista à ciência “questiona as ciências pelo seu caráter androcêntrico, desvelando que elas não são neutras do ponto de vista do gênero, da classe e da raça” (p. 68) e também o fato de a ciência ter considerado, por muito tempo, que sua única preocupação era “com os fatos naturais (fatos científicos), independentemente do mundo humano, o que consolidou uma separação entre natureza e sociedade, compreendendo-se nela a cultura, a política” (p. 68).

As teorizações do campo da ciência reduziram a humanidade a um “homem essencial e universal no masculino, quando, de fato, tratava-se de homens brancos,

ocidentais, heterossexuais, das classes dominantes ou da burguesia" (ARRAZOLA, 2002, p. 70). É importante salientar que o "feminismo trouxe à baila que não existe um genérico humano homogêneo num universal masculino" (ARRAZOLA, 2002, p. 70), assim como comumente é posto. Desse modo, o ser humano é constituído por diferentes raças, gerações, classes sociais e também por uma diversidade sexual e de gênero.

A partir dessas discussões, das leituras e dos estudos realizados nas disciplinas da pós-graduação, bem como no Gese, foram intensificadas nossas reflexões a respeito dos seguintes aspectos: onde estão as/os pesquisadoras/es trans? Sobre o que essas pessoas têm pesquisado?

Ao realizarmos uma busca no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 2019, utilizando os descritores "pesquisadoras + travestis", "pesquisadoras + transexual" e "pesquisadores + transexuais". A partir da busca, a fim de organizar os estudos encontrados realizamos uma divisão dos mesmos. Assim, encontramos 12 trabalhos relacionados às questões trans e o ambiente escolar, 24 trabalhos que falam sobre às questões trans e artefatos culturais e 115 trabalhos sobre as demais questões trans que serão apresentados brevemente a seguir.

Os trabalhos que falam sobre as questões trans no ambiente escolar, em suas análises buscam problematizar essas questões a partir de relatos de professoras/es trans e alunas/os acerca das suas experiências, vivências e formação escolar, discutindo direitos e as dificuldades que enfrentadas por essas pessoas dentro das diferentes instituições escolares.

Os trabalhos que discutem as questões trans relacionadas aos artefatos culturais, tecem discussões sobre a invisibilidade de pessoas trans nas mídias, a produção de sentido e a construção identitária nos programas de televisão e na internet sobre pessoas trans, questões relacionadas a corporeidade, as narrativas e as vivências de pessoas trans em artefatos culturais.

Por fim, nos trabalhos que discutem outras questões trans que não se enquadraram nos outros dois agrupamentos, as problematizações apresentadas tratam sobre questões médicas e jurídicas que envolvem as pessoas trans. Também destacamos que estes trabalhos discutem a produção de corporalidade, produção de conhecimentos e as representações sociais de pessoas trans.

Nesse processo de construção da pesquisa, também questionamos como está a situação das pesquisadoras/es trans no Brasil. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2019), atualmente, o número de pessoas trans que estão cursando a graduação, em universidades públicas, no Brasil, é de 410 pessoas, o que equivale a menos de 0,1% do total de 533 mil alunos de instituições federais. Além disso, o ingresso dessas pessoas se dá sem cotas específicas para pessoas trans.

Quando pensamos na pós-graduação, uma reportagem escrita por Yuri Fernades (2019), no site do Projeto Colabora, menciona que as cotas específicas para pessoas trans começaram a surgir no ano de 2018, facilitando o ingresso dessas pessoas nesse nível de ensino. De acordo com levantamento realizado por Diego Maia (2019) para a Folha de São Paulo, somente 11 das 63 universidades públicas possuem cotas pra ingresso de pessoas trans na pós-graduação, quais sejam: Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Recôncavo da Bahia (UFRB); Universidade do Sul da Bahia (UFSB); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Na mesma reportagem escrita por Yuri Fernades (2019), a pesquisadora Maria Zanela, participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades (NeTrans), declarou que:

> as ações afirmativas surgem como uma reparação histórica. 90% da nossa população exercem a prostituição, e grande parte desse número não consegue concluir o ensino médio porque trans e travestis são expulsas das escolas. Então, é um grande passo para que pessoas que são excluídas de direitos e tratadas com indiferença perante a sociedade, consigam se direcionar ao contexto da educação (n.p).

Apesar do surgimento dessas políticas, ainda estamos longe do esperado em termos de pessoas trans, tanto na universidade como nos mais variados espaços educativos. Somente com ampliação dessas políticas de acesso e de políticas de permanência dessas pessoas, nos espaços acadêmicos, é que poderemos começar a ampliar a inserção delas nesses espaços para que possamos avançar nas questões que tangem à sua visibilidade e ao seu reconhecimento no campo científico.

Após esta exploração da temática e imbuídas dos escritos de Sandra Mara Corazza (1996), que diz que toda e qualquer pesquisa nasce, precisamente, da insatisfação com o já-sabido e somente nessa condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso e nelas investigar e destacar outras redes de significações. Dessa forma, acreditamos que discutir os processos de inserção, de reconhecimento e de permanência das pessoas trans, enquanto pesquisadoras/es, possibilita-nos questionar esses regimes de verdades, que são produzidos e reproduzidos sobre essas/es sujeitas/os[2] e acerca de suas competências.

Assim, em meio a desassossegos, idas e vindas, paradas e reflexões, essa pesquisa passou a ter, como objetivo, tecer interlocuções com narrativas produzidas por quatro pesquisadoras/es trans a fim de problematizar as questões relacionadas à trajetória, à visibilidade, à inserção e ao reconhecimento dessas pessoas, enquanto pesquisadoras/es, no campo científico.

Como objetivos específicos desta dissertação, buscamos:

- Analisar a trajetória acadêmica de pesquisadoras/es, discutindo seus processos de formação e as vivências de gêneros das/os colaboradoras/es, os significados, as disputas, as resistências e as contribuições produzidas por essas/es no campo científico;

- Discutir as estratégias produzidas, pelas/os sujeitas/os entrevistadas/os, para inserção, reconhecimento e visibilidade no campo científico;

Esse estudo se adere ao escopo do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa “Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”. Escolhemos essa linha pela possibilidade de discutirmos, a partir de narrativas construídas nas entrevistas realizadas nesta dissertação, de que forma algumas/alguns pesquisadoras/es trans têm percebido e atuado no campo científico; além de como se dão os processos de inserção, de reconhecimento e de permanência dessas/es sujeitas/os nesses espaços.

[2] Ao realizarmos a flexão de gênero na palavra sujeito damos o sentido de adoção da “guerrilha de linguagem” (Para mais informações ver vídeo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=2QM12rh-ijA). Deste modo, buscamos uma forma de representação das sujeitas que fazem parte desta pesquisa, assim como também buscamos afastar a linguagem dessa dissertação do universal humano sempre no masculino.

No próximo capítulo desta pesquisa, tecemos interlocuções teóricas com autoras/es que contribuem para a discussão dessas questões.

3 TECENDO INTERLOCUÇÕES COM O REFERENCIAL TEÓRICO: DIÁLOGOS, INQUIETAÇÕES, CONCEITOS E POSSIBILIDADES DE PENSAR

Tendo como proposta, nesta pesquisa de mestrado, tecer interlocuções com narrativas de pesquisadoras/es trans, a fim de pensar sobre seus processos de inserção, reconhecimento e permanência no campo científico, fundamentamos nossos olhares e discussões a partir do campo teórico dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero e Ciência pós-estruturalistas.

Assim, nessa caminhada de construção do estudo, fomos realizando algumas interlocuções teóricas com autoras/es como Judith Butler, Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Marina Reidel, Jaqueline Gomes de Jesus, Luma Nogueira Andrade, Stuart Hall, Berenice Bento, Paul B. Preciado, Paula Regina Costa Ribeiro, Guilherme Almeida, Jorge Leite Jr., entre outras/os.

Iniciamos a construção de nosso referencial teórico mobilizadas pela narrativa da pesquisadora Sara Wagner York[3] (2019):

> Por ter sido retirada várias vezes de muitas discussões que me atingiam, venho me vestindo com as roupas adequadas, instrumentalizando minhas falas e subvertendo minhas escutas. Negando-me a ser eternamente colonizada nesse processo de cafetinagem plural. Se o lema é: “ninguém solta a mão de ninguém”, venho lembrar que muitas mãos seguem sem saber o que é o toque! (n.p).

A narrativa da pesquisadora que redigiu o excerto anterior nos possibilita pensar no quanto as pessoas trans não são reconhecidas como pesquisadoras e pesquisadores na comunidade científica, o que as faz buscar estratégias, a exemplo de: roupas “adequadas”, voz instrumentalizada, entre outras, para serem reconhecidas/os nesse espaço. Essa citação também nos faz perceber e problematizar o quanto as pessoas trans vêm sendo invisibilizadas nas mais diversas instâncias sociais, e um dos espaços em que essas/es sujeitas/os são invisibilizadas/os é o campo científico.

A invisibilidade que as pessoas trans enfrentam pode ser associada à forma como os gêneros são vistos e pensados em nossa sociedade. Desse modo, os

[3] Primeira travesti a receber o título de mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com a dissertação intitulada de "Tia, você é home? As funções entre uma docente transgênero e o cis-tema da heterossexualização compulsória na Baixada Litorânea", defendida em maio de 2020.

Estudos de Gênero nos auxiliam a problematizar essas e outras questões que perpassam os gêneros.

O entendimento de que questões centrais, nos Estudos Gênero, referem-se ao papel das culturas, dos sistemas de significação e suas relações de poder, uma vez que esses elementos sociais se encontram implicados na constituição e posições das/os sujeitas/os, levou-nos a estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais, em específico em suas vertentes pós-estruturalistas.

Os Estudos Culturais constituem-se como um campo em que diversas disciplinas se interseccionam para investigar os aspectos culturais da nossa sociedade. Assim, a partir desse campo teórico, entendemos que a linguagem ganha papel de centralidade na constituição do social e dos/as sujeitos/as. Na concepção de Stuart Hall (2003b), os Estudos Culturais emergiram em um momento de rupturas significativas “em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas” (p. 131).

Segundo Stuart Hall (2003a), a influência do feminismo foi decisiva para os Estudos Culturais. Das diversas propostas do feminismo a esse campo teórico, duas delas se destacam quando pensamos nessa dissertação: a primeira refere-se à "centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder" (p. 209); e a segunda diz respeito à “abertura de muitas questões que julgávamos ter abolido em torno da área perigosa do subjetivo e do sujeito, colocando essas questões no centro dos estudos culturais como prática teórica" (p. 209). Dessa forma, as questões que foram levantadas pelo feminismo, nesse campo de teorização, possibilitaram a compreensão dos gêneros como construção histórica e social, a qual é atravessada por relações de poder. A partir disso, podemos problematizar as questões trans que perpassam nosso estudo.

Os Estudos Culturais também nos possibilitam "analisar certos aspectos da natureza constitutiva e política da própria representação, das suas complexidades, dos efeitos da linguagem" (HALL, 2003a, p. 214), permitindo-nos, nas narrativas das/os pesquisadoras/es trans, observar esse processo de construção e de representação social sobre formas de ser pesquisadora/pesquisador e quais os efeitos das práticas discursivas nessas construções e representações.

Com base nos Estudos Culturais, também entendemos que a produção de significados, por meio da linguagem em torno de diversos marcadores sociais, como gênero, raça-etnia, classe, sexualidade, geração, entre outros, está articulada aos modos como vamos construindo nossas múltiplas e cambiantes maneiras de ser e de estar no mundo. Pensarmos esse processo de construção, nessa complexa rede que constitui a cultura, permite-nos problematizar as formas pelas quais vamos produzindo e vivenciando os gêneros, no interior de uma cultura, em um determinado tempo histórico.

Nesse sentido, as feminilidades, as masculinidades, dentre outras expressões de gênero, estão imersas na cultura, nas intuições e nas práticas sociais, sendo constantemente (re)construídas e (trans)formadas. Os Estudos de Gênero visam a "relativizar a centralidade que alguns estudos sobre tais diferenças, principalmente direcionadas de áreas como a biologia e a medicina, as quais alegam que nossos corpos e nossas identidades são naturalmente dados" (BECK e GUIZZO, 2013, p. 176-177).

De acordo com Dárcia Ávila (2018), o termo gênero foi compreendido de diferentes formas e campos de saber ao longo dos anos. Entretanto, esse termo nem sempre esteve ligado ao masculino e ao feminino. Conforme essa pesquisadora, a etnologia do termo vem do latim *genus,* que significa:

> "nascimento", "família", "tipo", possuindo um sentido de classificação das palavras em masculino, feminino e neutro. A partir do século XV, sua origem grega, genos e geneã passam a ser mais utilizados e o termo gênero é associado ao sexo biológico, sendo masculino para os machos e feminino para as fêmeas (ÁVILA, 2018, p. 50).

Desse modo, as diferenças anatômicas construídas a partir dos corpos e das genitálias das pessoas acabaram por gerar, também, diferenças na vida econômica, social e cultural. Ainda, além do discurso médico, outros campos de saber passaram a produzir discursos a respeito do que é ser homem e ser mulher em nossa sociedade.

Segundo Dagmar Meyer (2007), as quatro ondas do movimento feminista foram extremamente importantes para repensar e para reconstruir o conceito e os entendimentos acerca do gênero, o qual passou por várias modificações ao longo da sua concepção.

A primeira onda do feminismo buscou, por intermédio do movimento denominado sufragista, a conquista dos direitos iguais entre homens e mulheres.

Dentre as conquistas, é possível destacar: o direito ao voto, o exercício da docência, as condições de trabalho e a possibilidade de realização do ensino superior.

Nesse mesmo período, de acordo com Dinah Quesada Beck e Bianca Salazar Guizzo (2013), o movimento feminista começava a lutar e reivindicar o direito das mulheres de “decidir sobre os destinos dados aos seus corpos e à vivência das suas sexualidades" (p. 177), dando início à discussão entre o gênero e direito à livre expressão da corporeidade, bem como da expressão da sexualidade.

O termo e o conceito de gênero surgiram no final da década de 1960, a partir das discussões teóricas que foram tecidas na segunda onda do movimento feminista, a qual tinha, como preocupação, a opressão que as mulheres enfrentavam na sociedade (MEYER, 2007). Logo, esse termo passou a ser empregado como categoria política e de análise.

Nesse período, o conceito de gênero era desvinculado de sexo e começava a ter uma perspectiva sociocultural, começando a ser utilizado o termo “papel de gênero” (ÁVILA, 2018, p. 51). Isso possibilitou a problematização das naturalizações das diferenças entre mulheres e homens, as quais provocavam, e ainda provocam, desigualdades entre os gêneros.

Portanto, a partir da segunda onda do movimento feminista, as mulheres passaram a “ampliar o seu papel na sociedade e as relações que estabelecem com os homens, as outras mulheres, os espaços de poder e decisão” (ÁVILA, 2018, p. 78). Dessa maneira, o conceito de gênero foi produzido, pelas feministas norte-americanas, com o intuito de pensar para além do sexo biológico, permitindo que houvesse a reflexão sobre outras questões.

> Ao passo que os esforços das feministas e movimento de mulheres impulsionaram a inclusão do gênero e das temáticas sobre as mulheres em diferentes âmbitos das sociedades, principalmente a partir dos anos de 1970, vimos crescer uma onda de impedimentos em todo o mundo de defesa da família natural e da binaridade masculino e feminino, instituindo o que pode e o que não pode ser dito sobre gênero (ÁVILA, 2018, p.50).

Observamos que essa forma conservadora e naturalizada de pensar sobre homens e mulheres, na sociedade, foi sendo questionada e desnaturalizada a partir da segunda onda do movimento feminista, uma vez que quem fez parte desse movimento passou a problematizar e a colocar em debate as questões tocantes às

desigualdades, discriminações e violências de gênero que eram enfrentadas pelas mulheres e que ainda as afligem nos dias de hoje (ÁVILA, 2018).

Imersa nos debates que surgiram a partir da segunda onda do feminismo, a pesquisadora Linda Nicholson (2000) apresentou duas formas de utilizar o termo gênero: a primeira é o entendendo como estando intimamente relacionado à oposição a sexo construído culturalmente, e a segunda está relacionada a qualquer construção social que envolva masculino e feminino. Assim, nessa época, os Estudos de Gênero ganharam força com o pressuposto de que os gêneros seriam uma categoria relacional (SCOTT, 1995).

Nessa segunda onda do movimento feminista, também começou a emergir a crítica feminista à ciência. De acordo com Elizabeth Bortolaia Silva (1998), a partir da crítica feminista, as discussões sobre o fato de existir “na ciência à predominância de explicações científicas e escolhas tecnológicas que excluem as mulheres (e outros grupos dominados)” (p. 11) começaram a ser realizadas e, assim, passou a ser repensado o local das mulheres na construção do conhecimento científico.

A partir dos anos 1990, surgiu a terceira onda do movimento feminista “cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Com isso, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

O principal desafio, nessa terceira fase do movimento feminista, consistiu em “pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Nesse período, também ocorreu, conforme Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006), um aumento da “intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados nas universidades, inclusive em algumas universidades brasileiras, centros de estudos sobre a mulher, estudos de gênero e feminismos” (p. 649). Essas ampliações, por sua vez, contribuíram para as discussões sobre as temáticas que buscavam a diminuição das desigualdades entre os gêneros.

Um marco importante, nessa terceira onda, foi a emergência do conceito e dos estudos sobre as interseccionalidades, as quais buscavam o “combate às desigualdades que se interseccionam a partir de diversos marcadores sociais”

(PEREZ; RICOLDI, 2019, p. 2), apresentando “a ideia de superação de um feminismo branco e de classe média das ondas anteriores, conjugando elementos identitários como raça, gênero, classe, sexualidade, deficiência” (ibdem, p.11).

Ademais, é possível destacar, nessa terceira onda, as teorizações da filósofa Judith Butler em seu livro “Problemas de gênero”. Nessa obra, ela coloca em xeque as concepções dos gêneros como construções sociais baseadas no sexo, discutindo, em suas análises, sexo e gênero como construções discursivas.

Atualmente, encontramos a nomeação de uma quarta onda do movimento feminista e “como tudo que ainda está em curso, também está em plena elaboração” (PEREZ; RICOLDI, 2020, p .4). No pensamento de Priscila Oliveira (2019c), esse quarto movimento teve início “a partir de 2012, aproximadamente, por conta de denúncias contra abusos sexuais e violência contra a mulher no ambiente digital e o grande número de seguidoras e militantes nesse espaço” (p. 71).

Em decorrência disso, podemos crer que a quarta onda do movimento feminista seja marcada pela expansão da internet, em que “a voz das mulheres é potencializada pelas possibilidades tecnológicas, não somente a internet, mas a facilidade de produção, reprodução e divulgação de vídeos e fotografias que comprovam abusos” (OLIVEIRA, 2019c, p. 75).

Além disso, diferentemente das outras três ondas que a antecederam, para Rebecca Silva e Joana Pedro (2016), ela “é reconhecida pela incorporação dos diversos feminismos de correntes horizontais, como o negro, lésbico e o masculino e os LGBT” (p. 194). Dessa forma, a quarta onda feminista é entendida, por essas autoras, como mais plural que as anteriores, visto que procura “combater a cultura do estupro, a gordofobia, as representações machistas na publicidade, o abuso e a violência contra as mulheres nos diversos ambientes em que ela circula” (OLIVEIRA, 2019c, p. 77).

Assim, as contribuições do feminismo, para repensar a forma como o termo gênero estava sendo utilizado, afetam-nos até os dias atuais, seja por tentarmos romper com o emprego desse termo, quando o relacionam somente ao sexo biológico, seja o utilizando como meio para justificar as diferenças e desigualdades sociais, econômicas e culturais entre as pessoas.

Imbuídas das teorizações que surgiram a partir da terceira onda do movimento feminista, nesta pesquisa, fundamentaremos nossas discussões sobre os gêneros a

partir dos entendimentos e escritos de Judith Butler e outras/os autoras/es que nos possibilitaram entender o conceito de gênero como algo que possui um caráter social. Acreditamos que o gênero:

> não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos (BUTLER, 2003, p. 242).

Logo, a construção dos gêneros somente pode ocorrer a partir de várias aprendizagens e práticas, em diversas situações, sendo produzida por um conjunto de instâncias sociais e culturais. Isso se dá com base em um processo minucioso, sutil e sempre inacabado.

Dessa forma, ao entendermos o gênero como uma construção, não podemos encerá-lo em um conceito único por entendermos que ele está sendo construído, reconstruído e questionado a todo o momento. Nesse processo de construção, muitos são os espaços que nos educam enquanto sujeitas/os de gênero. Para as autoras Deise Azevedo Longaray e Paula Regina Costa Ribeiro (2015), espaços educativos são todos os “espaços que produzem significados, conhecimentos e saberes e que, de alguma forma, nos ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e (re)produzindo significados sociais” (p. 314). A título de exemplo desses espaços, temos a escola, a família, as mídias, entre outros.

Ao definir o gênero como uma ficção reguladora de ser e de estar no mundo, a autora Judith Butler (2003) nos possibilita pensar na performance que decorre dessa expressão, a qual é imposta desde nosso nascimento. Assim:

> Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2003, p. 243-244).

Compreender que o corpo está sob constante construção nos auxilia a problematizar a distinção entre sexo/gênero, permitindo-nos compreender o gênero enquanto um artifício flutuante. Com base nisso, podemos entender que a expressão gênero de um indivíduo é algo discursivo e cultural, que ultrapassa o dispositivo binário de gênero pelo fato de a pessoa se constituir independente do sexo genital que é atribuído a ela ou a ele ao nascer.

Ainda, para Judith Butler (2003), “se o sexo e o gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero” (p. 163). Contudo, não se deve negar a existência de um processo contínuo e histórico de reprodução do gênero, em que as práticas e as estratégias apresentadas às pessoas definem a construção social dos corpos. Segundo Judith Butler (2003), “os corpos sexuados podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente restrito aos dois usuais” (p. 163), no caso homem e mulher. Isso nos possibilita romper com a binaridade (homem e mulher), tornando o corpo sexuado um resultado das normas de gênero.

Essas normas de gênero costumam também cobrar por uma conformidade entre gênero, sexo, desejo e práticas sexuais. Nas palavras de Judith Butler (2003), “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (p. 37) em que a própria identidade, do mesmo modo, é uma produção discursiva. É preciso entender que “essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48, grifo da autora), o que faz as pessoas, normalmente, buscarem expressar seus gêneros com base nas normas que são impostas e aceitas pela sociedade.

Nesse contexto, as pessoas que não buscam expressar essa continuidade que a inteligibilidade determina, as pessoas ininteligíveis, atacariam

> o próprio sistema de poder-saber que nega sua inteligibilidade. Faz-se um movimento inverso: denuncia-se a ininteligibilidade do sistema que confere inteligibilidade, pois se determinados corpos “não cabem” em seu esquema, ele não serve para explicar o gênero. Questionar seu saber sobre o gênero implica em, ao mesmo tempo, questionar seu poder. Quando o corpo extrapola as fronteiras que tentam delimitá-lo e regulá-lo, acaba por implodir o sistema que tentava capturá-lo, pois subverte sua lógica e denuncia sua impotência explicativa. Diferentemente de uma política que afirma as identidades produzidas no interior desse sistema, o questionamento da coerência identitária ataca a própria ordem que tenta institui-la, embaralhando noções que sustentam mecanismos de poder responsáveis pela produção de corpos dóceis (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 60).

Dessa forma, quando as/os pesquisadoras/es trans não reproduzem uma coerência/continuidade entre sexo e gênero, de acordo com o que a sociedade impõe como normal, eles reivindicam a sua ininteligibilidade e, de certa forma, rompem com o que é imposto no interior desse sistema, tirando de ordem os princípios que

sustentam os mecanismos de poder, os quais são os responsáveis por produzir corpos dóceis.

Assim, ao colocarem em xeque o que é imposto no interior desse sistema, as pessoas trans, segundo Berenice Bento (2011), subvertem as normas de gênero à medida que reivindicam o seu gênero e o constroem em desacordo com as normas impostas pela sociedade, acabando em discordância com o que nos é imposto como corpo sexuado. Para Judith Butler (2003), quando ocorre a fuga do binário, nascem os outros, que são apresentados como abjetos, reprováveis e ininteligíveis, já que escapam do controle e da disciplina que instituem os corpos inteligíveis, os quais são "categorias, linguagens e instituições que fazem com que o gênero tenha sentido e instituem e mantém relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo" (BUTLER, 2003, p. 38). Portanto, as dificuldades e os preconceitos que as pessoas que são classificadas como abjetos sofrem são maiores se comparadas às de uma pessoa que segue a norma social.

Desse modo, ao entendermos o gênero como um artifício flutuante, que é construído culturalmente, quando nos referimos aos termos trans, para falar das diferentes formas de expressão dos gêneros, é importante compreendermos como e em que momentos as discussões que decorrem delas começaram a emergir. Isso é importante, todavia, não com o propósito encerrar um conceito, mas a fim de perceber o quanto alguns termos são invenções produzidas por meio da linguagem e da cultura.

Em um trabalho realizado pela pesquisadora Ariel Dorneles dos Santos e pelo pesquisador Tiago Duque (2019), foi apontado que "no decorrer dos últimos anos, as categorias travesti e transexual passaram por definições e reconstruções que agiam em decorrer do tempo histórico e, principalmente, dos grupos que tentavam legitimá-las ou deslegitimá-las" (p. 19). Já de acordo com a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019) "os termos travesti e transexual passaram a ser utilizados com frequência a partir da segunda metade do século XX" (p. 117). No entanto, os primeiros ensaios, para os entendimentos que temos acerca desses termos, atualmente, começaram muito antes disso.

O primeiro termo a surgir, relacionado a essa temática, foi o vocábulo travesti. Conforme Jorge Leite Jr. (2011), esse termo surgiu com a obra intitulada *Travestites – the erotic drive to cross-dress,* elaborada pelo médico Magnus Hirscfeld, que foi publicada no ano de 1910 e possibilitou a elaboração dos termos travesti e

travestismo, fazendo uma relação com a utilização de roupas do gênero “oposto” com um sentido sexual. É interessante refletir que, ao adquirir o sufixo “ismo”, o termo passa a ser enquadrado em uma nova categoria clínica e ganha sentido associado à sexualidade, passando a ser usado para rotular “uma pessoa (tra)vestida com roupas do sexo oposto por motivações eróticas” (LEITE JR, 2011, p. 102).

Além do termo travestismo, Magnus Hirscfeld também usava o termo “transexualpsíquico”, o qual voltou a ser empregado em 1949, pelo sexólogo David Oliver Cauldwell, quando ele realizou um estudo alegando que algumas características eram consideradas como sendo exclusivas de pessoas trans, pois, até o momento, não havia separação entre transexuais e travestis (BENTO, 2006).

Uma referência, para a utilização do termo transexualidade, foi a cirurgia de redesignação sexual, realizada no ano de 1952 em Georges Jorgensen, o qual se tornou Christine, visto que, com a divulgação desse acontecimento, houve “uma importante reflexão sobre a construção da categoria de gênero” (ARAN; MURTA, 2009).

Essa categoria de gênero teve seu início pautado na patologização, “como categoria médica, nasce já como patológico e, principalmente, atrelado a um diagnóstico médico” (DIAS; ZENEVICH, 2014, p. 15). Nesse momento, também era perceptível a preocupação das ciências médicas em enquadrar essas pessoas dentro de uma norma binária e heteronormativa e, em função disso, o termo transexualidade passou a apresentar o sufixo ismo.

Com as constantes reformulações dos termos, “a troca da terminológica ‘transexualismo’ por ‘transexualidade’ ressignifica a categoria científica através de sua desvinculação do caráter patológico” (LEITE JR., 2011, p. 190), conferindo, aos termos transexualidade e travestilidade, significado de termos científicos para tratarem das pessoas que apresentavam uma inconformidade com seu gênero de nascimento.

Na concepção do pesquisador Guilherme Almeida (2012), não há como definir “universalmente a transexualidade nos moldes das concepções que os discursos médicos ajudaram a forjar, daí o recurso a Berenice Bento, para quem tal experiência é identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” (p. 515).

A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), assim como outras/os autoras/es, sugere que ocorreram uma série de avanços que possibilitaram a compreensão do gênero para além dos marcadores biológicos. Tais avanços

permitiram que as pessoas pudessem romper com a linearidade imposta pelo determinismo biológico entre a identidade de gênero e a genitália.

Diante nas diversas possibilidades de expressões de gênero existentes, neste trabalho, optamos por focar nas existências trans. Essas pessoas, em função de estarem em desacordo com a norma binária, na maioria das vezes, são excluídas/os de diversos espaços, e um deles é o campo científico, no qual elas, frequentemente, não são reconhecidas/os enquanto pesquisadoras/es.

Segundo a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018), “a ausência de um contexto histórico contribui para restringir a existência de travestis e mulheres transexuais as sociedades contemporâneas ocidentais, bem como a determinados espaços” (p. 70). Para a pesquisadora, “a nossa presença, enquanto travesti, fora da prostituição não é naturalizada” (2017a, n.p). Não reconhecer a existência das pessoas trans fora desse espaço da prostituição acaba contribuindo para que os preconceitos e as discriminações que atravessam essas pessoas se intensifiquem e as excluam ainda mais de outros espaços, como é o caso do campo científico.

Para pensarmos sobre o apagamento das existências trans ao longo da história, as pesquisadoras Sara Wagner York[4], Megg Rayara Gomes de Oliveira e Bruna Benevides (2020) em seu texto “Manifestações textuais (insubmissas) travesti” nos provocam a discutir a lógica do, que nomeiam como, trans epistemicídio. Para isso, é preciso,

> enfatizar alguns elementos do próprio exercício de escuta da “voz” travesti. Escutas atentas e outrora feitas por outros vieses que construiriam um arquivo ou banco de memórias para desenho de uma epistemologia e, neste caso, uma trans-epistemologia (p. 3).

Desta forma, ao realizar esse exercício da escuta das vozes de pessoas trans possibilita visibilizar outras possibilidades de existência trans que foram apagadas da construção da sociedade. Para pesquisadora Luma Nogueira Andrade (2012),

> [...] o deslocamento feito por travestis e mulheres transexuais em relação à prostituição encontra similitude na produção acadêmica quando estas deixam de ser os objetos de pesquisa e passam a ocupar o lugar de pesquisadoras e problematizam determinadas questões onde suas experiências se somam para potencializar determinados debates. Além do mais é preciso destacar que travestis e mulheres transexuais “não vivem apenas da prostituição, isso passa despercebido porque quase toda a obra é construída no contexto da prostituição” (p. 16).

[4] Neste artigo a pesquisadora Sara Wagner York também se nomeia como Sara Wagner Pimenta Gonçalves Jr.

Esse deslocamento que vem sendo feito, pelas pessoas trans, possibilita que, cada vez mais, sejam tecidas discussões como que as que nos propomos a fazer nesta dissertação. Com isso, é possível tensionar o fato de que deve ser feita uma inserção mais diversa no campo científico, em que as minorias não estejam nesse espaço somente enquanto objeto de pesquisa, mas sim enquanto pesquisadoras/es.

As pessoas são a todo momento subjetivadas tanto fora quanto dentro do campo científico, tanto pelo modo como se dá suas vivências de gênero como pela forma como se colocam dentro desse espaço.

Para Michel Foucault (2004) a subjetivação, processo de construção da experiência de si, foi uma forma de resistir ao poder e acontece através da articulação entre as técnicas do governo de si e as técnicas do governo dos outros, onde essas técnicas “permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, algumas operações sobre o seu corpo e a sua alma, os seus pensamentos, as suas condutas e o seu modo de ser” (FOUCAULT, 2014, p. 445).

Assim, entendemos nessa pesquisa que o termo subjetivação designa um processo relacionado a constituição de um/a sujeito/a, ou, mais exatamente, de uma subjetividade (REVEL, 2005). Assim, os “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” das pessoas correspondem a dois tipos de análise: os modos de objetivação que transformam as pessoas em sujeitas/os (que significa que os modos de subjetivação são nesse sentido práticas de objetivação) e a maneira pela qual a relação consigo permite a essas pessoas construir-se como sujeitas/os de sua própria existência (CASTRO, 2009; REVEL, 2005).

Entendendo objetivação como as práticas que fazem da pessoa um objeto e o modo como a/o sujeita/o aparece em uma determinada relação de conhecimento e de poder, esta pessoa pode ser objetivada como sujeita/o falante, produtivo e vivente. Assim, sempre que se fala em formas de subjetivação e objetivação é em relação a constituição da/o sujeita/o (CASTRO, 2009; REVEL, 2005).

As relações de poder objetivam a pessoa, através das práticas discursivas que são impostas a elas, sobre formas de ser uma/um pesquisadora/pesquisador dentro do campo científico, mas para que essas pessoas sejam de fato subjetivadas é preciso que elas aceitem as verdades que lhe são impostas.

Assim, nesse processo de subjetivação questões como “as relações que as pessoas estabelecem com os seus corpos, suas sexualidades, seus prazeres e

identidades de gênero, assim como a que firmam com os dos outros, atuam diretamente nos processos de subjetivação dos sujeitos” (PERES, 2010, p. 58).

Desta forma, quando diferentes possibilidades de expressões de gêneros passam a emergir em nossa sociedade, como as identidades trans, é preciso tecer problematizações que incluam essas outras representações de gênero, pois estas também subjetivam e produzem efeitos em outros processos de existências (PERES, 2010).

De acordo com Wiliam Siqueira Peres (2010), é possível reconhecer dois processos de subjetivação: os processos normatizadores e os processos singularizadores.

Segundo o autor, “os processos de subjetivação normatizadores dizem respeito à produção de sujeitos que reproduzem os modelos previamente dados, e dão manutenção a certo modo de viver disciplinado, regulado e repetitivo” (PERES, 2010, p. 58). Pensando na ação desse processo em pesquisadoras/es trans podemos relacionar isso a busca que essas pessoas que estão no campo científico têm pela produtividade, onde ao se encontrarem neste espaço elas/es acabam sendo subjetivadas/os a produzem pesquisas, estudos, artigos, a participarem de eventos, instrumentalizem suas falas, agir de determina modo, caso contrário não serão de fato pesquisadoras/es.

Já os modos de “subjetivação singularizadores se mostrariam como linhas de fuga, contra-poderes ou resistências frente ao poder que facilitariam a expressão da diferença, da singularidade e de modos desejantes potentes e criativos” (PERES, 2010, p. 58). Assim, possibilita que as pessoas trans possam tecer linhas de fuga e de resistência no campo científico para estarem presentes e visibilizadas enquanto pesquisadoras/es dentro deste espaço.

A autora Joan W. Scott (1998) nos provoca, em seu texto ‘A invisibilidade da experiência”, a pensar no quanto "a visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo" (p. 301-302). Assim, quando as/os pesquisadoras/es trans reivindicam esse espaço, no campo científico, enquanto produtoras/es de conhecimento científico, elas/es visibilizam as múltiplas possibilidades de existências e de experiências nesse espaço.

Cabe salientar que as pessoas trans têm produzido conhecimento em diversas áreas do conhecimento. Isso nos possibilita questionar: se essas pessoas estão produzindo saberes e conhecimentos científicos, por que elas/es não estão presentes de forma tão expressiva nos eventos como as/os demais pesquisadoras/es?

Para Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018), “dentre as inúmeras situações que corroboram para que visões deturpadas a respeito da existência de travestis e mulheres transexuais sejam difundidas, destaco o fato de que temos pouco espaço para produzir debates a respeito de nós mesmas” (p. 72). E, quando conseguem esse espaço de fala, no campo científico, “os poucos pesquisadores e pesquisadoras trans sofrem questionamentos velados quanto à sua isenção” (MARTINI; SABOIA, 2018, n.p).

Conforme Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018), quando pesquisadoras/es trans tentam expor suas produções:

> Tal situação deixa transparecer a desconfiança que ronda a produção teórica dessas/es profissionais, colocando sob suspeita não apenas a legitimidade de suas pesquisas, mas também a capacidade de atuação, bem como a suposta neutralidade acadêmica característica dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brancos cisgêneros heterossexuais (p. 72).

Esse debate nos permite refletir sobre o quanto o campo científico ainda está imerso de preconceitos, tanto em relação às pessoas trans, como no que se refere a outros grupos, que são minoria dentro desse espaço. Dessa forma, nossa provocação, com essa pesquisa, é tecer interlocuções com narrativas de pesquisadoras/es trans a fim de pensar a respeito de suas trajetórias, vivências e experiências no campo científico, problematizando os desafios e as possibilidades de suas existências a partir das narrativas que produzem.

De acordo com a pesquisadora Maria Zanella (2019), em uma reportagem concedida ao Projeto Colabora, as “pessoas trans e travestis estão revolucionando e produzindo conhecimento nas universidades do país” (n.p). Assim, na sequência deste estudo, apresentaremos algumas/alguns pesquisadoras/es trans brasileiros/as e discorreremos sobre quais temáticas essas pessoas têm debruçado suas pesquisas e suas produções acadêmicas.

No entanto, antes de darmos seguimento a essa apresentação, é necessário deixar claro que, nessa pesquisa, nós consideramos a pós-graduação como o marco para considerar essas pessoas como pesquisadoras/es, apesar de entendermos que

também se faz pesquisa nas etapas de escolarização anteriores à pós-graduação. Igualmente, escolhemos esse critério, para reconhecer pessoas enquanto pesquisadoras/pesquisadores, pelo fato de ser mais fácil de localizá-las quando estão na pós-graduação.

Sabemos que, para chegarem à pós-graduação, essas pessoas precisam concluir todas as etapas da educação, desde os anos iniciais, ao ensino médio, depois a graduação. Segundo Berenice Bento (2011), a escola não consegue lidar com a pluralidade e as diferenças entre as/os alunas/os. Em decorrência disso, acaba reproduzindo o padrão machista e heteronormativo que domina a sociedade. Dessa maneira, as pessoas trans acabam sendo excluídas desses espaços de formação, tanto da Educação Básica como dos níveis mais avançados, já que o corpo que a escola deseja é o corpo "jovem, saudável, magro, bonito e heterossexual, que atenda, de forma linear e 'natural', à relação de correspondência entre sexo, gênero e desejo." (SANTOS, 2010, p. 105).

No pensamento de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019), as pessoas trans têm que lidar com diversos preconceitos quando entram no ambiente escolar, isso quando conseguem ter acesso ao espaço da escola. A pesquisadora ainda ressalta que "escola me dizia o tempo todo que aquele espaço não era pra mim" (p. 9). Logo, é perceptível que permanecer nesse lugar é algo desafiador para as pessoas trans. A pesquisadora Marina Reidel (2013) destaca que, ao estar no espaço escolar, enquanto aluna, ela aprendeu o que é ser "um aluno diferente, e aprendi muito, muito bem, o que são as regras da escola, e o preço que se paga por desobedecer estas regras, em especial quando são regras não escritas, como é o caso da maioria das regras de gênero e sexualidade" (p.1).

Em função de a escola ser um ambiente generificado e binário, é difícil, para as pessoas trans, o término das primeiras etapas de escolarização. De acordo com uma pesquisa conduzida pelo defensor público João Paulo Carvalho Dias, é estimado que " o país concentre 82% de evasão escolar de travestis e transexuais" (CUNHA; HANNA, 2017, n.p), aumentando, assim, a vulnerabilidade dessas pessoas. Ademais, quando conseguem terminar as primeiras etapas de escolarização, elas precisam vencer uma nova barreira: ingressar na graduação.

Ainda refletindo sobre as dificuldades enfrentadas, nos espaços de escolarização, segundo dados encontrados no microdados (2020) do site do Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 1.240 trans, que foram identificados pela solicitação para o uso do nome social no dia da realização da prova, realizaram a inscrição para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre os anos de 2015 a 2018. Esse número é pequeno se comparado com o fato de o ENEM mobilizar quase 6 milhões de inscrições anualmente, conforme os dados do INEP (2020).

Os dados do ano de 2015 revelam que 3,56 pessoas trans foram inscritas no ENEM a cada 100 mil inscrições, subindo para 4,55 pessoas trans inscritas a cada 100 mil inscrições no ano de 2018. Isso revela que ocorreu um aumento no número de inscrições de pessoas trans no ENEM ao longo dos anos.

Todavia, essas inscrições não significam que as pessoas trans estejam, de fato, ingressando na universidade, uma vez que eles representam apenas menos de 0,1% do total de 533 mil alunos de instituições federais, de acordo com a última estatística divulgada pelo INEP (2019).

Para a pesquisadora Luma Nogueira Andrade (2019), as pessoas trans, quando ingressam na universidade, têm que passar por diversos preconceitos, assim como nos outros níveis de escolarização, em função de, normalmente, não serem aceitas nesses espaços por conta de suas performatividades corporais. Essa pesquisadora ainda destaca que, em seu caso, ela era vista, nesse ambiente de escolarização, como um “corpo que, ao tempo todo, precisava ser questionado e violentado para tentar se adequar, nem que fosse de forma superficial, aparente e momentânea” (n.p).

Ao vencerem mais essa etapa de escolarização, começa mais uma jornada no campo científico: o ingresso na pós-graduação. De acordo com um levantamento realizado por Diego Maia (2019) para a Folha de São Paulo, como já mencionamos em nossa pesquisa, apenas 11 das 63 universidades públicas possuem cotas para ingresso de pessoas trans na pós-graduação.

Essas políticas de cotas auxiliam as pessoas trans a ingressarem no campo científico, mas, conforme Heloisa Aparecida de Souza e Marcia Hespanhol Bernardo (2014), “as implementações de políticas públicas ocorrem de forma extremamente lentas e tímidas e as práticas que visam à igualdade de direito entre todos os cidadãos nos diversos contextos sociais ainda têm a necessidade de serem mais amplamente divulgadas e respeitadas” (p. 164).

Em uma reportagem da folha de São Paulo, a deputada transexual eleita na Assembleia Legislativa de São Paulo Erica Maluguinho (PSOL) declarou que ter pessoas trans, no campo científico, "é um benefício para a universidade, que terá a oportunidade e o privilégio de lidar com mentes que resistem e construíram intelectualidade a despeito de toda a opressão" (2019, n.p).

Pensando a respeito da ocupação do campo científico, por pessoas trans, um importante aliado, para pensar em formas de ampliar essa inserção nesse espaço, na concepção da pesquisadora Ana Luiza Pante e do pesquisador Estevão Rafael Fernandes (2019), no trabalho intitulado de “Novas demandas, novos espaços: Pessoas trans e ativismo online como estratégia de visibilidade”, são as redes sociais. Essas, além de possibilitarem uma maior visibilidade da luta das pessoas trans por direitos, também nos permitem conhecer outras/os pesquisadoras/es para além daqueles que nós já conhecemos e com as/os quais, até então, já tínhamos tecido interlocuções.

A seguir, apresentaremos, em ordem alfabética, algumas/alguns pesquisadoras/es trans brasileiras/os que conseguimos localizar ao longo da construção desse estudo. A localização destas/es pesquisadoras/es se deu a partir da realização de buscas em sites como o da Associação Nacional de Travestis e Transexuais(ANTRA), artigos científicos, reportagens na internet e publicações em redes sociais. Além de os apresentar, abordaremos um pouco do conhecimento que elas/es vêm produzindo no campo científico.

Figura 1 - Foto da pesquisadora Adriana Salles.

Fonte: http://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=noticias&id=4664, 2020.

Adriana Sales (Figura 1) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre

travestilidade e educação. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos a sua dissertação de mestrado[5] intitulada de “Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis” defendida no ano de 2012. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1060044890442594.

Figura 2 - Foto da pesquisadora Alice Pagan.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/2208519054622204, 2021.

Alice Pagan (Figura 2) é uma mulher trans ou travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre Educação Científica e Educação em Saúde, com interesse principalmente no seguinte tema: elementos não racionais da aprendizagem sobre a natureza (afetivos e identitários) apartir da compreensão: do ensino de Evolução Biológica, da relação entre Ciência e Etnociência e dos movimentos Ecofeministas. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[6] intitulado de “O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento”, publicado no ano 2018. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2208519054622204.

[5] SALES, Adriana Barbosa. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso. Mato Grosso, p. 115. 2012.

[6] PAGAN, Alice Alexandre. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias: Educação, cultura e sociedade**, v. 7, p. 73-86, 2018.

Figura 3 - Foto da pesquisadora Amara Moira.

Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/12/amara-moira-a-travesti-com-o-poder-da-palavra-que-virou-doutora_a_23383141/, 2020.

Amara Moira (Figura 3) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento da linguística. Ela realiza pesquisas sobre literatura, linguística e questões acerca das identidades trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[7] intitulado de "'Monstruoso corpo de delito': personagens transexuais na literatura brasileira" publicado no ano 2018. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9525508472942677.

Figura 4 - Foto do pesquisador Amiel Modesto Vieira.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/8277271128785827, 2021.

Amiel Modesto Vieira (Figura 4) é um homem trans intersexo que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ele realiza

[7] MOIRA, Amara. 'Monstruoso corpo de delito': personagens transexuais na literatura brasileira. **Suplemento Pernambuco**, v. 154, p. 18-19, 2018.

pesquisas sobre política, intersexualidade e questões acerca das identidades trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos a sua dissertação de mestrado[8] intitulada de “. Ainda há esperança na Política? A web e a Formação do Partido Pirata”, defendida no ano 2015. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8277271128785827.

Figura 5 - Foto da pesquisadora Atena Beauvoir Roveda.

Fonte: https://literaturars.com.br/2019/06/11/curso-com-atena-beauvoir-investiga-a-transexistencia-e-os-mitos-gregos/, 2020.

Atena Beauvoir Roveda(Figura 5) é uma mulher travesti tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre filosofia e questões acerca das identidades trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu livro[9] intitulado de “Contos Transantropológicos”, publicado no ano de 2017. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/172005194829021.

[8] VIEIRA, Amiel Modesto. **Ainda há esperança na Política? A web e a Formação do Partido Pirata**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC. Santo André, p. 110. 2015.
[9] ROVEDA, Atena Beauvoir. **Contos Transantropológicos**. 1. ed. Porto Alegre: Gráfica e Editora Gaúcha, 2017. v. 2. 116p.

Figura 6 - Foto do pesquisador Benjamim Braga.

Fonte: http://www.teclemulher.com.br/noticia,183,o-desafio-da-transmasculinidade-e-suas-implicacoes-juridicas-sera-tema-de-palestra-na-9a-subsecao-da-oab.html, 2021.

Benjamim Braga (Figura 6) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências da saúde. Ele realiza pesquisas sobre cuidado em saúde e transmasculinidades. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos a sua dissertação de mestrado[10] intitulada de "Transmasculinidades e o cuidado em saúde: desafios e impasses por vidas não-fascistas", defendida no ano 2015. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link do seu currículo na plataforma escavador: https://www.escavador.com/sobre/4945421/beatriz-de-almeida-neves

Figura 7 - Foto da pesquisadora Brune Coelho Brandão.

Fonte: https://www2.ufjf.br/noticias/2017/02/03/ufjf-e-visibilidade-trans-luta-por-garantia-de-direitos-e-principal-desafio/, 2020.

[10] NEVES, Benjamim Braga de Almeida. **Transmasculinidades e o cuidado em saúde: desafios e impasses por vidas não-fascistas**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Centro de Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 131. 2015.

Brune Coelho Brandão (Figura 7) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre saúde, educação, juventude, políticas públicas, direitos sexuais e sexualidades, gênero e feminismo, psicologia comunitária e pesquisa-intervenção. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[11] intitulado de “Por onde circulam os corpos invisíveis? Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano”**,** publicado no ano 2018. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0756237375412592.

Figura 8 - Foto do pesquisador Cin Falchi.

Fonte: https://marilianoticia.com.br/professor-trans-aciona-a-justica-para-ter-nome-social-reconhecido/, 2020.

Cin Falchi (Figura 8) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ele realiza pesquisas sobre filosofia da educação, erótica e sexualidades, questões de gênero na Filosofia da Diferença. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[12] intitulado de “Os feminismos de cada dia”, publicado no ano 2015. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5460109283380236.

[11] BRANDÃO, Bruna Coelho; PRADOS, Nathália Carneiro; PERUCCHI, Juliana. Por onde circulam os corpos invisíveis? Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano**. REBEH**, v. 2, p. 141-170, 2018.
[12] FALCHI, Cin Alves. Os feminismos de cada dia. **Filosofia (São Paulo)**, v. 104, p. 34-41, 2015.

Figura 9 - Foto da pesquisadora Céu Cavalcanti.

Fonte: https://medium.com/@ceucavalcanti, 2020.

Céu Cavalcanti (Figura 9) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre psicologia, pesquisa-intervenção em psicologia e questões acerca das identidades trans e políticas de saúde para a população trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[13] intitulado de “Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização”, publicado no ano 2018. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2832039138064429.

Figura 10 - Foto da pesquisadora Daniela da Silva prado.

[13] CAVALCANTI, Céu; BARBOSA, Roberta Brasilino ; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho . Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO (ONLINE)**, v. 38, p. 175-191, 2018.

Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/entry/intelectual-mulheres-transexuais_br_5c4fa99be4b0d9f9be68554a, 2020.

Daniela da Silva prado (Figura 10) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre crítica literária, literatura comparada, literatura brasileira, memórias e vale do paraíba. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu livro[14] intitulado de “Nogueira Moutinho comparatista literário”, publicado no ano de 2011. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Escavador: https://www.escavador.com/sobre/2927353/daniela-da-silva-prado.

Figura 11- Foto da pesquisadora Fran Demétrio.

Fonte: http://www.multivista.com.br/site/2017/09/05/palestra-sobre-nutricao-e-saude-marca-homenagem-ao-dia-do-nutricionista/, 2020.

Fran Demétrio (Figura 11) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro das áreas de conhecimento das ciências da saúde e das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre humanização, integralidade e interseccionalidade do cuidado em saúde e nutrição; saúde, nutrição, gêneros e sexualidades; nutrição clínica ampliada; qualidade de vida; racionalidades em saúde e nutrição; aleitamento materno; nutrição materno-infantil; epistemologia nutricional e sanitária; segurança alimentar e nutricional; formação interdisciplinar em saúde; e direitos humanos epistêmicos. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[15] intitulado de “O conhecimento dos outros: a defesa dos direitos humanos epistêmicos”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais

[14] PRADO, Daniela da Silva . **Nogueira Moutinho comparatista literário**. O Lince, 01 jun. 2011.
[15] DEMÉTRIO, Fran ; BENSUSAN, Hilan Nissior. O conhecimento dos outros: a defesa dos direitos humanos epistêmicos. **REVISTA DO CEAM**, v. 5, p. 110-124, 2019.

produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0011748813752094.

Figura 12 - Foto da pesquisadora Frida Pascio Monteiro.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/0539335850104750, 2021.

Frida Pascio Monteiro (Figura 12) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro das áreas de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre psicanálise e constituição da subjetividade em experiências trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[16] intitulado de "Orientação sexual e cirurgia de redesignação: a passabilidade e a manutenção de relacionamentos afetivo-sexuais em mulheres trans", publicado no ano 2021. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0539335850104750.

Figura 13 - Foto da pesquisadora Gabriela da Silva.

Fonte: https://www.facebook.com/ibteducacao/photos/a.123712875305960 0/2839833272789132, 2020.

[16] MONTEIRO, Frida Pascio; PORCHAT, P. Orientação sexual e cirurgia de redesignação: a passabilidade e a manutenção de relacionamentos afetivo-sexuais em mulheres trans. **REVISTA PERIÓDICUS**, 2021.

Gabriela da Silva (Figura 13) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre educação, êxodo escolar e as questões de gênero e sexualidade. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos a sua tese de doutorado[17] intitulada de “Sujeitos estudantes e identidades de travestis e transexuais, na Rede Estadual de Ensino de SC”, ainda não finalizada. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link do seu currículo na plataforma escavador: https://www.escavador.com/sobre/418906/gabriela-da-silva

Figura 14 - Foto da pesquisadora Gabrielle Weber.

Fonte: https://medium.com/@gbrlwbr, 2020.

Gabrielle Weber (Figura 14) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências exatas e da terra. Ela realiza pesquisas sobre física das partículas elementares e campos com ênfase em integrabilidade. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[18] intitulado de “The Lax pair for the fermionic Bazhanov-Stroganov R-operator”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0473784991529055.

[17] SILVA, Gabriela da. **Sujeitos estudantes e identidades de travestis e transexuais, na Rede Estadual de Ensino de SC**. Início: 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC.

[18] Melikyan, Amelik; WEBER, Gabrielle. The Lax pair for the fermionic Bazhanov-Stroganov R-operator. **PHYSICS LETTERS B**, v. 12, p. 136005, 2020.

Figura 15 - Foto do pesquisador Guilherme Almeida.

Fonte: https://www2.ufjf.br/noticias/2019/06/12/experiencias-trans-promovem-reflexao-sobre-nossa-propria-liberdade/, 2020.

Guilherme Almeida (Figura 15) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências sociais e ciências humanas. Ele realiza pesquisas sobre relações de gênero, sexualidade, saúde sexual, direitos sexuais, DST/Aids, relações étnico-raciais, população trans, famílias, políticas sociais e serviço social. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[19] intitulado de “Revisitando a aquarela das masculinidades”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções d pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2981461762793065.

Figura 16 - Foto da pesquisadora Helena Vieira.

Fonte: https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/fortaleza-podera-ter-primeira-trans-candidata-a-prefeitura, 2020.

[19] ALMEIDA, Guilherme Silva. Revisitando a aquarela das masculinidades. **CULT (SÃO PAULO),** v. 242, p. 32-35, 2019.

Helena Vieira (Figura 16) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre as questões de gênero, sexualidade e política. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu livro[20] intitulado de “Corpos interrompidos: Crônicas de transição”. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Mapa cultural: https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/34974/curr%C3%ADculo_helena_vieira.pdf.

Figura 17 - Foto da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus.

Fonte: https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/12/02/violencia-contra-mulheres-trans-e-travestis-comeca-em-casa/, 2020.

Jaqueline Gomes de Jesus (Figura 17) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre saúde do trabalhador, gestão da diversidade, trabalho, identidade social e movimentos sociais, com ênfase em gênero e feminismo, orientação sexual e cor/raça. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[21] intitulado de “Xica Manicongo: A transgeneridade toma a palavra”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0121194567584126.

[20] VIEIRA, Helena. **Corpos interrompidos: Crônicas de transição.**
[21] JESUS, JAQUELINE GOMES DE. Xica Manicongo: A transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, p. 250-260, 2019.

Figura 18 - Foto da pesquisadora Jasmine Moreira.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/9824166143257901, 2021.

Jasmine Moreira (Figura 18) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre as questões relacionadas aos gêneros e a comunidade LGBTQI+. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[22] intitulado de “Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9824166143257901.

Figura 19 - Foto da pesquisadora Jessie Sobiesk da Costa.

Fonte: http://portaladverso.com.br/noticia/506, 2020.

[22] MOREIRA, Jasmine; CÉSAR, Maria Rita De Assis . Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise. **EDUCAÇÃO E REALIDADE**, v. 44, p. 10, 2019.

Jessie Sobiesk da Costa (Figura 19) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências exatas e da terra. Ela realiza pesquisas sobre síntese e caracterização de compostos naturais e não-naturais bioativos. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[23] intitulado de “Copper-Catalyzed Hydroboration of Propargyl-Functionalized Alkynes in Water”, publicado no ano 2016. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3084091037719464.

Figura 20 - Foto do pesquisador Kaio Souza Lemos.

Fonte: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8735536Z8, 2020.

Kaio Souza Lemos (Figura 20) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ele realiza pesquisas sobre as questões de gênero, religião, antropologia, corpo, saúde e transexualidade. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu livro[24] intitulado de “No candomblé, quem é homem e quem não é?”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1640454476254228.

[23] COSTA, Jessie; BRAUN, Roger; HORN, Pedro; LÜDTKE, Diogo; MORO, Angélica Venturini. Copper-Catalyzed Hydroboration of Propargyl-Functionalized Alkynes in Water. **RSC Advances: an international journal to further the chemical sciences**, v. 6, p. 59935-59938, 2016.
[24] LEMOS, Kaio Souza. **No candomblé, quem é homem e quem não é?**. 01. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. v. 01. 136p.

Figura 21 - Foto da pesquisadora Lauri Silva.

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=309877616797558&set=a.151585451526804&type=3&theater, 2020.

Lauri Silva (Figura 21) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre políticas públicas, movimentos sociais, estudos culturais e na área do ensino de história e sobre as questões que perpassam o gênero e a sexualidade no ambiente escolar. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[25] intitulado de "Experiências e estratégias no ensino de História sobre gênero e sexualidade na educação básica em Triunfo/Candeias do Jamari-RO", publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5541804043928355.

Figura 22 - Foto da pesquisadora Leonardo Tenório.

[25] SILVA, Lauri Miranda. Experiências e estratégias no ensino de História sobre gênero e sexualidade na educação básica em Triunfo/Candeias do Jamari-RO. **FRONTEIRAS: REVISTA DE HISTÓRIA**, v. 22, p. 50-66, 2020.

Fonte: https://site.cfp.org.br/dia-da-visibilidade-trans-entrevista-com-leonardo-tenorio/, 2021.

Leonardo Tenório (Figura 22) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ele realiza pesquisas sobre psicologia e identidades trans. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[26] intitulado de “As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma”, publicado no ano 2016. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6796436619208360.

Figura 23 - Foto da pesquisadora Leticia Carolina Nascimento.

Fonte: https://www.meionorte.com/noticias/leticia-carolina-a-primeira-travesti-professora-da-ufpi-358446, 2020.

Leticia Carolina Nascimento (Figura 23) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre as questões de gênero, sexualidade e educação. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[27] intitulado de “Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7740026689471870.

[26] TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa; PRADO, Marco Aurélio Máximo. As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma. **Revista Periódicus**, v. 1, p. 41-55, 2016.

[27] NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia**. Inter-legere (UFRN)**, v. 3, p. 1-22, 2020.

Figura 24 - Foto da pesquisadora Lucy Gomes de Souza.

Fonte: https://ciencianarua.net/da-live-a-science/, 2020.

Lucy Gomes de Souza (Figura 24) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências biológicas. Ela realiza pesquisas sobre biologia sistemática, filosofia da ciência, morfologia/evolução de crocodilianos, paleontologia, representatividade na ciência e sistemática filogenética. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[28] intitulado de "New outcrop with vertebrate remains from Solimões Formation (Eocene-Pliocene), Southern Solimões Basin, Acre State, Northern Brazil", publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2285315586581816.

Figura 25 - Foto da pesquisadora Luma Nogueira de Andrade.

[28] LACERDA, Mauro Bruno Da Silva ; DE SOUZA, Lucy Gomes ; LOBO, Leonardo S. ; SCHAEFER, Carlos Ernesto G.R. ; ROMANO, Pedro Seyferth R. New outcrop with vertebrate remains from Solimões Formation (Eocene-Pliocene), Southern Solimões Basin, Acre State, Northern Brazil. **JOURNAL OF SOUTH AMERICAN EARTH SCIENCES**, v. 1, p. 102588, 2020.

Fonte: https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2015/09/temos-uma-cultura-machista-e-lgbtfobica--afirma-primeira-travesti-doutora-1013907749.html, 2020.

Luma Nogueira de Andrade (Figura 25) é uma mulher travesti que em produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre direitos humanos, diversidade cultural, etnicorracialidade, gênero e sexualidade, educação, políticas públicas e movimentos sociais. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[29] intitulado de “Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0224516764373536.

Figura 26 - Foto da pesquisadora Lyah Santos Corrêa.

Fonte: https://www.oliberal.com/troppo/a-violencia-de-cada-dia-1.246704, 2020.

Lyah Santos Corrêa (Figura 26) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento da psicologia. Ela realiza pesquisas sobre gênero, corpo e sexualidade com foco em diversidade sexual. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu livro[30] intitulado de “Girassol de Setembro e outros escritos”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5748369574640585.

[29] ANDRADE, Luma Nogueira de. Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 13, p. 330, 2019.
[30] CORRÊA, Lyah Santos. Era uma vez eu, Katarine. In: LEITE, Leila; FERREIRA, Lucélia; CARDOSO, Denise. (Org.). **Girassol de Setembro e outros escritos.** 1ed.Belém: Gato Ed, 2020, v. 1, p. 88-89.

Figura 27 - Foto da pesquisadora Maria Zanela.

Fonte: https://noticias.ufsc.br/2019/01/netrans-ufsc-tem-primeiro-grupo-de-pesquisa-do-brasil-criado-por-estudantes-trans/, 2020.

Maria Zanela (Figura 27) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre as questões acerca de gênero e transgeneriadade. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[31] intitulado de “. Acesso à informação para construção da cidadania: resoluções do nome social como estratégia de inclusão”, publicado no ano 2018. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3903831219751532.

Figura 28 - Foto da pesquisadora Marina Reidel.

Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/11/marina-reidel-a-professora-transexual-que-promove-direitos-lgbt-dentro-e-fora-da-sala-de-aula_a_23408835/, 2020.

[31] ZANELA, Maria. Acesso à informação para construção da cidadania: resoluções do nome social como estratégia de inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online),** v. 14, p. 367-396, 2018.

Marina Reidel (Figura 28) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre sexualidade, gênero, a formação de professoras/es, sobre professoras travestis e transexuais e na área das artes e sobre temáticas que envolvem as artes em interface as questões de gênero e sexualidade. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[32] intitulado de “Transvestite and Transsexual Teachers: The -High Heels Pedagogy“, publicado no ano 2015. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8281771638815364.

Figura 29 - Foto da pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira.

Fonte: https://www.brasildefatopr.com.br/2017/08/12/doutora-e-travesti-megg-rayara-fortalece-o-combate-a-homofobia-no-meio-academico, 2020.

Megg Rayara Gomes de Oliveira (Figura 29) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre relações raciais, arte africana, arte afro-brasileira, gênero e diversidade sexual. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[33] intitulado de “SIM, Eu aceito! Conjugalidade, casamento e organização familiar negra durante o regime escravista no Brasil”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0966589193883906.

[32] SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina . Transvestite and Transsexual Teachers: The -High Heels Pedagogy-. **Creative Education,** v. 06, p. 2372-2383, 2015.
[33] Oliveira, Megg Rayara Gomes de. SIM, Eu aceito! Conjugalidade, casamento e organização familiar negra durante o regime escravista no Brasil Megg Rayara Gomes De Oliveira. **Artefilosofia - Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP**, v. 15, p. 4, 2020.

Figura 30 - Foto da pesquisadora Sara Wagner York.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Mmnvpoa6OjI, 2020.

Sara Wagner York (Figura 30) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre movimentos trans e intersexo na educação e formação educacional. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[34] intitulado de "A travesti, o vaticano e a sala de aula", publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9084306265158131.

Figura 31 - Foto da pesquisadora Sarug Dagir Ribeiro.

Fonte: https://br.linkedin.com/in/sarug-dagir-ribeiro,2020.

[34] YORK, Sara Wagner. A travesti, o vaticano e a sala de aula. **SOMANLU**, v. 19, p. 120-133, 2019.

Sarug Dagir Ribeiro (Figura 31) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre literatura, psicopatologia, psicologia clínica e sobre as questões que perpassam o gênero. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[35] intitulado de “Algumas questões sobre a adoção na vida e obra de Marie Bonaparte”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5176917715185618.

Figura 32 - Foto d pesquisador Shay Rodríguez.

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=885576668470839&set=ecnf.100010555422491&type=3&theater, 2020.

Shay Rodríguez (Figura 32) é um homem transexual que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento ciências humanas. Ele realiza pesquisas sobre a transexualidade relacionada com a questão corporal, políticas públicas, direitos e acessos e meios de como a vivência trans poderia ser mais visibilizada.

Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[36] intitulado de “Falo nos espaços públicos de Rio Grande, RS, Brasil”, publicado no ano 2021. Para conhecer as demais produções do pesquisador disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2391286637997170.

---

[35] RIBEIRO, Sarug Dagir. Algumas questões sobre a adoção na vida e obra de Marie Bonaparte. **ESTILOS DA CLÍNICA**, v. 25, p. 210-219, 2020.

[36] RODRÍGUEZ, Shay De Los Santos; GOULART, Fábio Ortiz. falo nos espaços públicos de Rio Grande, RS, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 34, p. 45-70, 2021.

Figura 33 - Foto da pesquisadora Sofia Favero.

Fonte: https://hysteria.etc.br/colaboradoras/sofia-favero/, 2020.

Sofia Favero (Figura 33) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas são voltadas para temas como gênero, sexualidade, ativismo, epistemologia, infância, diagnóstico e patologização. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[37] intitulado de “Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais”, publicado no ano 2020. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5329968418889075.

Figura 34 - Foto da pesquisadora Thalita Moreira.

[37] FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **REVISTA EQUATORIAL - REVISTA DOS ALUNOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**, v. 7, p. 1-21, 2020.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/1218431929847461, 2021.

Thalita Moreira (Figura 34) é uma mulher trans que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas nas áreas da educação, educação Étnico - Racial, cultural, social e arte educação. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu capítulo de livro[38] intitulado de “Me Gritaram Negra”, publicado no ano 2012. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1218431929847461.

Figura 35 - Foto da pesquisadora Ti Ochôa.

Fonte: http://lattes.cnpq.br/8150775152026283, 2020.

Ti Ochôa (Figura 35) é uma mulher travesti que tem produzido seus trabalhos dentro da área de conhecimento das ciências humanas. Ela realiza pesquisas sobre as questões trans e estudos literários e culturais. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu resumo[39] intitulado de “A Trilogia Tebana e as Transformações no Ideário Grego: Antinomia entre Lei Escrita e Lei Antiga no Século V A.C.”, publicado no ano 2013. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8150775152026283.

[38] MOREIRA, Thalita Ferreira. Me Gritaram Negra. In: Denise M. Bussoletti; Vagner Vargas. (Org.). **Leituras Em Dramaturgia Teatral Para Diversidade**. 1ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2012, v. 1, p. 77-78

[39] Ochoa, Ti; ALVES, Lourdes. Kaminsk. A Trilogia Tebana e as Transformações no Ideário Grego: Antinomia entre Lei Escrita e Lei Antiga no Século V A.C.. **In: XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino Americano**, 2013, Cascavel. SIMPÓSIOS (Caderno de Resumos), 2013.

Figura 36 - Foto da pesquisadora Vivian Miranda.

Fonte: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/21/vivian-miranda-trans-nasa.htm, 2020.

Vivian Miranda (Figura 36) é uma mulher transexual que tem produzido seus trabalhos na área de conhecimento das ciências exatas e da terra. Ela realiza pesquisas sobre cosmologia, física e astrofísica. Como exemplo de uma de suas produções mencionamos o seu artigo[40] intitulado de “Observable predictions for massive-neutrino cosmologies with model-independent dark energy”, publicado no ano 2019. Para conhecer as demais produções da pesquisadora disponibilizamos o link de seu Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8502705575197887.

Essas/es pesquisadoras/es nos possibilitaram enxergar o campo científico como sendo um espaço possível para a existência de múltiplas e diversas pessoas que estão produzindo conhecimento científico/acadêmico.

As teorizações que foram tecidas, nessa parte de nosso estudo, tiveram, como objetivo, pensar a construção desse trabalho como uma forma potente de questionar, de problematizar, como as pessoas trans continuam tendo pouca visibilidade, inserção e reconhecimento, no campo científico, enquanto pesquisadoras/es.

Na sequência, serão narrados os caminhos que percorremos ao longo dessa pesquisa, sendo apresentadas a metodologia e as escolhas que nos conduziram à escrita em forma de narrativa.

[40] RIVERO, Ana Diaz; MIRANDA, Vivian ; DVORKIN, Cora. Observable predictions for massive-neutrino cosmologies with model-independent dark energy. **PHYSICAL REVIEW D**, v. 100, p. 063504, 2019

4 A NARRATIVA ENQUANTO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: TECENDO ALGUMAS COSTURAS

Tendo em vista que “as nossas escolhas teóricas circunscrevem, orientam, organizam as possibilidades metodológicas de nossa investigação” (BUJES, 2007, p. 26), nossos movimentos de pesquisa não acontecem por acaso. Ao produzirmos essa pesquisa, alicerçada a partir do campo no campo dos Estudos Culturais e de Gênero, na perspectiva pós-estruturalista, entendendo, conforme Sandra Mara Corazza (2007, p. 120), que nenhuma metodologia pode ser considerada como a sua metodologia, assim como também não pode ser utilizada como garantia de que nos levará a “verdades” absolutas.

Tendo como proposta, neste estudo, tecer interlocuções com narrativas de pesquisadoras/es trans produzidas por meio de entrevistas semiestruturadas visando problematizar as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade dessas pessoas, enquanto pesquisadoras/es, no campo científico, temos como metodologia de produção e análise dos dados a investigação das narrativas, entendendo-as enquanto uma modalidade discursiva.

De acordo com Jorge Larrosa (1994) a narrativa como modalidade discursiva,

> está já estruturada e pré-existe ao eu que se conta a si mesmo. Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado. Por isso, a narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, da experiência de si, mas a modalidade discursiva que estabelece tanto a posição do sujeito que fala (o narrador) quanto as regras de sua própria inserção no interior de uma trama (o personagem) (p.33).

Por conta de as pessoas já estarem imbuídas em estruturas narrativas que são pré-existentes elas acabam por construir e organizar suas experiências dentro do campo científico a modos que já são pré-estabelecidos de ser pesquisadoras/es. Desta forma, essas construções feitas a partir das narrativas são relacionadas “às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas” (LARROSA, 1994, p. 13).

Outra questão importante a ser salientada é que “essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou

menos institucionalizadas” (LARROSA, 1994, p. 13) que também produzem efeitos nas construções narrativas. Assim,

> A história das formas nas quais os seres humanos construíram narrativamente suas vidas e, através disso, sua autoconsciência, é também a história dos dispositivos que fazem os seres humanos contar-se a si mesmos de determinada forma, em determinados contextos e para determinadas finalidades (p. 33).

Dessa forma, a investigação das narrativas das pesquisadoras e dos pesquisadores trans que compõem essa dissertação possibilitou-nos dialogar e problematizar com as contribuições, as resistências, as vivências e as expectativas delas/es no campo pesquisa a partir dos modos como cada uma e cada um constrói as narrativas de suas experiências.

Destacamos que, durante o período das reuniões e das conversas de orientação que tivemos, para a elaboração dessa pesquisa, uma de nossas preocupações era em como iríamos estruturar nossa metodologia e quais ferramentas possibilitariam tornar potente e presente, em nosso estudo, uma polifonia entre as vozes que narraram suas histórias e as vozes que as escrevem. Ao longo desse processo, observamos a importância de construir a pesquisa em conjunto com as pesquisadoras e os pesquisadores que narraram suas trajetórias a fim de que não fosse mais um trabalho sobre essas pessoas, mas sim uma escrita em que mostrasse essa polifonia de vozes, as interlocuções tecidas nas narrativas. Acreditamos que somente assim seríamos motivados a pensar e a discutir, de forma coletiva e compartilhada, as questões da inserção, do reconhecimento e da permanência das pessoas trans no campo da produção científica.

As narrativas potencializam a exposição dos pensamentos e das diferentes visões de mundo, produzindo uma história que não pertence somente a quem narra, mas também a quem investiga, formando uma construção narrativa partilhada (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Assim, a investigação das narrativas se fez potente para esse estudo por buscar essa polifonia de vozes e em função de possibilitar o encontro de diferentes narrativas, as quais se intercruzaram e que estão em interlocução em nossa pesquisa.

No processo narrativo que foi produzido pelas/os pesquisadoras/es trans, essas/es sujeitas/os passam a construir suas histórias e a dar sentido a quem são. Em decorrência disso,

> a narrativa, como modo de discurso, está já estruturada e pré-existe ao eu que se conta a si mesmo. Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado (LARROSA, 2008, p. 70).

Desse modo, as narrativas que foram produzidas pelas/os pesquisadoras/es, as quais compõem esse estudo, estão alicerçadas em construções narrativas que são pré-existentes e que já possuem um significado sobre as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pessoas trans no campo científico.

Assim, ao nos dedicarmos a investigar essas três questões a respeito das/os pesquisadoras/es trans, a partir de suas narrativas compreendemos, segundo Cecília Galvão (2005), que toda a atividade humana envolve o uso da linguagem, deixando claro que “a linguagem assume assim uma potencialidade de organização de sentido que, posta em prática pelo próprio ou por um investigador, traz à superfície imagens, histórias que foram sendo cruciais ao longo de um percurso pessoal” (p. 328).

Por entendermos que as narrativas potencializam a exposição dos pensamentos e da visão de mundo das pessoas, a investigação das narrativas nos possibilita compreender os olhares e as experiências que pesquisadoras/es trans construíram/constroem acerca das questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade no campo científico.

Nesse processo de construção/produção da narrativa, existem cinco níveis de representação da experiência: dar sentido, contar, transcrever, analisar e ler, podendo-se acrescentar, ainda, o ato de analisar, uma vez que quem lê dá um novo sentido ao texto, de acordo com as suas vivências e suas referências.

Assim, entendemos que nossa postura, na investigação das narrativas, não é de pesquisadoras que “coletaram” informações para serem submetidas ao crivo das análises. Nós compreendemos que todas/os pesquisadoras/es, proponentes e participantes, tecem, nesse estudo, interlocuções, compartilham seus modos de pensar e de viver as questões aqui discutidas.

Assim, é produzido um novo texto narrativo, visto que as narrativas foram abertas à interlocução com as pesquisadoras que escrevem essa dissertação e com a banca avaliadora, pois, a partir dos objetivos construídos na pesquisa, ao olharmos para as narrativas, vamos criando outros sentidos e outros significados, produzindo narrativas diferentes. Dessa forma, optamos, nos artigos que compõem o capítulo de análises dessa dissertação, por organizar as narrativas produzidas em eixos

narrativos, os quais possibilitam agrupar narrativas com o intuito de tecer interlocuções e discussões sobre alguns temas e questões que emergiram delas.

Nesse movimento de produção e interlocução das/com as narrativas, podemos perceber os modos como as/os pesquisadoras/es experimentam o mundo, já que a narrativa nos provoca a pensar o "fluxo narrativo dos acontecimentos como uma autêntica exploração da experiência" (STRECK; GUSTSACK, 2014, p. 9).

Para Jorge Larrosa, a experiência não pode ser compreendida como:

> uma realidade, uma coisa, um fato, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão (LARROSA, 2015, p. 10).

Logo, as experiências que as pessoas produzem "são sempre criações discursivas, são invenções dos sujeitos no exercício de se construírem" (FERRARI, 2013, p. 15). Em função disso, quando as/os pesquisadoras/es compartilharam suas experiências a respeito de suas trajetórias, a partir das narrativas expressas nas entrevistas, essas pessoas visibilizaram e nos mobilizaram a pensar as marcas que estas trajetórias possuem.

Ainda pensando nos sentidos que são produzidos a partir do que experienciamos, Jorge Larrosa (2002) afirma que "é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre" (p. 25). Assim, "somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002, p.26), em que o saber da experiência é:

> o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (p. 27).

Dessa maneira, a forma como as pessoas trans, que fizeram parte deste trabalho, experienciam sua construção, enquanto pesquisadoras/es, dá-se a partir dos acontecimentos que elas/es vivenciaram, e o sentido desses acontecimentos ocorre ao longo dessa construção enquanto pessoas/pesquisadoras/pesquisadores

.

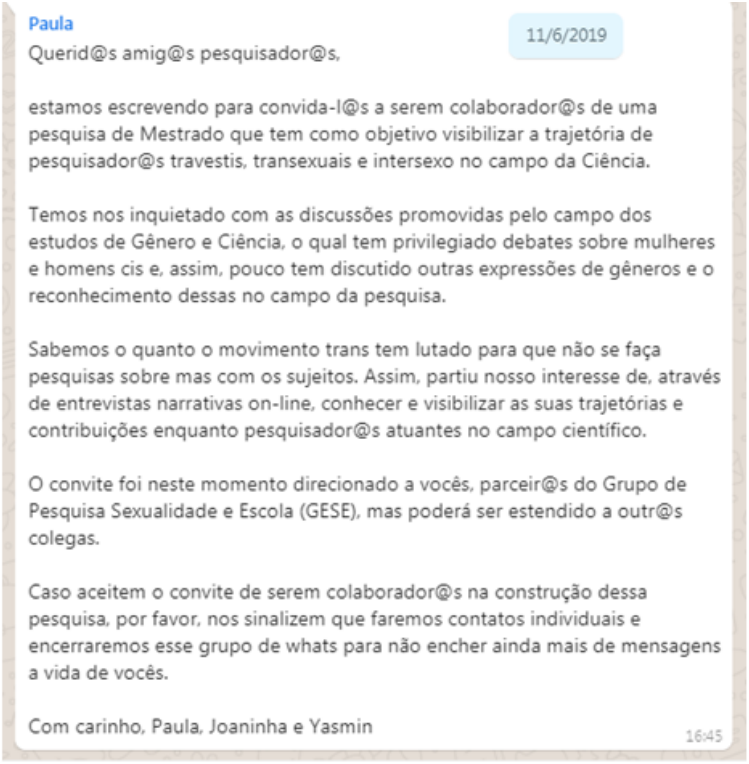
4.1 Movimento metodológico para produção dos dados: as entrevistas

Uma pessoa que esteve extremamente articulada, na realização do processo, foi a professora Paula Ribeiro, a qual nos indicou, nessa construção conjunta da pesquisa, possíveis pessoas, que, então, foram convidadas para produção das narrativas que compõe o corpus de análise desse trabalho. Nossa estratégia foi convidar pesquisadoras/es trans com as quais o Gese, um grupo que vem problematizando assuntos relacionados às questões de gênero para que, já tinha contato, já tecia interlocuções e, nesse momento, Paula se prontificou a fazer o primeiro contato, apresentando-nos, enquanto pesquisadoras do Gese assim, nós pudéssemos apresentar a proposta de pesquisa e fazermos o convite formal, convidando as/os interlocutoras/es a partilharem suas narrativas sobre as questões que se referem à visibilidade, ao reconhecimento e à inserção desses/as no campo científico.

A partir das conversas com a professora Paula, elencamos seis nomes de pesquisadoras/es trans que já tinham contato com o grupo de pesquisa e decidimos que nosso primeiro meio de estabelecer diálogo com eles/elas seria por intermédio de um grupo no *WhatsApp*, o qual, de acordo com Atos Grabriel de Souza (2015) “é uma ferramenta multiplataforma de mensagens instantâneas para smartphones e celulares que permite a seus usuários maior velocidade de comunicação rompendo distâncias e diminuindo custos” (p. 2).

O texto da primeira mensagem enviada (Figura 37) teve, como proposta, apresentar o objetivo da pesquisa e realizar o convite para que participassem dela.

Figura 37 - Imagem do primeiro contato feito com as/os pesquisadoras/es.

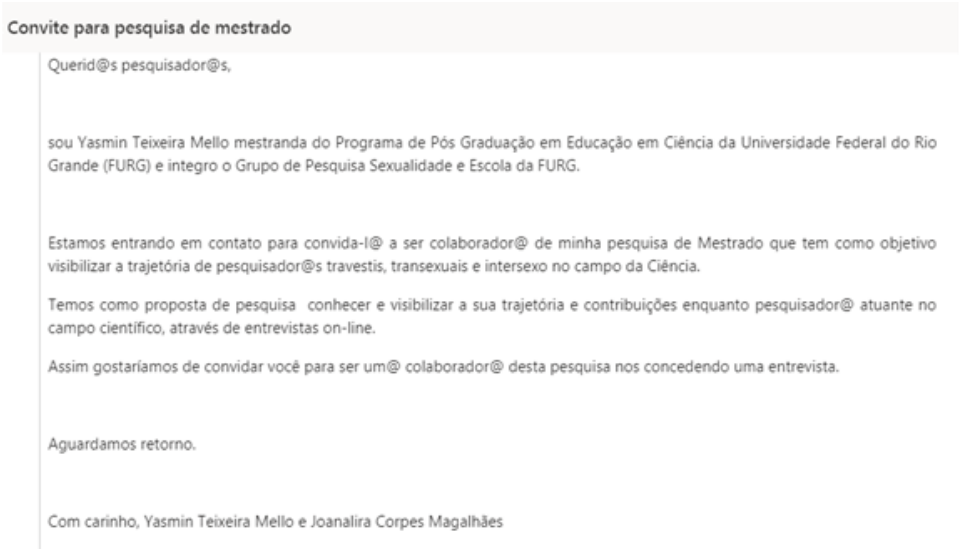


Fonte: Captura de tela da plataforma *WhatsApp*, produção da autora, 2019.

Das/dos seis pesquisadoras/es convidadas/os, quatro entraram em contato pelo próprio grupo do *WhatsApp,* aceitando o convite. Uma das pesquisadoras que recusou entrou em contato diretamente com a professora Paula, agradecendo o convite, mas afirmando que, naquele momento, não poderia aceitar, pois estava se concentrando em seu pós-doutorado. A outra pesquisadora convidada não nos retornou.

Com o desejo de convidar outras pessoas para participar da pesquisa, buscamos por pesquisadoras/es trans em grupos de pesquisa que discutem a temática gênero e sexualidades e em sites da internet. Nesse processo, convidamos mais duas pessoas para serem interlocutoras no estudo (Figura 38).

Figura 38 - Imagem e-mail enviado às pesquisadoras que foram incluídas em um segundo momento na pesquisa.



Convite para pesquisa de mestrado

Querid@s pesquisador@s,

sou Yasmin Teixeira Mello mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciência da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e integro o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da FURG.

Estamos entrando em contato para convida-l@ a ser colaborador@ de minha pesquisa de Mestrado que tem como objetivo visibilizar a trajetória de pesquisador@s travestis, transexuais e intersexo no campo da Ciência.

Temos como proposta de pesquisa conhecer e visibilizar a sua trajetória e contribuições enquanto pesquisador@ atuante no campo científico, através de entrevistas on-line.

Assim gostaríamos de convidar você para ser um@ colaborador@ desta pesquisa nos concedendo uma entrevista.

Aguardamos retorno.

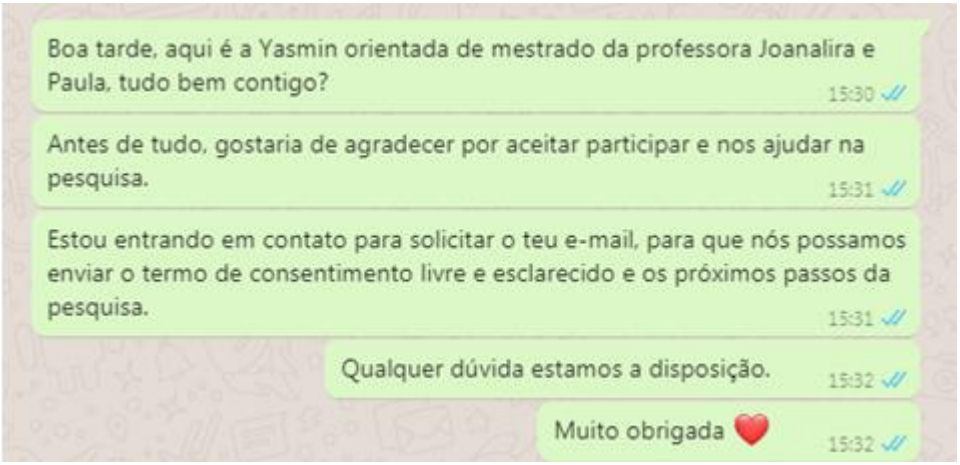
Com carinho, Yasmin Teixeira Mello e Joanalira Corpes Magalhães

Fonte: Captura de tela do e-mail da pesquisadora, produção da autora, 2019.

Dessas outras duas pesquisadoras convidadas por e-mail, nós obtivemos a resposta de uma delas, a qual nos enviou seu número de telefone, solicitando que entrássemos em contato via *WhatsApp* para apresentar melhor a pesquisa; já a outra pesquisadora não respondeu ao e-mail.

Enviamos uma mensagem, individualmente, via *WhatsApp*, para as/os pesquisadoras/es que ainda não tínhamos o contato de e-mail para solicitar essa informação a fim de que pudéssemos enviar, para cada uma/um, os próximos passos da pesquisa (Figura 39).

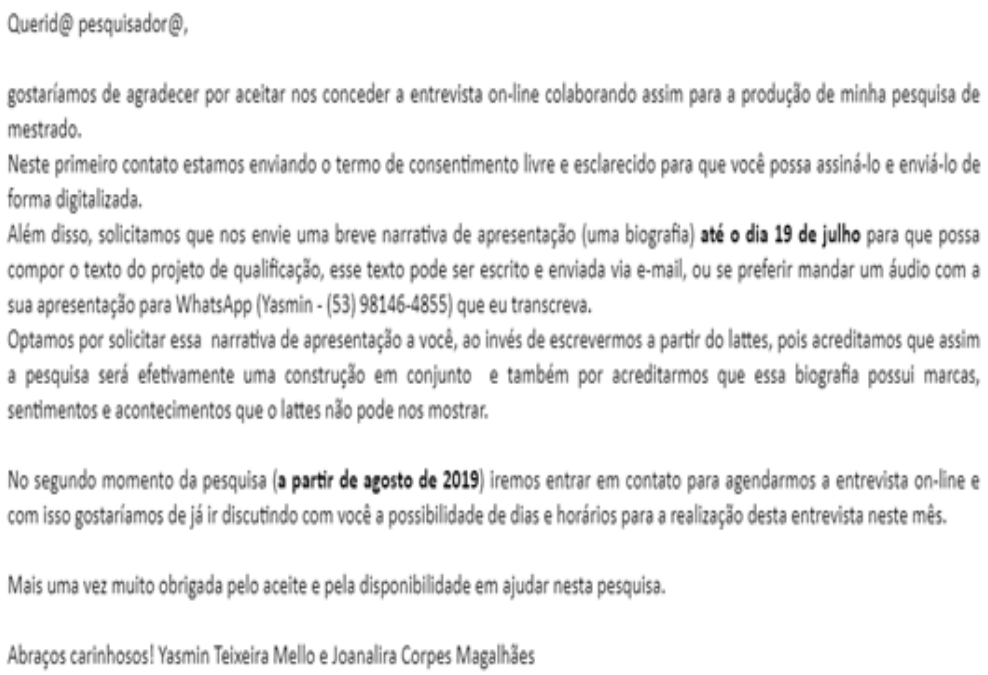
Figura 39 - Imagem da mensagem enviada as/aos pesquisadoras/es solicitando o e-mail.



Fonte: Captura de tela da plataforma *WhatsApp*, produção da autora, 2019.

Após a resposta das/os pesquisadoras/es, enviamos um e-mail individual solicitando que, neste primeiro momento, elas/es uma breve biografia (Figura 40). Nesse e-mail, também foi enviado, em anexo, o termo de consentimento livre e esclarecido, juntamente com o pedido, com o intuito de que o assinassem e enviassem por e-mail. É preciso salientar que esse primeiro termo de consentimento foi feito antes de a pesquisa passar pelo Comitê de Ética[41] e que, quando a pesquisa passou por esse processo, o termo foi modificado e reestruturado seguindo as orientações do comitê.

Figura 40 - Imagem do e-mail de contato individual com as/os pesquisadoras/es.



Querid@ pesquisador@,

gostaríamos de agradecer por aceitar nos conceder a entrevista on-line colaborando assim para a produção de minha pesquisa de mestrado.
Neste primeiro contato estamos enviando o termo de consentimento livre e esclarecido para que você possa assiná-lo e enviá-lo de forma digitalizada.
Além disso, solicitamos que nos envie uma breve narrativa de apresentação (uma biografia) **até o dia 19 de julho** para que possa compor o texto do projeto de qualificação, esse texto pode ser escrito e enviada via e-mail, ou se preferir mandar um áudio com a sua apresentação para WhatsApp (Yasmin - (53) 98146-4855) que eu transcreva.
Optamos por solicitar essa narrativa de apresentação a você, ao invés de escrevermos a partir do lattes, pois acreditamos que assim a pesquisa será efetivamente uma construção em conjunto e também por acreditarmos que essa biografia possui marcas, sentimentos e acontecimentos que o lattes não pode nos mostrar.

No segundo momento da pesquisa (**a partir de agosto de 2019**) iremos entrar em contato para agendarmos a entrevista on-line e com isso gostaríamos de já ir discutindo com você a possibilidade de dias e horários para a realização desta entrevista neste mês.

Mais uma vez muito obrigada pelo aceite e pela disponibilidade em ajudar nesta pesquisa.

Abraços carinhosos! Yasmin Teixeira Mello e Joanalira Corpes Magalhães

Fonte: Captura de tela do e-mail da pesquisadora, produção da autora, 2019.

Optamos por solicitar, no primeiro momento, uma narrativa que apresentasse uma breve biografia dessas/es pesquisadoras/es ao invés de olhar seus currículos na Plataforma Lattes para acrescentar à pesquisa no momento de qualificação. Escolhemos realizar assim por acreditamos que olhar somente os dados presentes no currículo não daria conta de apresentar a trajetória acadêmica das pessoas

[41] Este primeiro contato com as/os pesquisadoras/es foi feito antes de a pesquisa passar pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande em função do prazo para a qualificação da pesquisa e, também, pelo próprio regulamento do CEPAS-FURG, que deixa claro que a pesquisa só pode passar pelo Comitê de Ética após ser qualificada.

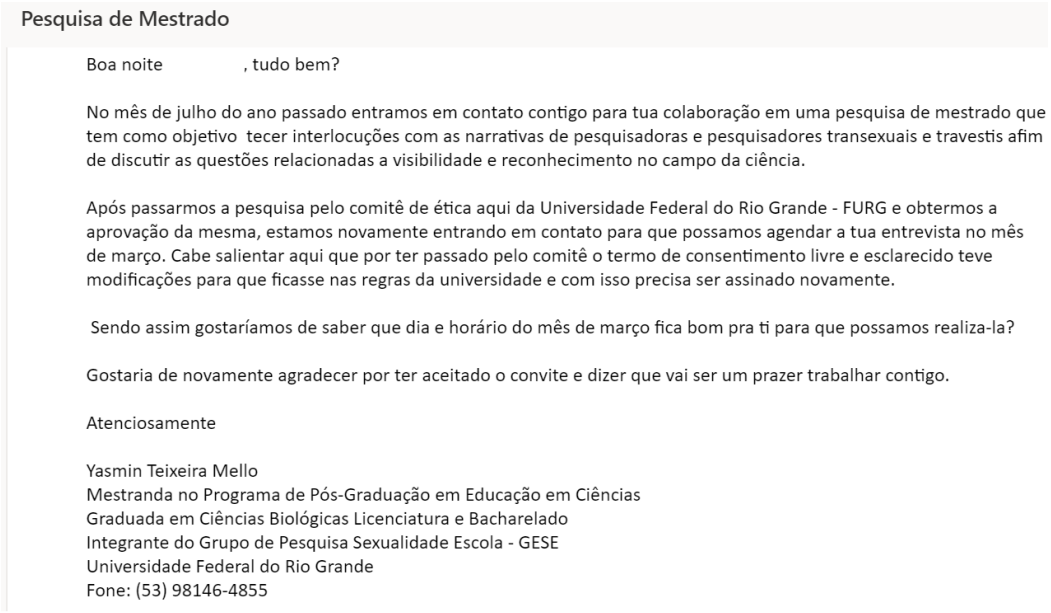
participantes do estudo, que apresentam várias marcas e significados. Além disso, ao narrarem sobre si, elas/es não estão apenas contando uma história, mas também estão atribuindo “novos sentidos para além da reconstituição dos caminhos percorridos, até porque não voltamos ao lugar de onde saímos, uma vez que tais viagens de formação nos constituem e nos mudam” (LIMA, 2018, p. 47), pois o sentido da experiência se encontra naquilo que é narrável de um acontecimento, o que nos passou, moveu-nos e o que nos comoveu.

Ao mesmo tempo em que a pesquisa estava passando pelo momento de qualificação, também estávamos em processo de submetê-la ao Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (CEPAS), da Universidade Federal do Rio Grande – FURG[42].O projeto foi submetido no mês de agosto, tanto ao CEPAS-FURG quanto à Plataforma Brasil[43] e obtivemos a aprovação dele em sua terceira versão, no final do mês de outubro. Após isso, foi gerado o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), que é “19945219.9.0000.5324”.

Pelo fato de estarmos próximas/os ao fim do semestre e do ano, quando o projeto foi aprovado, optamos por realizar as entrevistas on-line nos meses de março e abril de 2020. No mês de fevereiro, entramos em contato com as/os pesquisadoras/es (Figura 41), novamente via e-mail, para que, assim, pudéssemos acertar os detalhes da entrevista e agendar uma data e horário que ficasse confortável à sua realização.

Figura 41 - Imagem do e-mail de contato com as/os pesquisadoras/es para marcar a entrevista.

[42] Atualmente, a Universidade Federal do Rio Grande teve a reativação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Site do CEPCHS: https://cepchs.furg.br/.
[43] http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf.



Pesquisa de Mestrado

Boa noite , tudo bem?

No mês de julho do ano passado entramos em contato contigo para tua colaboração em uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo tecer interlocuções com as narrativas de pesquisadoras e pesquisadores transexuais e travestis afim de discutir as questões relacionadas a visibilidade e reconhecimento no campo da ciência.

Após passarmos a pesquisa pelo comitê de ética aqui da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e obtermos a aprovação da mesma, estamos novamente entrando em contato para que possamos agendar a tua entrevista no mês de março. Cabe salientar aqui que por ter passado pelo comitê o termo de consentimento livre e esclarecido teve modificações para que ficasse nas regras da universidade e com isso precisa ser assinado novamente.

Sendo assim gostaríamos de saber que dia e horário do mês de março fica bom pra ti para que possamos realiza-la?

Gostaria de novamente agradecer por ter aceitado o convite e dizer que vai ser um prazer trabalhar contigo.

Atenciosamente

Yasmin Teixeira Mello
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências
Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura e Bacharelado
Integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola - GESE
Universidade Federal do Rio Grande
Fone: (53) 98146-4855

Fonte: Captura de tela do e-mail da pesquisadora, produção da autora, 2020.

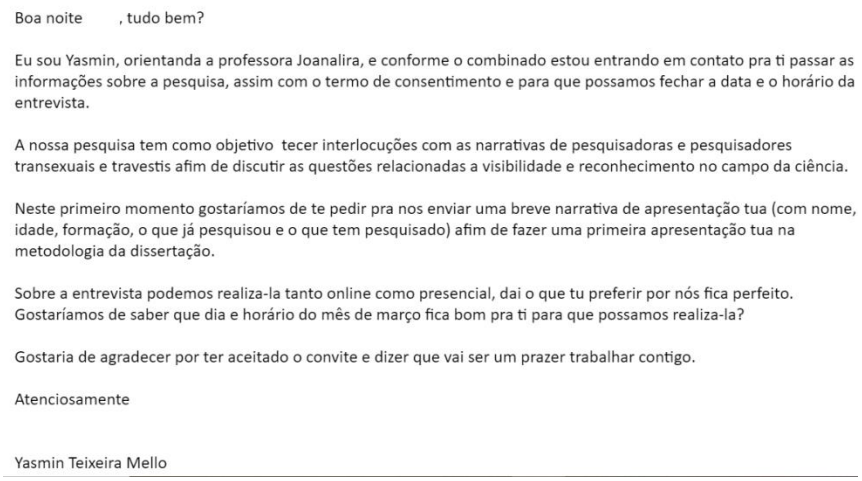
Nesse momento, igualmente, aproveitamos para ampliar o convite para mais uma pesquisadora e um pesquisador (Figura 42), os quais conhecemos por meio de eventos e de contatos acadêmicos. Realizamos o primeiro contato com eles via e-mail, em que apresentamos a proposta de construção da pesquisa conjunta e o nosso objetivo. Também, nessa ocasião, já questionamos os convidados sobre a melhor forma de realizar a entrevista e qual data e horário ficaria bons para se realizar a conversa.

A partir do contato com as/os pesquisadoras/es as e o aceite em participar do estudo, as entrevistas *on-line* foram agendadas e realizadas entre os meses de março e abril de 2020. As entrevistas com a pesquisadora Lauri Silva e o pesquisador Guilherme Almeida ocorreram via *Skype*, que é um software que permite comunicação pela Internet por intermédio de conexões de voz e vídeo. Já a realizada com o pesquisador Shay Rodrígez ocorreu via *Hangounts,* a qual é uma plataforma de comunicação, desenvolvida pela *Google*, que inclui mensagens instantâneas, chat de vídeo e mensagem de texto. Por fim, a entrevista com a pesquisadora Marina Reidel ocorreu via *WhatsApp*, que é aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

Nesse processo de realização das entrevistas, tínhamos a expectativa do contato e, do mesmo modo, as incertezas se as conexões de internet não atrapalhariam a realização das conversas. Contudo, em nenhuma entrevista tivemos

problemas nesse sentido. A cada encontro com as/os interlocutoras/es, foi nos possibilitado, além do contato com as trajetórias de vida e acadêmica dessas/es sujeitas/os, momentos de compartilhar e de indicar pesquisas e trabalhos realizados por pesquisadoras/es trans a fim de que pudesse ser potencializada e ampliada a escrita dessa pesquisa de mestrado.

Figura 42 - Imagem do e-mail de contato com as/os novas/os pesquisadoras/es para apresentar a pesquisa e marcar a entrevista.



Boa noite , tudo bem?

Eu sou Yasmin, orientanda a professora Joanalira, e conforme o combinado estou entrando em contato pra ti passar as informações sobre a pesquisa, assim com o termo de consentimento e para que possamos fechar a data e o horário da entrevista.

A nossa pesquisa tem como objetivo tecer interlocuções com as narrativas de pesquisadoras e pesquisadores transexuais e travestis afim de discutir as questões relacionadas a visibilidade e reconhecimento no campo da ciência.

Neste primeiro momento gostaríamos de te pedir pra nos enviar uma breve narrativa de apresentação tua (com nome, idade, formação, o que já pesquisou e o que tem pesquisado) afim de fazer uma primeira apresentação tua na metodologia da dissertação.

Sobre a entrevista podemos realiza-la tanto online como presencial, dai o que tu preferir por nós fica perfeito. Gostaríamos de saber que dia e horário do mês de março fica bom pra ti para que possamos realiza-la?

Gostaria de agradecer por ter aceitado o convite e dizer que vai ser um prazer trabalhar contigo.

Atenciosamente

Yasmin Teixeira Mello

Fonte: Captura de tela do e-mail da pesquisadora, produção da autora, 2020.

No final do mês de dezembro, fomos surpreendidas com a triste notícia de que um dos nossos interlocutores da pesquisa, Amiel Modesto Vieira, que participava da construção da pesquisa desde o início, tinha sofrido um atropelamento na Zona Norte do Rio de Janeiro e que, por conta disso, não conseguiria mais participar de nosso estudo. Em consequência do ocorrido, foi preciso tomar um rumo um pouco mais restrito em relação às expressões de gênero que seriam problematizadas na pesquisa, pois não tínhamos contato com nenhum outro pesquisador ou nenhuma outra pesquisadora intersexo.

Ao longo da pesquisa, assim como novas/os pesquisadoras/os foram se agregando a essa caminhada, também aconteceu a seguinte realidade: algumas pesquisadoras, as quais, inicialmente, haviam aceitado participar da pesquisa, na segunda etapa, momento das entrevistas, não responderam mais aos nossos contatos e, com isso, não continuaram conosco nesse processo.

A seguir, apresentamos as/os pesquisadoras/es trans que nos concederam a entrevista. É importante salientar que as narrativas a respeito deles foram construídas

de acordo com as narrativas de apresentação que elas/es nos enviaram. Cabe destacar, aqui, que todas/os as/os pesquisadoras/es optaram por não empregar pseudônimos, e sim seus nomes, como uma forma de resistência e de visibilidade.

Figura 43 - Foto do pesquisador Guilherme Almeida.

Fonte: https://www2.ufjf.br/noticias/2019/06/12/experiencias-trans-promovem-reflexao-sobre-nossa-propria-liberdade/, 2020.

Guilherme Almeida (Figura 43), é um homem transexual de 47 anos, possui graduação em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem mestrado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Atualmente, trabalha como professor dos cursos de Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro na Escola de Serviço Social. Suas pesquisas transitam em torno das questões sobre as relações entre trabalho profissional do assistente social e o campo dos direitos sexuais e do direito à expressão de gênero. Em um primeiro momento, no âmbito da sua atuação profissional e de pesquisa, realizava autoetnografia discutindo sua identidade de homem trans. Depois, a produção dele, enquanto pesquisador, ficou mais focada na assessoria ao processo transexualizador e ao centro de cidadania LGBT do Rio de Janeiro. Mais recentemente, começou a discutir as questões que perpassam as masculinidades trans; as questões relacionadas ao serviço social na relação com a população trans; as questões sobre religiosidade, neoconservadorismo e assuntos que envolvam a transexualidade em geral.

Figura 44 - Foto da pesquisadora Lauri Silva.

Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3098877616797558&set=a.151585451526804&type=3&theater, 2020.

Lauri Silva (Figura 44) é uma mulher transexual de 33 anos, possui graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) com especialização em Psicopedagogia PELA Faculdade Santo André (FASA), mestrado em História e Estudos Culturais e pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), neste momento, está realizando doutorado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, trabalha como professora do Ensino Básico em Rondônia, mas está afastada em função de seu doutorado. Suas pesquisas transitam em torno da área das políticas públicas, movimentos sociais, estudos culturais e na área do ensino de história. No contexto atual, tem pesquisado sobre as questões que perpassam o gênero e a sexualidade no ambiente escolar.

Figura 45 - Foto da pesquisadora Marina Reidel.

Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/11/marina-reidel-a-professora-transexual-que-promove-direitos-lgbt-dentro-e-fora-da-sala-de-aula_a_23408835/, 2020.

Marina Reidel (Figura 45) é uma mulher trans de 48 anos, possui graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Feevale, com especialização em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco (UCB/RJ) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No momento, é funcionária pública, atuando como diretora de promoção de direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos. Suas pesquisas transitam em torno de assuntos a respeito da transexualidade e da educação. Atualmente, seus objetos de pesquisa estão ligados à questão da educação e sobre sexualidade, gênero, a respeito da formação de professoras/es, acerca de professoras travestis e transexuais. Na área das artes, tem se dedicado a pesquisar sobre as temáticas que envolvem as artes em interface às questões de gênero e de sexualidade.

Figura 46 - Foto do pesquisador Shay de Los Santos Rodríguez.

Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=885576668470839&set=ecnf.100010555422491&type=3&theater, 2020.

Shay de Los Santos Rodríguez (Figura 46) é um homem transexual de 22 anos, possui graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (FURG) e está fazendo mestrado em Educação também na Universidade Federal do Rio Grande – FURG (FURG). Ele atua como pesquisador. Suas pesquisas transitam em torno das questões acerca da transexualidade relacionada à questão corporal. No início, teve seus estudos voltados ao cotidiano e o prazer sexual para além da heteronormatividade. Depois, começou a refletir a respeito de políticas públicas,

direitos e acessos, além de temáticas relacionadas a meios de tornar a vivência trans mais visibilizada. Ultimamente, tem pesquisado sobre as corporeidades trans, as trans masculinadades e não binárias, discutindo as técnicas e as tecnologias do corpo como um corpo educador, pensando o corpo trans como um corpo que educa.

Para construção das narrativas, optamos por realizar uma entrevista, uma vez que nos "permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados através de questionários, explorando-os em profundidade" (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 168). De acordo com Rosa Maria Hessel Silveira (2007), a entrevista pode ser compreendida como “eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise” (p. 118).

Dessa forma, esse instrumento se constitui como uma “arena de significados” (Ibidem, p. 134). Assim, as visões de mundo, as representações e as relações de poder convocam a pessoa entrevistada a relatar sobre si e acerca de suas experiências.

Portanto, quando a/o sujeita/os é questionada/o a respeito de um determinado tema, no caso desta pesquisa sobre as questões referentes à visibilidade, à inserção e ao reconhecimento, no campo científico, de pesquisadoras travestis e de pesquisadoras/es trans, ela é capaz de revisitar suas vivências e de refletir acerca dos sentidos e dos significados construídos.

Ainda, escolhemos realizar as entrevistas de forma *on-line*, pois, conforme Jeane Félix Silva (2012), é uma excelente estratégia metodológica para a produção de material empírico da pesquisa, já que possibilita “acessar pessoas de diversos e diferentes lugares; ampliar horários/dias em que a pesquisa possa ser realizada (...) realizar vários encontros entre pesquisador/a e informante e, com isso, propiciar a retomada das conversas já realizadas” (p. 149). Em função de termos pesquisadoras/es de diversos locais do país, essa forma de realização da entrevista nos permitiu estabelecer contato com esses sujeitos, além de poder ser, a qualquer momento, gravada e ser transcrita por nós.

O roteiro para a entrevista (Apêndice 1) foi pensado e construído a partir de conversas com as/os próprias/os sujeitas/os que participaram do estudo, visto que

elas/es salientaram o fato de que os incomodavam algumas pesquisas das quais já fizeram parte e nas quais, em sua maioria, os corpos trans eram colocados como objetos de pesquisa. Conforme a pesquisadora Viviane Vergueiro Simakawa (2014):

> reflexões críticas acerca de representações midiáticas de pessoas trans* poderiam exemplificar algumas destas formas de inferiorização e exotificação: vidas transgêneras habitam, de acordo com perspectivas dominantes representadas em diferentes meios, o campo do 'curioso', do 'perverso', do 'abjeto', do 'transtornado', do 'desumano'. A partir destas e outras valorações sociais, pessoas transgêneras estão mais expostas a exclusões e discriminações no âmbito econômico, legal, da saúde, e familiar (p. 5, grifos da autora).

Ao se colocarem enquanto pesquisadoras/es, essas pessoas assumem uma posição de sujeita/o que é comum a muitas pessoas, mas nem sempre a elas/es. Neste trabalho, justamente, uma das propostas é se discutir como essa identidade de pesquisadora/or é, muitas vezes, negada às pessoas trans apenas por sua identidade de gênero, a qual difere da norma binária. Desse modo, buscamos estruturar nosso roteiro de entrevista de forma a dar base às nossas discussões futuras sobre inserção, reconhecimento e visibilidade de pesquisadoras/es trans.

As entrevistas foram gravadas com a devida autorização das/os participantes. Esse procedimento, acordo com Antônio Carlos Gil (2008), é "o modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso do gravador" (p. 119), visto ajudar a evitar a distorção de elementos subjetivos que possam ocorrer durante a entrevista. Após transcrição das entrevistas, elas foram enviadas as/aos pesquisadoras/es a fim de que elas/es pudessem lê-las e fazer ajustes, supressões e alterações caso julgassem necessário. Nesse momento, também enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi reestruturado depois de o projeto passar pelo Comitê de Ética, para que eles assinassem e nos encaminhassem (Apêndice 2).

Para o momento de análise dos dados, a escrita dos artigos, obtidos a partir das entrevistas com as/os pesquisadoras/es trans, selecionamos eixos narrativos para agrupar as narrativas investigadas.

É importante salientar que, ao realizar as análises das narrativas, nós não estávamos interessadas em identificar nem em reconhecer o que é verdadeiro ou falso nessas narrativas. Nosso intuito sempre foi conhecer os modos pelos quais as pessoas vão se constituindo nesse processo e vão produzindo verdades sobre sua

inserção, seu reconhecimento e sua visibilidade, no campo científico, enquanto pesquisadoras/es (FOUCAULT, 2010).

A partir das narrativas produzidas com a realização das entrevistas e tecendo interlocuções com as experiências dessas/es sujeitas/os foi possível seguir dois caminhos de análise que estão organizados no capítulo a seguir em dois artigos.

O primeiro artigo, intitulado de “Inserção, reconhecimento e visibilidade de pesquisadoras/es trans no meio acadêmico e científico”, tem como objetivo discutir as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es transexuais no campo científico e acadêmico, a partir de narrativas de quatro pesquisadoras/es trans.

E o segundo artigo, intitulado de “Possibilidades de existências trans: analisando narrativas de pesquisadoras/es”, tem como objetivo é tecer interlocuções com as narrativas de quatro pesquisadoras/es trans a fim de discutir sobre as marcas que foram significativas nas experiências de constituição dessas pessoas.

Dando seguimento a esta pesquisa no próximo capítulo apresentamos os artigos.

5 ARTIGOS: PRODUZINDO ALGUMAS ANÁLISES

5.1 INSERÇÃO, RECONHECIMENTO E VISIBILIDADE DE PESQUISADORAS/ES TRANS NO MEIO ACADÊMICO E CIENTÍFICO[44]

5.1.1 Resumo: Nossa sociedade ainda está organizada em uma norma binária. Assim, as existências trans continuam invisibilizadas em diversos espaços, como no campo científica. O objetivo deste texto é discutir, a partir de narrativas de pesquisadoras/es transexuais, as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es trans no campo científico. Foram realizadas entrevistas on-line, com auxílio de um roteiro semiestruturado, com quatro pesquisadoras/es trans brasileiras/os e foi realizada a investigação das narrativas como modalidade discursiva para tecer interlocuções. As narrativas foram organizadas em três eixos: Eixo narrativo 1: Trajetórias e desafios na escola, na universidade e no trabalho; Eixo narrativo 2: Reconhecimento no campo científico; Eixo narrativo 3: Visibilidade enquanto pesquisadora/pesquisador. Tecer interlocuções com as narrativas e conhecer alguns fatos de suas histórias, tanto de vida como profissional, possibilitou-nos perceber o quanto as existências trans, nesse espaço, estão atravessadas e articuladas por práticas, diferentes experiências e atos de resistência.
Palavras-chave: Transexualidade; Pesquisadoras/es; Reconhecimento; Visibilidade.

5.1.2 INSERTION, ACKNOWLEDGEMENT AND VISIBILITY OF TRANSSEXUAL RESEARCHERS IN THE ACADEMIC AND SCIENTIFIC ENVIRONMENT

5.1.3 Abstract: Our society is still organized in a binary standard. Thus, trans existences remain invisible in different spaces, such as in the scientific field. The objective of this text is to discuss, based on the narratives of transsexual researchers / researchers, the questions regarding the insertion, recognition and visibility of trans researchers / researchers in the scientific field. Online interviews were carried out, with the aid of a semi-structured script, with four Brazilian trans researchers / es and the investigation of the narratives was carried out as a discursive modality for making interlocutions. The narratives were organized into three axes: Narrative axis 1: Trajectories and challenges at school, at university and at work; Narrative axis 2: Recognition in the scientific field; Narrative axis 3: Visibility as a researcher / researcher. To weave interlocutions with the narratives and to know some facts of their stories, both of life and professional, allowed us to perceive how the trans existences, in this space, are crossed and articulated by practices, different experiences and acts of resistance.
Keywords: Transsexuality; Researchers; Acknowledgement; Visibility.

5.1.4 Considerações iniciais

Quando colocamos o descritor “pessoas trans na pesquisa científica”, na plataforma de busca *Google,* temos, como primeiros resultados, links de sites que anunciam, em seus títulos: “Estudo confirma a ligação entre genética e identidade de gênero”; “Pesquisa da USP sugere diferença no cérebro de pessoas trans”; “Transexualidade é biológico, e família não deve sentir culpa”; dentre outros títulos

[44] Artigo publicado no Dossiê: “Educação sexual e sexualidade: desafios, modos de existência, saberes e linguagens” na Revista Humanidades & Inovação, da Universidade Estadual de Tocantins (Qualis CAPES A-2 na Área de Educação).

que associam a transexualidade a um fenômeno de ordem biológica, que desvia do que é considerado socialmente como normal e que deve ser investigado e normalizado. Por esse viés de olhar, de examinar e de esquadrinhar os corpos[45] dos sujeitos é que machos e fêmeas foram sendo produzidos enquanto homens e mulheres. A partir disso, também, a não correspondência entre a genitália e a forma como o sujeito se reconhecia passou a ser um elemento importante para instituir o normal e o anormal.

De acordo com a autora Berenice Bento, é importante entender que:

> [...] a linguagem científica é uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados, à medida que realiza o ato de nomear, de batizar, de dar vida, como se estivesse realizando uma tarefa descritiva, neutra, naturalizando-se (2006, p.116).

Aqueles e aquelas que fogem a essa "norma" são, desse modo, "capturados/as" pelos saberes da ciência a fim de que possam ser examinados/as, decifrados/as e, em função disso, conhecidos/as. Esse discurso científico foi inscrevendo algumas marcas em nossos corpos e instituindo algumas formas de ser e de estar no mundo, a partir da ideia de que a ciência é neutra e de que o discurso cientificamente comprovado é aquele verdadeiro e incontestável. Nesse sentido, observamos – a partir dessa busca simplificada na plataforma *Google* mencionada no início deste texto – o quanto associar a expressão "pessoas trans" e "pesquisa científica" nos remete a resultados que evidenciam a transexualidade e as experiências trans como objetos de estudo e de investigação. Conforme Joanalira Magalhães, Paula Ribeiro e Fernando Seffner:

> Estes corpos colocam a norma em evidência, fazem a norma falar, fazem a norma dizer de si e por isso produzem desconforto, pois a norma é algo para funcionar no silêncio. Isso está fortemente articulado à noção de coerência e não coerência, sempre uma ficção necessária que inventamos para viver, mas que podemos modificar (2017, p. 03-04).

Por serem consideradas, em termos sociais, como desviantes da norma binária de gênero, as pessoas trans são consideradas, em nossa sociedade, como abjetos, pois rompem e colocam sob suspeita a heteronormatividade e o sistema de

[45] Neste texto, compreendemos os corpos enquanto construções. Tal entendimento nos possibilita pensar esse corpo tanto como algo que "temos" como algo que "somos" e que desejamos modificar para nos adequarmos aos modos de ser e de estar que desejamos construir.

intelegibilidade. Assim, ao pensarmos sobre as existências trans e seus trânsitos, detectamos o quanto ainda hoje essas são invisibilziadas, não reconhecidas e, até mesmo, excluídas de muitos espaços sociais, como o campo científico, foco deste estudo. Nosso questionamento é: por que, ao buscar, na internet, pessoas trans na pesquisa científica, esse movimento não nos indica, em um primeiro momento, a nomes de pesquisadoras e de pesquisadores trans que atuam na ciência?

Para a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018), a presença de pessoas trans, muitas vezes, não é naturalizada fora do meio da prostituição[46]. Por isso, a universidade e, consecutivamente, o campo científico, na maioria das vezes, discrimina essas pessoas ao buscarem ocupar esses lugares enquanto produtoras/es de conhecimento e não só como objetos de estudo de pesquisas.

Desse modo, temos, como objetivo, neste texto, discutir as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es transexuais no campo científico e acadêmico, a partir de narrativas de algumas/alguns pesquisadoras/es trans. Esse artigo se configura como um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida no PPG Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – Furg. O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (CEPAS-FURG)[47] para que se assegurasse o respeito à identidade, à integridade e à dignidade das/os colaboradoras/es dessa pesquisa.

5.1.5 Articulações teóricas-metodológicas

Nesse artigo, fundamentamos nossas discussões a partir do campo teórico dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas. Desse modo, abordamos a questão dos

[46] A discussão sobre a prostituição não se constitui o foco deste estudo, contudo cabe destacar que os debates e os entendimentos sobre essa experiência são amplos e plurais. A pesquisadora Deise Longaray (2014), em sua tese intitulada “A (Re)Invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais” a partir de enunciações de travestis e mulheres trans discute o quanto a “[...] prostituição nem sempre é caracterizada como uma atividade de exploração do corpo, como fonte de sustento. Embora ela tenha sido comumente associada ao universo das travestis e transexuais como uma experiência marginalizada, a prostituição não é somente um trabalho, mas também é um espaço de produção das feminilidades, de sociabilidades e de visibilidades” (p. 168). Assim, mobilizamos o pensamento a fim tensionar o entendimento sobre a prostituição, rompendo com a ideia de único espaço possível de existência/sustento de determinadas pessoas e/ou grupos sociais.

[47] Número do certificado de apresentação de apreciação ética (CAAE): 19945219.9.0000.5324.

gêneros enquanto uma construção social e cultural. Esse constructo se dá, assim, por intermédio de várias aprendizagens e práticas, em diversas situações, sendo produzido por um conjunto de instâncias sociais e culturais, em um processo minucioso, sutil e inacabado.

O termo gênero, na concepção de Judith Butler (2003):

> não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos (p. 242).

Compreender que os gêneros, bem como os corpos, estão em constante construção, possibilita-nos problematizar a distinção entre sexo/gênero e, em decorrência disso, compreender que o gênero se torna “um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 24-25). Assim, compreendemos que ser homem e ser mulher não está relacionado a ter um pênis ou uma vagina, uma vez que diferentes expressões de gênero se constituem a partir de práticas discursivas e culturais, as quais extrapolam o binarismo de gênero pelo fato de a pessoa se constituir independente do sexo genital com o qual nasceu, como é o caso das pessoas trans.

Conforme o pesquisador Guilherme Almeida (2012), não há como se definir, de forma universal, a transexualidade, visto que algumas dessas “definições” estão fundamentadas em concepções construídas pelos discursos médicos. Portanto, neste texto, não temos a pretensão de conceituar o que é a transexualidade, mas objetivamos tecer interlocuções com narrativas de estudiosas/os trans acerca de como essas pessoas têm pensado e têm percebido sua atuação no campo científico.

A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2010) pontua que a “compreensão das diferenças entre sexo e gênero ainda são demasiadamente acadêmicas” (p. 80), o que significa que a sociedade ainda não compreende os gêneros como construções e que, desde muito cedo, aprendemos certos atributos de gênero, os quais nos posicionam em determinadas posições de sujeito, ou seja, os locais e as atividades apropriadas a cada pessoa no contexto social.

Segundo Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018), as discriminações que as pessoas transexuais sofrem podem ser explicadas pela ausência de um contexto

histórico que “contribui para restringir a existência de travestis e mulheres transexuais às sociedades contemporâneas ocidentais, bem como a determinados espaços” (p. 70), e um desses espaços, no qual essa presença não é, muitas vezes, reconhecida, é o campo científico.

Ao pensarmos sobre a produção de conhecimento no campo científico, notamos que, historicamente, esse tipo de produção tem sido atribuído, principalmente, ao homem branco, cisgênero[48] e heterossexual (BANDEIRA, 2008), ocasionando uma desigualdade entre as demais expressões de gênero em relação ao reconhecimento, à visibilidade e à inserção enquanto pesquisadoras/es e produtoras/es de conhecimento.

De acordo com a pesquisadora Luma Nogueira Andrade (2012), “o deslocamento feito por travestis e mulheres transexuais em relação à prostituição encontra similitude na produção acadêmica quando estas deixam de ser os objetos de pesquisa e passam a ocupar o lugar de pesquisadoras” (p. 16), passando a reivindicar esse espaço enquanto produtoras/es de conhecimento.

Nesse contexto, para que as pessoas trans ocupem esse espaço e sejam reconhecidas enquanto pesquisadoras/es, elas/es devem superar diversas barreiras, tanto no campo científico como fora dele.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (2020), no Brasil, a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada, e a expectativa de vida dessas pessoas é de apenas 35 anos. Outro dado que a ANTRA (2020) apresenta é o de que cerca de 90% da população trans está na prostituição. Podemos relacionar esse fato às dificuldades que essas pessoas possuem de se inserirem no mercado de trabalho formal, tendo em vista o déficit que elas possuem quando se trata de qualificação profissional por conta das exclusões que sofrem nos ambientes familiares, sociais e escolares.

A exclusão das pessoas trans já se inicia nos níveis básicos de ensino. Estima-se que a evasão escolar dessas pessoas, normalmente, aconteça quando elas/es completam 13 anos de idade e, dessa forma, 56% das pessoas trans não chegam a completar o ensino fundamental, e 72% não completam o ensino médio (ANTRA, 2020).

---

[48] Para a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), o termo cisgênero se aplica “às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (p. 10).

Assim, se essas pessoas não conseguem terminar os níveis básicos de ensino, quando olhamos para os níveis superiores, o resultado dessa exclusão não poderia ser outro. Conforme a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (Andifes) (2018), o número de pessoas trans matriculadas, nas instituições de ensino superior, é menor que 0,2%.

Com o propósito de que esse número de estudantes trans, na graduação, seja maior, algumas ações vem sendo feitas, como as Políticas Públicas de Cotas para o ingresso de pessoas trans. Segundo reportagem escrita por Diego Maia (2019), no site do jornal da Folha de São Paulo, das 63 universidades públicas que existem no Brasil, 12 delas possuem cotas para o ingresso desse grupo na graduação ou pós-graduação, sendo que, dessas 12, uma possui cota para o ingresso na graduação, uma possui cotas para o ingresso na graduação e na pós-graduação, e 10 possuem cotas apenas para o ingresso na pós-graduação.

Para além das políticas de cotas para o ingresso, algumas universidades também oferecem políticas para a permanência das pessoas trans nas instituições, a exemplo do uso do nome social e da garantia de poderem utilizar o banheiro de acordo com o gênero com o qual cada indivíduo se identifica. Essas são medidas extremamente importantes para que essas pessoas permaneçam, de fato, nesse campo científico.

Contudo, mesmo quando as pessoas trans rompem essas barreiras, as quais as impedem de ingressar e/ou de permanecer no campo científico, elas têm que lidar com outros desafios nesse ambiente, como a sua invisibilidade e o baixo reconhecimento enquanto pesquisadoras/es.

Apesar da baixa inserção, visibilidade e reconhecimento que as pessoas trans possuem, no campo científico, de acordo com uma entrevista feita por Leda Antunes (2019), disponível no site Huffpost, é possível observar alguns avanços no número de pessoas trans produzindo conhecimento, tanto dentro como fora das universidades. Para pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira, a qual participou da referida entrevista, o primeiro passo, para as pessoas trans se pensarem enquanto pesquisadoras/es e, assim, passarem a apoderar-se desses lugares, “é construir uma autoestima de que é possível ocupar esse espaço. A gente não tinha, há algum tempo atrás, modelos de intelectuais trans no Brasil” (n.p).

Diante disso e, tendo como objetivo problematizar as questões relacionadas à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es transexuais brasileiras/os, no campo científico, nesta pesquisa, para produção dos dados, realizamos entrevistas narrativas[49] de forma on-line, com quatro pesquisadoras/es transexuais, sendo elas/es[50]: as pesquisadoras Lauri Silva e Marina Reidel, e os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez.

As entrevistas narrativas foram feitas com o auxílio de um roteiro semiestruturado composto por 14 perguntas, as quais versavam sobre diversos assuntos relacionados à trajetória de vida e profissional das/os entrevistadas/os e acerca de questões relacionadas à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pessoas trans no campo científico.

Desse modo, nesse artigo, selecionamos narrativas relacionadas às perguntas que abordavam as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es trans no campo científico, a saber: Você se sentiu acolhida/o, reconhecido/a e respeitada/o em todas as instituições de ensino pelas quais transitou (desde educação básica até níveis maiores de escolarização)? O que a mudança da identidade civil gerou para você em termos da trajetória acadêmica e de formação profissional? Como você tem percebido a inserção, a visibilidade e o reconhecimento dos sujeitos transexuais e travestis no campo científico? De que modo tem notado as políticas de cotas com relação ao acesso e à permanência desses sujeitos trans no campo científico? Já passou por alguma dificuldade profissional por causa de sua identidade de gênero? Quais violações de direito enfrentou, na vida e no campo científico, enquanto sujeito trans? Alguma vez, você já sofreu algum pré-julgamento no campo científico? Que movimentos e ações você tem observado ou acha importantes de serem produzidos no que se refere à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade das pessoas transexuais e travestis ao adentrarem no campo científico?

É importante salientar que nosso foco, durante as análises das narrativas das/os pesquisadoras/es transexuais entrevistadas/os, não foi o de identificar “a verdade” daquilo que foi dito, mas sim tecer algumas interlocuções a partir das

[49] As entrevistas foram gravadas para que não se perdesse nenhuma informação durante o processo. Depois, foram transcritas e enviadas as/aos pesquisadoras/es para que elas/es fizessem modificações nos textos caso achassem necessário.

[50] Todas/os as/os pesquisadoras/es optaram por não utilizarem pseudônimos e sim os seus nomes civis, como forma de resistência e de visibilidade.

vivências e das experiências pessoais e profissionais dessas/es quatro pesquisadoras/es.

Para a análise dos relatos, organizamos as discussões desse artigo em três eixos narrativos distintos: Eixo narrativo 1: Trajetórias e desafios na escola, na universidade e no trabalho, em que analisamos as dificuldades que as/os colaboradoras/es narraram ter enfrentado nos diferentes níveis de ensino e no ramo profissional; Eixo narrativo 2: Reconhecimento no campo científico, no qual discutimos as questões referentes ao reconhecimento das pessoas transexuais no campo científico; Eixo narrativo 3: Visibilidade enquanto pesquisadora/pesquisador, em que problematizamos as questões referentes à visibilidade que as pessoas transexuais tem, no campo científico, enquanto pesquisadoras/es.

Ao procedermos às análises dos eixos narrativos, utilizamos a investigação das narrativas, entendo as narrativas enquanto uma modalidade discursiva, onde a narrativa:

> está já estruturada e pré-existe ao eu que se conta a si mesmo. Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado (LARROSA, 1994, p. 66).

Por esse viés, compreendemos que nossa postura, neste tipo de investigação, não é de pesquisadoras que “coletaram” informações para serem submetidas ao crivo das análises. Nós acreditamos que todas/os pesquisadoras/es, proponentes e participantes, tecem, nesse estudo, interlocuções, compartilham seus modos de pensar e de viver as questões aqui discutidas.

Por entendermos que as narrativas potencializam a exposição dos pensamentos e das visões de mundo das pessoas, nesse estudo, os relatos nos possibilitam compreender os olhares e as experiências que pesquisadoras/es transexuais construíram/constroem sobre as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade no campo científico.

Cabe destacar que, ao longo do processo da investigação das narrativas das/os pesquisadoras/es transexuais, nós entendemos que o sentido que elas/es atribuem às suas experiências “tem a ver com as palavras e o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos” (LARROSA, 2002, p. 21). Desse modo, ao compartilharem suas experiências e suas trajetórias, essas/es pesquisadoras/es nos possibilitam a problematização das marcas que as

suas narrativas apresentam em relação ao modo como são reconhecidas/os, vistas/os e inseridas/os no campo científico.

5.1.6 Problematizando as narrativas

Ao analisarmos as narrativas das/os pesquisadoras/es transexuais, notamos diversos pontos importantes, em suas falas, para a discussão das questões que possuem ligação com a inserção, o reconhecimento e a visibilidade no campo científico. Assim, a seguir, são tecidas interlocuções sobre esses assuntos, a partir de três categorias distintas: desafios enfrentados na escola, na universidade e no trabalho; reconhecimento no campo científico e visibilidade enquanto pesquisadora/pesquisador.

5.1.7 Eixo narrativo 1: Trajetórias e desafios na escola, na universidade e no trabalho

Durante as entrevistas, uma das questões que emergiram foi a relacionada às vivências e experiências escolares e profissionais. Ao narrarem suas trajetórias, as/os pesquisadoras/es mencionaram alguns olhares a respeito de como se sentiam na escola, na universidade e no trabalho, conforme é perceptível nos trechos que seguem:

"*Bom o meu processo de educação ele foi muito tenso na infância e na adolescência porque eu era agredida todos os dias na escola. Então, esse processo fez com que eu me bloqueasse por muito tempo e ficasse no anonimato, sem saber muito também desse processo, porque eu não sabia o que acontecia eu sabia que eu era diferente, mas não sabia o que aconteceu comigo. Então, por muito tempo eu sofri violência na escola e, mais tarde, quando eu assumi minha identidade de gênero, eu já era profissional, já era professora e, assim mesmo, eu tive dificuldades com as minhas colegas professoras, com as direções de escolas, por não aceitarem esse processo, que era um processo meu. Na universidade, eu tive algumas dificuldades também com alguns professores, porque também não compreendiam como que uma trans estava naquele lugar". (Marina Reidel).*

"Eu lembro de uma universidade em que, logo que eu fui trabalhar, uma das autoridades simpaticamente quis me chamar para um almoço. Eu achei simpático, mas eu não aceitei, porque esse almoço não era oferecido a todos/as os/as professores/as que passavam num concurso. Eu quis receber o mesmo tratamento dos professores cisgêneros, nada além. Eu acho que tem processos de discriminação que aparecem como prêmios. Eu não quero ser premiado por isso, eu quero é que a sociedade se envergonhe das práticas discriminatórias. Eu quero ser recebido como qualquer outro, mas a minha geração viveu alguns problemas por ser trans e atuar academicamente". (Guilherme Almeida)

A partir dessas narrativas, é possível perceber os desafios para estarem e permanecerem nesses locais que as pessoas transexuais enfrentam, desde os primeiros processos de escolarização, em decorrência da sua identidade de gênero, até durante sua atuação enquanto profissionais. Na narrativa da pesquisadora Marina Reidel, percebemos que essas discriminações enfrentadas afetam os processos de reconhecimento e de construção do gênero com o qual a pessoa se reconhece. A pesquisadora travesti Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019), em uma entrevista aos Cadernos de Gênero e Tecnologia, relatou que, ao longo do seu processo de escolarização, passou a desenvolver estratégias de enfrentamento para pudesse continuar estudando. A partir disso, podemos pensar que uma dessas estratégias seria o “anonimato”, mencionado na narrativa de Marina Reidel.

Nos excertos narrativos, igualmente, observamos os preconceitos e as discriminações no espaço profissional. A pesquisadora Marina Reidel, em seu relato, destaca que teve que enfrentar o desafio do não reconhecimento das colegas professoras e da equipe diretiva da escola. Essa questão também é destacada por ela em uma entrevista concedida à Cristiane Capuchinho (2014), na qual Marina Reidel explicita: “eu senti uma dificuldade no início com os colegas professores, as meninas me contavam a mesma situação. O preconceito surge nos pares: enquanto alunas, o preconceito aparece nos alunos; quando professora, com os professores” (n.p). Em seu artigo “Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto”, publicado com pesquisador Fernando Seffner, Marina Reidel, ao investigar os elementos que perpassam a ação de professoras travestis e trans, propõe uma “pedagogia do salto alto”.

> O termo é provocante, e esta é mesmo sua função. Conforme abordaremos ao longo do texto, a ação pedagógica destas professoras, independente da disciplina que lecionam, parece instaurar na sala de aula processos e saberes docentes que deslocam a tradicional figura da professora enquanto mãe, tia ou irmã mais velha, e introduzem de modo decidido outra modalidade de relação em que o corpo da professora passa a desempenhar um papel importante, marcado em especial pelos atributos de gênero e sexualidade, mas numa equação em que entram em jogo também os marcadores de geração, raça e pertencimento religioso. A ação destas professoras parece colocar em xeque uma verdade pouco enunciada, mas claramente perceptível nas escolas, de que a professora ideal é um ser sem corpo, sem sexo e capturada no gênero feminino numa dimensão quase colada à função materna (SEFFNER; REIDEL, 2015, p. 446).

Nesse sentido, podemos observar o quanto a presença de pessoas trans, de seus corpos, de seus gestos e de seus comportamentos causam olhares de estranhamento, preconceito, desconforto na escola e influenciam na forma como os modos de atuação dessas/es profissionais é colocado sob suspeita. A competência e os saberes são colocados sob desconfiança pelo fato de aquele corpo ser um artefato que rompe com o sistema de inteligibilidade[51] naturalizado socialmente.

Já a narrativa do pesquisador Guilherme Almeida nos possibilita pensar o quanto um convite, um tratamento diferenciado, no espaço da universidade, pode ser percebido como "prêmio", "recompensa" por este pesquisador trans estar ali. Conforme Guilherme Almeida indica, em sua fala, a sociedade precisa repensar e ter vergonha das práticas discriminatórias as quais, ao longo do tempo, foram e ainda são exercidas sobre as pessoas trans, de modo a produzir efeitos negativos em suas vidas, em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Em função de nossas histórias serem múltiplas e diversas, o processo de narrá-las evidencia esse aspecto e nos remete a outras marcas produzidas nas diferentes experiências vivenciadas por cada sujeito. Os relatos da pesquisadora Lauri Silva e do pesquisador Shay Rodríguez colocam a universidade como um espaço de acolhimento e de respeito:

"Então, na universidade eu fui muito bem acolhida, né? Mesmo sabendo que, no meu curso de história, tem um machismo ainda, sabe, dentro do nosso departamento, muitos professores machistas, homotransfóbicos, lesbofóbicos. (...) Então, assim, eu não me senti discriminada dentro da universidade, muito pelo contrário, eu caminhei por quase todos os espaços". (Lauri Silva)

"Então, como a gente está em um ambiente acadêmico, onde as pessoas já leem mais, já têm mais conhecimento do que as pessoas de fora, tipo, eu falo do conhecimento mais de livro, mas o conhecimento que tem aqui é o conhecimento científico, né? Então, foi muito mais fácil, porque eu falava, e as pessoas poderiam não entender muito bem, mas elas respeitavam. Então, ok. Eu não sei se tinha muito bem aceitação, mas o respeito tinha muito. Então, as pessoas tinham muito medo de me desrespeitarem". (Shay Rodríguez)

Tanto a pesquisadora Lauri Silva como o pesquisador Shay Rodríguez relatam que sempre foram respeitadas/os. Ainda que soubessem da existência dos processos discriminatórios, Lauri Silva e Shay Rodríguez não se recordaram de nenhum fato

[51] Entende-se, por sistema de inteligibilidade, a coerência e continuidade entre sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2003).

envolvendo isso, nem mencionam, em suas narrativas, terem sofrido algum tipo de preconceito baseado em suas identidades de gênero no espaço da universidade.

A pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019), ao salientar o medo que muitas pessoas trans possuem de serem desrespeitadas, discriminadas, ao transitarem em determinados espaços sociais, pontua que há o desejo de se viver em “uma sociedade onde os direitos sejam respeitados e que as pessoas trans possam vivenciar suas expressões de gênero sem a necessidade da tutela do Estado" (p. 11).

Cabe destacar que Lauri Silva e Shay Rodríguez são as/os participantes mais jovens da pesquisa e que essa questão geracional tem relação com a maneira como as pautas, os debates e as políticas relacionadas às questões trans foram se potencializando e se modificando ao longo do tempo. Além disso, as pessoas trans são cada vez mais visíveis, ou seja, embora, em termos numéricos, constituam uma minoria, elas estão em diferentes espaços – mídias, universidade, escola, mercado de trabalho, entre outros – provocando o debate e afirmando a necessidade de serem reconhecidas.

Em sua narrativa, o pesquisador Guilherme Almeida salienta que, antes de ser um homem transexual, ele já atuava na pesquisa e que essa mudança, na identidade civil, acarretou algumas mudanças, também, em sua vida profissional:

“Começou a aparecer o Guilherme como pesquisador das questões trans. Eu não escolhi isso, não foi uma escolha pesquisar as questões trans, eu vinha até então, me dedicando à homossexualidade feminina (...) Mas, rapidamente, quando eu vi, eu estava sendo colocado no lugar de um “pesquisador trans” e comecei a ganhar espaços de fala que nunca tinha ganho como pesquisadora lésbica. (...) Percebi que eu trazia um conjunto de conhecimentos e experiências do qual as pessoas estavam sedentas, estavam interessadas em entender melhor o que era aquilo, inclusive para se tornarem aliadas politicamente. E ali eu arregacei as mangas e efetivamente me tornei pesquisador das questões trans”. (Guilherme)

Com base nessa fala, percebemos que, antes de realizar a mudança em sua identidade, Guilherme Almeida pesquisava sobre outros temas, mas que, com a mudança, ele acabou se tornando um pesquisador das questões que perpassam a transexualidade. Ele ainda relata que pesquisar a respeito desses temas foi muito importante, tanto para ele como para comunidade em geral, já que ele podia incluir essas discussões nas pautas daquelas/es que tinham vontade saber mais sobre essas questões.

Além disso, ficou perceptível, na narrativa de Guilherme Almeida, o quanto as mulheres lésbicas, e as questões que perpassam essas vivências, são invisibilidades

dentro do campo científico. Para Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa et. al. (2014, p. 3021), a “o preconceito e a invisibilidade lésbica estão engendrados ideologicamente na sociedade” pelo fato de a condição da mulher ser historicamente inferior à do homem acrescido a exercer sua sexualidade de forma a romper com a heterossexualidade, a qual é, normalmente, imposta e incentivada na sociedade. Assim, o pesquisador Guilherme Almeida se sente mais visibilizado enquanto pesquisador-homem-trans do que quando se nomeava/reconhecia como uma mulher lésbica pesquisadora dessa temática, mesmo tendo em vista todas as dificuldades que a população trans enfrenta.

Outro desafio que o pesquisador Guilherme Almeida relatou ter enfrentado, ao retificar sua identidade civil no campo científico, foi em relação à mudança da variável sexo na Plataforma Lattes, que é um sistema de bases de dados curriculares:

“(...) uma das primeiras coisas que a gente teve que lutar foi com a Plataforma Lattes. O CNPQ, num primeiro momento, me disse que a variável sexo era uma variável imutável. Eu recebi a primeira resposta do CNPQ quando eu já estava com um mandado judicial de retificação na mão, foi de que sexo era uma variável imutável. Foram seis meses recebendo e-mails evasivos até que houve uma reunião em que se tomou a decisão de “abrir” a variável”. (Guilherme Almeida)

A situação explicitada por Guilherme Almeida nos faz perceber o quanto o binarismo de gênero se encontra ainda naturalizado e fixado em diferentes espaços. Esse fato configura-se como mais um exemplo das discriminações e dos preconceitos institucionais que os sujeitos trans passam ao longo de suas trajetórias acadêmicas. Guilherme Almeida só conseguiu fazer a mudança dessa variável, equivalente ao gênero, meses depois de solicitar a modificação, mesmo ele já tendo seu nome e gênero retificados judicialmente. Logo, fica evidente o quanto os sistemas estão organizados e pensados na lógica da norma binária, que acaba “produzindo hierarquias e subalternizando sujeitos e saberes, sustentadas por jogos de poder – incluir/excluir, educar/vigiar/disciplinar/punir” (CASTRO; REIS, 2017, p. 114).

Durante as entrevistas, quando questionadas/os acerca de como percebiam as questões referentes ao acesso e à permanência de sujeitos transexuais no campo científico, Lauri Silva, Marina Reidel e Guilherme Almeida fizeram menção às políticas afirmativas voltadas a essa população.

“Eu acho que a questão da política de cotas ela tem um enorme impacto nas universidades, trouxe muitos/as alunos/as de graduação interessados/as nos temas de gênero, raça, sexualidade por exemplo, o que eu acho que mudou com radicalidade. (...) Eu não gosto de ser lembrado só pela trajetória trans, eu tive que

estudar muito, trabalhar muito pra me fazer pesquisador, em uma época em que não tinha cota". (Guilherme Almeida).
"Eu acho que a política de cotas ela é um reparo social. Eu não entrei por política de cotas, eu entrei por uma seleção normal no mestrado, mas eu acho que ela é importante em todas as áreas, não só na pós-graduação, como na graduação porque é um reparo social, porque a população trans sempre foi a mais excluída desses processos de escola e processo de educação". (Marina Reidel).
"Hoje tem as políticas afirmativas de cotas em algumas universidades, nem todas as universidades têm. Então, são possibilidades que os programas de pós-graduação estão dando. Mas daí você pergunta: tá, mas tem muitas trans nas universidades, tem trans terminando a graduação? Às vezes, muitas vagas dessas cotas nem acabam sendo preenchidas porque não tem. Então, há esse problema da falta de trans na universidade, então o que acaba acarretando poucas profissionais trans pesquisadoras no Brasil. (...) A universidade não foi pensada, principalmente, pra nós, nosso lugar não é na universidade, nosso lugar é na rua, na prostituição. Então, quando traz essas questões pra dentro da universidade, ainda tem muitos professores brancos, heteros sabe? Machistas que não concordam e que pensam que a gente está querendo privilégios. Porque a universidade é privilégio pra branco e pra hetero, pra minorias, principalmente quando se trata de travestis e transexuais, parece que é assim, parece que nós somos os monstros, parece que a gente não merece ter dignidade, não merece estar na universidade como eles também, né?" (Lauri Silva).

As cotas específicas para o ingresso de pessoas transexuais e travestis, na pós-graduação, começaram a surgir no ano de 2018. Até o ano de 2019, apenas 11, das 63 universidades brasileiras, possuíam essa política de ação afirmativa (MAIA, 2019). Embora esse número seja pequeno, quando olhamos para esses mesmos dados, nos cursos de graduação, deparamo-nos com um número ainda menor, uma vez que apenas duas universidades públicas brasileiras oferecem políticas públicas de cota para o ingresso de pessoas trans, dificultando o acesso delas ao campo científico.

Desse modo, a pesquisadora Lauri Silva afirma serem as cotas uma política importante, mas nos provoca a pensar o quanto, mesmo com essa política, o número de pessoas trans, nas universidades, ainda seja muito baixo. Segundo a ANTRA (2020), é menor que 0,2% o número de estudantes ingressantes das universidades públicas que são trans. Para além da questão do acesso, também existe a questão da permanência das pessoas trans nesses lugares, pois essas, na maioria das vezes, ainda não são pensadas/percebidas fora do espaço da prostituição. Conforme dados da ANTRA (2020), 90% da população de mulheres transexuais e travestis está na prostituição. Ao olharmos esses dados, bem como ao analisarmos as narrativas que integram essa pesquisa, confirmamos o quanto esses aspectos contribuem para a pouca presença de estudantes e de profissionais trans nas universidades.

Outra questão que a pesquisadora Lauri Silva problematiza é o imaginário social de que, ao reivindicarem essas políticas de cotas referentes ao gênero, as pessoas transexuais estejam tendo privilégios. É necessário potencializarmos e avançarmos nesse debate no que tange às políticas de cotas, visto que elas funcionam como uma reparação histórica em decorrência das práticas discriminatórias, violentas e excludentes que essas pessoas vivenciaram e ainda vivenciam socialmente.

Em nosso estudo, outras narrativas trataram das dificuldades profissionais enfrentadas devido à identidade de gênero das/os pesquisadoras/es.

"Uma das dificuldades que eu encontrei, essa exotização da identidade trans que vinha primeiro do que meu conhecimento, da minha competência". (Guilherme Almeida).

"Sim, o tempo inteiro, né? Você é colocado em prova, o seu conhecimento, a sua competência diante dos outros colegas. Não tive dificuldades com alunos, mas eu tive dificuldade com os meus colegas professores por conta disso, né? (...) Na academia você sofre com a violência institucional porque você, ao mesmo tempo que as pessoas tem que reconhecer que você é um sujeito normal, que você está dentro daquele lugar por uma questão de direito, as pessoas ainda insistem em você se transformar no bichinho exótico da universidade; você é colocada em teste o tempo inteiro até em questões fundamentais, como nome social, o direito, né, de frequentar o banheiro masculino ou feminino conforme a sua identidade. Então, você vai ser sempre alvo desse lugar que é a transfobia institucional". (Marina Reidel).

Observamos que tanto o pesquisador Guilherme Almeida como a pesquisadora Marina Reidel discorrem sobre a discriminação que sofreram, ao longo de suas trajetórias, em forma de exotificação de seus corpos e suas vivências, sendo esse mais um dos desafios a serem enfrentados pelas pessoas transexuais.

Além disso, na fala da pesquisadora Marina, podemos notar as consequências de a produção do conhecimento ter sido atribuída somente aos homens por muitos anos. Isso é perceptível quando ela relata que uma das dificuldades que enfrenta, até hoje, é o fato de seu conhecimento e de sua competência serem colocados em questionamento a todo momento. Marina Reidel afirma que isso ocorre e é justificado, unicamente, pela sua identidade de gênero, a qual foge à norma binária que é, em geral, imposta.

A pesquisadora Lauri Silva e o pesquisador Shay Rodríguez, quando foram questionados sobre as dificuldades profissionais enfrentadas, reportaram que:

"A minha vida, enquanto pesquisadora e enquanto mulher trans, assim, não tem muito o que falar a respeito dessas questões discriminatórias, não. Muito pelo contrário, uma

receptividade, uma aproximação com todos e todas, né, em diversos campos da ciência, com outros intelectuais, outros pesquisadores em eventos, né?". (Lauri Silva). "Não, não. E aquela coisa que eu te falei né? A gente tá na academia. Então, mesmo que a pessoa seja transfóbica e não concorde com o meu gênero e a minha identidade, ela não vai falar isso, ela vai esconder, ela vai só me respeitar e não vai querer conviver comigo nos espaços". (Shay Rodríguez).

A pesquisadora Lauri Silva e o pesquisador Shay Rodríguez relataram não terem sofrido nenhum tipo de discriminação e/ou preconceito por serem pessoas que não seguem a norma binária de gênero imposta, na sociedade, no campo científico. A referida pesquisadora ainda salienta que foi sempre muito bem recebida e tratada enquanto pesquisadora no campo científico; já o pesquisador Shay Rodríguez ressalta que, embora já tenha convivido com pessoas transfóbicas, ele sempre se sentiu respeitado, no campo científico, enquanto pesquisador.

Neste eixo de discussões podemos observar os desafios e dificuldades que as/os pesquisadoras/es trans enfrentam no campo cientifico, sendo eles: estranhamentos, preconceitos, discriminações, campos de atuação, saberes e competências sob suspeitas (desconfianças), subalternidade, baixa visibilidade dos homens trans, objetificação, baixa representatividade, movimentos anti-gênero, retificações da identidade civil, exotização da identidade trans, bem como o acolhimento, respeito e receptividade.

5.1.8 Eixo narrativo 2: Reconhecimento no campo científico

O segundo eixo a ser discutido, neste trabalho, trata do reconhecimento dos sujeitos transexuais no campo científico. Durante as entrevistas, quando questionamos sobre como elas/es têm percebido o reconhecimento que as pessoas transexuais estão tendo, no campo científico, enquanto pesquisadoras, eles narraram que:

"Normalmente, são convites focados no tema trans. Embora, nos últimos anos, também tem rolado convites que não são específicos sobre isso. Às vezes, tem convites, por exemplo, para a área da saúde, para uma mesa para discutir pessoas trans e saúde. Então, aí eu sou chamado". (Guilherme Almeida).
"Logo que eu me formei, eu já fui convidado pra quatro bancas, e eu peguei todas, Eu tive que ler, né, muita coisa, mas eu aceitei porque eu achei que seria importante ter pessoas trans nas bancas, ainda mais pelo meu tema ser um tema ainda um pouco usual, não tão corriqueiro, e eu ter uma facilidade pra falar sobre aqueles temas. (...) Através dessa minha pesquisa, eu fui chamado pra fazer palestras, pra participar de mesas e falar sobre não só sobre o meu trabalho, mas também sobre a minha vivência né. (...) No Brasil, a gente tem muitas pesquisadoras trans que são doutoras, né? Tem

a Lanz, tem a Megg, tem a Amara Moira, tem a Jaqueline Gomes de Jesus, temos muitas e também tem outras que as pessoas não têm conhecimento. Aqui, no Brasil, muitas pessoas trans não têm reconhecimento, pelo menos eu que tô na academia, e muitas pessoas trans que tão na academia sabem que tem pessoas trans super renomadas, só que elas são renomadas fora do país". (Shay Rodríguez).

Os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez se referiram ao fato de se sentirem reconhecidos como pesquisadores ao receberem convites para falar, seja de seus trabalhos, seja de suas vivências trans, em eventos, bancas, palestras e mesas.

Apesar desse reconhecimento de pesquisadoras/es trans, que foi citado nos relatos anteriores, de acordo com Estevão Rafael Fernandes e Ana Luiza Pante (2019, p. 618), "a pessoa transgênero passa, ao longo de sua vida, por diversas situações de risco, quase sempre motivadas por preconceitos, violências diversas, falta de reconhecimento ou falta de compreensão acerca de sua identidade de gênero". Na concepção da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2019, p.251), essas violências fazem com que as vidas trans sejam "longamente apagadas, violentadas, assassinadas" (p. 251).

Quando questionados a respeito de suas expectativas de futuro em relação ao reconhecimento de pesquisadoras/es transexuais, as/os participantes da pesquisa responderam que:

"Eu quero acreditar que o efeito dessa crise vai ser uma mudança para melhorar mundialmente e no cenário nacional e que isso vai ocorrer na gestão pública, porque, pra falar da produção de pessoas trans, para falar sobre o lugar dos pesquisadores e das pesquisadoras trans, a gente precisa falar de um Estado democrático em primeiro lugar". (Guilherme Almeida).

"Eu acho importante que, mesmo que eu seja sozinho no programa de pós-graduação, eu acho importante de eu continuar fazendo essas pesquisas, eu acho importante. (...) Mas eu sei que, assim como eu, muitas pessoas trans que tão pesquisando elas vão continuar pesquisando. Eu acho que é isso, as pessoas que estão entrando na academia, elas não podem sair, elas vão ter que ficar". (Shay Rodríguez).

"Cada vez mais, a gente vê que as pessoas trans estão adentrando e estão permanecendo, diferente de como eu falava do passado. Então, é isso que eu acho que é importante e significativo e não esquecer da memória das pessoas que vieram antes de nós, mas também é pensar que essas pessoas hoje são pessoas capazes de produzir conhecimento e são pessoas que poderão ter, realmente, um futuro brilhante e melhor que o nosso". (Marina Reidel).

"Uma perspectiva de mais engajamento político e acadêmico. Acho que, com o aumento de trans nas universidades, eu acho que tem esse engajamento acadêmico, tem esse engajamento político do qual elas tão fazendo parte". (Lauri Silva).

Tanto o pesquisador Guilherme Almeida como a pesquisadora Lauri Silva, em suas narrativas, destacam a importância de mudanças no cenário político para que ações políticas e direitos se tornem promotoras de garantias e de dignidade à população trans em nosso país e, com isso, sejam promovidas melhorias na situação das/os pesquisadoras/es transexuais no Brasil.

As referidas políticas, para melhoria da situação de pessoas trans no Brasil, devem começar desde o direito mais primordial, como a garantia do direito à vida dessa população, já que, segundo a ANTRA (2020), a estimativa de vida de uma pessoa trans brasileira é de 35 anos, bem inferior à estimativa da população em geral, que é de 74,6 anos.

Em uma reportagem de Caio Delcolli (2018), ao entrevistar a trans Peron, foi explicitada a importância das políticas de ações afirmativas para a população trans. Nessa reportagem, Peron defende que essas políticas devem estar em todos os espaços, desde instituições de ensino a empresas. Ainda, ela defende "precisamos disso porque somos o país que mais mata a comunidade LGBT no mundo, sobretudo travestis e transexuais. Se a gente tivesse um Estado mais presente, não precisaria estar na prostituição e nem de cotas para compensar esse déficit" (n.p).

Segundo o Boletim 2/2020[52], publicado pela ANTRA, no primeiro quadrimestre deste ano, houve um aumento de 48% o número de assassinatos de pessoas trans se comparado ao mesmo período dos anos anteriores.

Na mesma reportagem de Caio Delcolli (2018), a diretora da ANTRA, Keila Simpson, destacou que se deve:

> pensar para além de apoiar cotas, nossas ações devem ser para que pessoas trans entrem na escola, permaneçam e façam sua formação básica. Cotas são parte do processo e apenas quase no final da formação educacional. É importante apoiar o desenvolvimento de políticas inclusivas para que essa população ter acesso aos ensinos básico e fundamental (n.p).

Ao nos preocuparmos com a criação e a execução de políticas de ingresso e de permanência de pessoas trans, nos mais diversos níveis de ensino, passamos a garantir que mais pessoas trans tenham a oportunidade formarem-se e de atuarem como pesquisadoras/es no campo científico.

[52] Para saber mais a respeito, acesse o link https://antrabrasil.org/category/violencia/.

O excerto da narrativa do pesquisador Shay Rodríguez, mencionada anteriormente, ressalta a importância que ele percebe de continuar suas pesquisas, assim como as/os demais pesquisadoras/es transexuais. Também destaca que as/os pesquisadoras/es que estão entrando no campo científico não podem desistir, devem continuar na profissão, por mais difícil que seja essa trajetória. Contudo, entendemos que, para que isso aconteça, é preciso que as políticas de ações afirmativas estejam tendo sua plena aplicação e execução, uma vez que só dessa forma se garantirá o acesso e a permanência desses sujeitos nas universidades.

Já a pesquisadora Marina Reidel, deixou claro que, cada vez mais, vê pessoas trans entrando no campo científico e permanecendo nele. Ela, ainda, mencionou que, nesse processo de buscar por mais reconhecimento, no futuro, é importante que as/os pesquisadoras/es transexuais que estão entrando nesse meio não esqueçam as pessoas trans que vieram antes deles nem o papel importante que elas tiveram nesse processo.

Ainda que haja, cada vez mais, pessoas trans adentrando o campo científico, temos enfrentado retrocessos associados aos movimentos antigênero. Conforme Rogério Diniz Junqueira (2018), essa ofensiva antigênero tem, como objetivo, "catalisar estratégias de poder que investem na mobilização da ordem moral e no revigoramento de visões de mundo tradicionalistas" (p. 452).

O pesquisador Shay Rodríguez, igualmente, refere-se a um outro aspecto com relação à questão do reconhecimento das pessoas trans ao relatar que:

"*É que, dentre as pessoas trans que estão na academia, na sua maioria, são mulheres trans que estão fazendo, e que pra mim também é uma coisa. (...) Aqui no Brasil, na sua maioria, são mulheres trans que estão na academia. Então, os homens trans basicamente não estão tão participativos assim na academia. E também que a questão homem trans é uma categoria nova, né? As pessoas têm mais conhecimento de mulheres trans, de mulheres travestis, do que dos homens trans. Então, é uma categoria que ainda tá sendo vista, que as pessoas ainda tão tendo conhecimento né, do que das mulheres trans, que já têm mais visibilidade." (Shay Rodríguez).*

Para o pesquisador Shay Rodríguez, a pouca representatividade de homens transexuais, na pesquisa brasileira, pode ser explicada pelo fato de a categoria "homem transexual" ser mais recente em termos de visibilidade e de discussões se comparado às mulheres transexuais. No caso delas, a presença e seu reconhecimento, nesses espaços, são bem maiores.

5.1.9 Eixo narrativo 3: Visibilidade enquanto pesquisadora/pesquisador

O terceiro e último eixo a ser discutida trata das questões que permeiam a visibilidade de pesquisadoras/es transexuais.

“Bom eu acho que, talvez, agora, pode ser que esteja tendo uma maior visibilidade, ainda mais agora com o aumento das redes sociais e de pessoas trans interagindo nas redes sociais. (...) comparado à visibilidade que as pessoas cis têm, os autores cis né, as pessoas trans têm pouca”. (Shay Rodrígues).
“Eu acho que hoje, mais do que nunca, a gente tem visto isso, né, essa visibilidade e a importância desses sujeitos enquanto pesquisadores e pesquisadoras trans. (...) Mas a gente tem que dar mais visibilidade, tem que reconhecer esses sujeitos né, não só pelo processo trans, mas também por sermos sujeitos de local de fala, de empoderamento”. (Marina Reidel).
“Eu tenho uma amiga que é trans, ela defendeu a dissertação dela ano passado, que também tá nas atividades aí, dando aula, dando palestra em eventos acadêmicos, da disciplina em pós-graduação. Então, acho que tá tendo uma visibilidade, uma representatividade muito grande com relação às pesquisadoras trans. (...) Mas dá pra ver como é precário ainda, como falta, são poucas trans pra muito trabalho, às vezes, sabe?! Então, às vezes é uma carga muito grande”. (Lauri Silva).

Assim, o pesquisador Shay Rodríguez e as pesquisadoras Marina Reidel e Lauri Silva explicitaram que, no contexto atual, elas/ele têm percebido uma maior visibilidade de pesquisadoras/es transexuais no campo científico, principalmente em função das redes sociais e das plataformas digitais. Todavia, conforme destaca Shay Rodríguez, se comparado a uma/um pesquisadora/pesquisador cisgênero, a visibilidade trans, na produção científica, ainda é muito baixa. A respeito desse aspecto, a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) pontua que a discussão e a produção feitas sobre as questões que perpassam a transexualidade continuam sendo majoritariamente realizadas por mulheres cisgêneras e, quando realizadas pelas próprias mulheres trans, esses trabalhos não possuem tanta visibilidade.

As pesquisadoras Marina Reidel e Lauri Silva ressaltam, em suas falas, que é preciso dar mais visibilidade às pessoas trans, no campo científico, enquanto pesquisadoras/es e sujeitos que produzem conhecimento científico.

Além disso, Lauri Silva faz menção à importância de se visibilizar as falas de pessoas transexuais que ainda não acessaram o campo científico enquanto pesquisadoras:

“(...) pra discutir as próprias vivências, eu acho que elas se sentiriam mais acolhidas. Se sentiriam mais visibilizadas, porque é o lugar delas de fala, porque elas já passaram por violências, elas que sofrem diariamente essas questões da transfobia. Então, é elas que vão relatar. Eu acho que, a partir do momento que elas começam a relatar essas histórias, essas vivências, essas lutas diárias, elas começam a perceber

que elas estão falando de algo que elas conhecem muito bem e que podem, sim, fazer produções intelectuais delas mesmas e que pode ajudar nessa questão da erradicação da discriminação". (Lauri Silva).

A narrativa de Lauri Silva nos permite refletir sobre o fato de que as existências trans são múltiplas, plurais e se constituem na interseccionalidade de gênero, raça-etnia, classe, geração, sexualidade, dentre outros marcadores sociais. A pesquisadora Megg Rayana Gomes de Oliveira (2017) observa que são "raros os trabalhos que problematizam a existência de mulheres bissexuais, lésbicas, e mais raros ainda trabalhos que discutem as experiências de travestis e mulheres transexuais negras e/ou brancas" (p. 169). Desse modo, a inserção/permanência/atuação de pessoas trans, no campo científico, é uma forma potente de visibilizar as experiências dessas pessoas, de promover debates, rupturas e possibilidades outras dentro desse espaço. Sentir-se pertencente a esse lugar; reconhecer-se e ser reconhecida/o, respeitada/o e atuante são efeitos que a maior representatividade dessa população, nas universidades, produz.

Outro ponto importante, o qual foi abordado ao longo das entrevistas, foi a questão da visibilidade das discussões trans dentro do campo científico:

"(...) principalmente feministas que têm dado visibilidade e trazido essas discussões pra dentro da universidade, mas que precisa ainda de mais campo aberto dentro da universidade pra essas discussões né?!". (Lauri Silva).
"(...) as pessoas estão localizando essas discussões em eventos maiores, que funcionam como um guarda-chuva para eles poderem acontecer, para essas discussões poderem acontecer, para a sobrevivência desses debates na conjuntura que a gente está. (...) Nas questões de pesquisa especificamente, você, muitas vezes, sofre preconceito por trabalhar com essas questões, sendo uma pessoa trans ou não até hoje" (Guilherme Almeida).

Para Keo Silva e Alexandre Fernandez Vaz (2019), "a existência de ações afirmativas destinadas à população trans na pós-graduação contém o caráter político da visibilização e a possibilidade de construir novas perspectivas para essas subjetividades" (p. 219). Nesse sentido, as narrativas da pesquisadora Lauri Silva e do pesquisador Guilherme Almeida reforçam que é preciso que a universidade como um todo se abra mais para esses debates, já que os preconceitos sobre as questões trans ainda se fazem muito fortes nesse e em outros espaços sociais.

Em uma de suas falas, o pesquisador Shay Rodríguez menciona que uma das soluções que achou, para que essas questões relacionadas à transexualidade tenham mais visibilidade, é, justamente, atuar na produção de conhecimentos sobre o tema:

"(...) a partir do momento que eu comecei a me entender, a me perceber como homem e entendo e vendo que, para as pessoas ao meu redor, era uma coisa nova, era uma

coisa que as pessoas não sabiam, não tinham conhecimento, então eu me vi como uma pessoa que teria que explicar a todo o momento, a toda hora o que eu sou, entende? Então, eu comecei a entender que eu teria que produzir coisas sobre essas questões" (Shay Rodríguez).

A pesquisadora Maria Zanela, cofundadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades, Transgeneridades e Transexualidades (NeTrans), em uma reportagem, afirmou que um dos objetivos do projeto é que as "pessoas que se reconhecem como travestis, transexuais e transgêneros não mais sejam apenas 'objetos de estudo', mas sujeitas/os políticas/os de suas próprias histórias e trajetórias, oportunizando a estas pessoas visibilidade, vez e voz" (MACHADO, 2020). Isso é mencionado pelo pesquisador Shay Rodríguez, o qual destacou, em seu relato anterior, que, para ele, falar de si, enquanto homem transexual, mostrou-se uma forma potente de visibilizar sua existência, bem como importante para dar visibilidade aos trabalhos e às pesquisas que desenvolve e desenvolveu enquanto pesquisador dessa temática.

5.1.10 Conclusões provisórias

Pensar a partir das narrativas aqui apresentadas, tecer interlocuções com e a partir delas, foram alguns movimentos empreendidos nesse texto a fim de discutir alguns processos relacionados à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade, no campo científico, que perpassam as trajetórias das pesquisadoras e dos pesquisadores trans que colaboraram com essa pesquisa. Tecer interlocuções com as narrativas e conhecer alguns fatos de suas histórias de vida e profissionais nos possibilitou perceber o quanto as existências trans, nesse espaço, estão atravessadas e articuladas por práticas, por diferentes experiências e por atos de resistência. Assim, compartilharmos, nessa escrita, as experiências de pesquisadoras e pesquisadores trans, as quais nos fizeram pensar na necessidade de rupturas e de abertura de brechas no sistema heteronormativo em que somos educados/as.

Compartilhar foi a palavra por nós escolhida, pois é dessa forma que nos posicionamos nesse estudo. As histórias que Marina Reidel, Guilherme Almeida, Lauri Silva e Shay Rodríguez compartilharam conosco, no processo de narrar suas trajetórias de vida e profissionais, provocaram-nos, deslocaram-nos, desestabilizaram-nos, tocaram-nos e nos afetaram. Logo, o que foi abordado nesse texto não deve ser tomado como "a verdade" sobre as narrativas. Desejamos que, a partir de nosso pensamento, tenha se mobilizado a possibilidade de reverberação

dessas experiências a outras pessoas, a outros espaços. Por fim, expressamos nosso agradecimento a essas e esses pesquisadoras/es, pela possibilidade de interlocução, uma vez que suas histórias importam, são histórias que produzem mudanças, rompem com padrões e abrem brechas para o diálogo.

As histórias aqui narradas visibilizam as existências trans no campo científico. Dessa forma, a representatividade, nesses espaços, torna-se potente e necessária para quebrar os silêncios, desestabilizar e desconstruir verdades, de modo a abrir outras possibilidades.

5.1.11 Referências

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, mai.-ago. 2012.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANTUNES, Leda. No Dia da Visibilidade Trans, conheça 4 intelectuais referência no mundo acadêmico. **Huffpost,** 2019. Disponibilidade em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/intelectual-mulheres-transexuais_br_5c4fa99be4b0d9f9be68554a>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** Disponibilidade em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – ANDIFES. **V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação.** 2018. Disponibilidade em: < http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2020.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207-228, jan.-abr. 2008.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; NASCIMENTO, Emylli Tavares; CARVALHO, Iasmim Alves Ferreira de; CAVALCANTE, Júlia Carla Duarte. Invisibilidade lésbica e a interseccionalidade de opressões. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES GÊNERO**.** 18., Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 2014. p. 3008-3024.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 3 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.

CAPUCHINHO, Cristiane. Preconceito está nos professores e não nos alunos, diz docente transexual. **UOL**, São Paulo, 20 de fev. 2014. Disponibilidade em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/02/20/preconceito-esta-nos-professores-e-nao-nos-alunos-diz-docente-transexual.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CASTRO, Roney Polato de; REIS, Neilton dos. Romper binários de gênero e sexualidade: ensaiar uma educação não-binária. **Revista Margens Interdisciplinar**: Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, v. 11, n. 17, p. 108-124, Dez. 2017.

DELCOLLINE, Caio. Por que chegou a hora de falar sobre cotas para pessoas transgênero no Brasil. **HuffPost Brasil**, São Paulo, 2 de abr. 2018. Disponibilidade em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/02/por-que-chegou-a-hora-de-falar-sobre-cotas-para-pessoas-transgenero-no-brasil_a_23401098/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FERNANDES, Estevão Rafael; PANTE, Ana Luiza. Novas demandas, novos espaços: pessoas trans e ativismo online como estratégia de visibilidade. **Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 617-635, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero. In ANAIS DO SIMPÓSIO GÊNERO E PSICOLOGIA SOCIAL: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES. **Anais...** Brasília: Autor. 2010. p. 80-90.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponibilidade em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em 01 de set. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 250-260, Jan.-Abr. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da" ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, Set.-Dez. 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Jan.-Abr. 2002.

MACHADO, Caetano. Visibilidade Trans: campanha da UFSC Diversifica e pede respeito no uso do nome social. **Notícias UFSC**, Santa Catarina, 27 de jan. 2020. Disponibilidade em: <https://noticias.ufsc.br/2020/01/visibilidade-trans-campanha-ufsc-diversifica-pede-respeito-no-uso-do-nome-social/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; SEFFNER, Fernando. Corpos que se (trans)formam: Discutindo narrativas de transexuais. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO / SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. 7. 5., 2017, Canoas. **Anais...** Canoas: Sadita Ltda, 2017. p. 1-12.

MAIA, Diego. Ao menos 12 universidade federais do país têm cotas para alunos trans. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de mai. de 2019. Disponibilidade em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/ao-menos-12-universidades-federais-do-pais-tem-cotas-para-alunos-trans.shtml>. Acesso em: 02 set. 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**:(r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 192 f. Tese (Doutorado em Educação)-Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em áfrica até o século xix. In*:* ———. **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação**. Organização Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães, Fernando Seffener e Teresa Vilaça. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 68-88.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Entre Vista e Olhares. [entrevista condida aos Cadernos de Gênero e Tecnologia] Michel Alves Ferreira e Lindamir Salete Casagrande. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v.12, n. 40, p. 05-12, Jul./Dez. 2019.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, Paraíba, v. 15, n. 2, p. 445-464, Mai.-Ago. 2015.

SILVA, Keo; VAZ, Alexandre Fernandez. Pessoas trans no ensino superior: lutas por acesso e permanência, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina (2012-2015). **Revista Crítica Cultural**, Santa Catarina, v. 14, n. 2, p. 209-221, Jul.-Dez. 2019.

5.2 POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIAS TRANS: ANALISANDO NARRATIVAS DE PESQUISADORAS/ES[53]

5.2.1 POSIBILIDADES DE EXISTENCIAS TRANS: ANÁLISIS DE NARRATIVAS DE INVESTIGADORES

5.2.2 POSSIBILITIES OF TRANS EXISTENCES: ANALYZING RESEARCHERS NARRATIVES

Yasmin Teixeira Mello[54]

Joanalira Corpes Magalhães[55]

5.2.3 RESUMO

As possibilidades de trajetórias trans, em nossa sociedade, ainda são atreladas a diversos preconceitos, negando as existências dessas pessoas em diversos espaços, a exemplo do campo científico. O objetivo deste texto é estabelecer interlocuções com as narrativas de quatro pesquisadoras/es trans a fim de discutir as possibilidades de vivências dos gêneros e o processo de constituição enquanto pesquisadora/pesquisador da/os quatro entrevistadas/os. Para a produção dos dados, foram realizadas entrevistas on-line com pesquisadoras/es trans brasileiras/os, onde as narrativas foram analisadas enquanto uma modalidade discursiva e organizadas em: Eixo narrativo 1: Possibilidades de vivências dos gêneros; Eixo narrativo 2: Trajetórias e o processo de formação enquanto pesquisadora/pesquisador. Ao tencionarmos as questões presentes nos eixos narrativos, a partir das falas das/os pesquisadoras/es trans, observamos o quanto as existências e vivências trans são atravessadas por momentos e significados, como atos de violências e resistências, que produzem efeitos nas trajetórias profissionais e acadêmicas das/os entrevistadas/os.

PALAVRAS-CHAVE: Trans; Pesquisadoras/es; Trajetórias; Existências.

5.2.4 RESUMEN

Las posibilidades de las trayectorias trans en nuestra sociedad siguen ligadas a diversos prejuicios, negando la existencia de estas personas en diversos espacios, como el ámbito científico. El objetivo de este texto es establecer interlocuciones con

---

[53] Artigo submetido para avaliação a fim de compor o número especial (2021) “Tecituras em Redes de Discussões e Afetos: interfaces com as questões de gênero e sexualidade”, da Revista Diversidade e Educação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG (Qualis B5 – Educação).

[54] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (FURG/PPGEC). Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, Brasil. Bolsista pela concessão de bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

[55] Professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós- Graduação Educação em Ciências e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (FURG/PPGEC), Rio Grande, RS, Brasil.

las narrativas de cuatro investigadores trans para discutir las posibilidades de las experiencias de género y el proceso de constitución como investigadora de las cuatro entrevistadas. Para la producción de datos, se realizaron entrevistas en línea con investigadores trans brasileños, donde se analizaron las narrativas como modalidad discursiva y se organizaron en: Eje narrativo 1: Posibilidades de las experiencias de género; Eje narrativo 2: Trayectorias y proceso de formación como investigador/investigadora. Al discutir los temas presentes en los ejes narrativos, a partir de los discursos de los investigadores trans, observamos cómo las existencias y experiencias trans están atravesadas por momentos y significados, como los actos de violencia y resistencia, que producen efectos en las trayectorias profesionales y académicas de los entrevistados.

PALABRAS-CLAVE: Trans; Investigadores; Trayectorias; Existencias.

5.2.5 ABSTRACT

The possibilities of trans trajectories, in our society, are still linked to different prejudices, denying the existence of these people in different spaces, such as the academic environment. The purpose of this text is to establish interlocutions with the narratives of four trans researchers to discuss the possibilities of experiences of the genders and the constitution process as a researcher of the four interviewees. To produce the data, online interviews were conducted with Brazilian researchers trans, where the narratives were analyzed as a discursive modality and organized in: Narrative axis 1: Possibilities of experiences of the genres; Narrative axis 2: Trajectories and the training process as a researcher. When tensioning the issues present in the narrative axes, from the speeches of the trans researchers, we observe how the trans existences and experiences are crossed by moments and meanings, that produce effects on the professional and academic trajectories of the interviewees.

KEYWORDS: Trans; Researchers; Trajectories; Stocks.

5.2.6 Iniciando as discussões

Em uma mesa de discussões on-line, método que vem ganhando destaque em decorrência da pandemia que tem impactado a vida das pessoas em 2020, intitulada de “Mulheres trans/travestis na/da educação” e realizada com a mediação da pesquisadora Sara Wagner York no dia 26 de setembro de 2020, disponível no canal do *Youtube* do Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidade (LEGESEX/UFRRJ)[56], a pesquisadora Luma Nogueira Andrade salientou que, para

[56] Link para o canal do Youtube do canal do Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidade (LEGESEX/UFRRJ): https://www.youtube.com/channel/UCfvYcq_ebtLxufevVOdbsAA/featured.

produzir transformações na sociedade, é preciso elucidar outras possibilidades de trajetórias das pessoas trans[57], diferentes daquilo que normalmente é apresentado.

Ao problematizarmos essa possiblidade de existência das pessoas trans, no campo científico, enquanto pesquisadoras/es[58], rompemos com o que normalmente é apresentado nos discursos da sociedade, segundo os quais essas pessoas são, geralmente, associadas à prostituição, e sua presença fora deste espaço não é pensada (OLIVEIRA, 2018). Por conta disso, o campo científico, comumente, não legitima as pessoas trans enquanto produtoras/es de conhecimento científico e reserva o lugar de objeto de estudo a essas pessoas.

Posto isto, segundo Andrade (2012) “o deslocamento feito por travestis e mulheres transexuais em relação à prostituição encontra similitude na produção acadêmica quando estas deixam de ser os objetos de pesquisa e passam a ocupar o lugar de pesquisadoras” (p. 16). Assim, as pessoas trans reivindicam seu espaço, nas universidades, enquanto pesquisadoras/es e produtoras/es de conhecimento científico. Ao reivindicarem esse espaço, as pessoas travestis e trans realizam o importante movimento de visibilizar essas outras possibilidades de existência, para além da prostituição.

Dessa forma, torna-se cada vez mais importante pluralizar esses outros discursos sobre as pessoas travestis e trans, apresentando essas outras possibilidades de existência e de resistência. Com isso, é dada a possibilidade para que elas possam ocupar espaços que lhes foram negados ao longo da história.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo, que se configura como um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida no PPG Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, é estabelecer interlocuções com as narrativas de quatro pesquisadoras/es trans a fim de discutir as possibilidades de vivências dos gêneros e suas trajetórias no processo de formação enquanto pesquisadoras/pesquisadores.

---

[57] Apesar de compreendermos o ato político e identitário de resistência presente nos termos travesti e transexual, optamos por utilizar, neste texto, o termo trans como uma forma de abranger diferentes possibilidades de existências de gêneros.

[58] Entendemos enquanto pesquisadoras/es as pessoas que estão vinculadas ou ao programa de pós-graduação ou pessoas atuantes dentro do campo científico, seja na produção de artigos, livros, participação em grupos de pesquisa e/ou grupos de discussão e participação em eventos como mesas redondas e palestras.

Cabe destacar que, para que se assegurasse o respeito à identidade, à integridade e à dignidade das/os colaboradoras/es dessa pesquisa, o projeto de mestrado foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (CEPAS-FURG)[59].

5.2.7 Articulações teórico-metodológicas

Imbuídas no campo dos Estudos de Gênero, por meio da vertente pós-estruturalista, compreendemos o gênero como uma categoria historicamente construída. Desse modo, ele se configura como "um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder" (SCOTT, 1998, p. 21).

De acordo com a autora Judith Butler (2003), a construção dos gêneros ocorre a partir das aprendizagens e das práticas que são produzidas por um conjunto de instâncias culturais e sociais, sendo um processo contínuo e inacabado, o que faz do gênero uma ficção reguladora sobre as formas de ser e de estar no mundo.

Esses estudos de gênero, por sua vez, surgiram com a proposta "relativizar a centralidade que alguns estudos sobre tais diferenças, principalmente direcionadas de áreas como a biologia e a medicina, as quais alegam que nossos corpos e nossas identidades são naturalmente dados" (BECK e GUIZZO, 2013, p. 176-177). Isso possibilitou a problematização a respeito de como os gêneros vêm sendo produzidos, reproduzidos e vivenciados no interior das culturas.

Essas produções e reproduções dos gêneros costumam atribuir lugares específicos que os gêneros podem ocupar. Ao olharmos para a história da produção do conhecimento na sociedade, notamos que ela está associada, e foi atribuída, aos homens, em sua maioria, brancos, cisgêneros e heterossexuais (BANDEIRA, 2008), o que gerou a desigualdade entre as diferentes expressões de gênero no campo científico, a qual afeta esse espaço até os dias atuais.

Assim, por ter sido o campo científico um espaço destinado, por muitos anos, aos homens, as demais expressões de gênero, como as que vamos deter nosso olhar neste artigo, ou seja, as expressões trans, comumente, não são reconhecidas, nas universidades, enquanto pesquisadoras e pesquisadores no campo científico.

De acordo com a autora Joan W. Scott (1998):

---

[59] Número do certificado de apresentação de apreciação ética (CAAE): 19945219.9.0000.5324.

> tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituição em relação mútua. Por isso precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam experiências. Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são construídos pela experiência (p. 304).

Logo, quando discutimos sobre a visibilidade das experiências de pessoas travestis e transexuais, em seus papéis de pesquisadora/es, a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) nos provoca a pensar acerca das discriminações que essas pessoas sofrem, como a não inserção no campo científico, a qual pode ser explicada pela ausência de um contexto histórico. Isso acaba contribuindo para limitar a existência de pessoas travestis e transexuais a determinados espaços, e o campo científico não é um desses espaços normalmente destinado e atribuído a elas.

Como consequência da ausência de um contexto histórico que apresente as pessoas trans nos mais variados espaços, essas pessoas trazem marcas em suas vivências, que são momentos e significados que podem subjetivá-las. Assim,

> dependendo do modo de subjetivação em ação, teremos pessoas mais normatizadas ou mais resistentes aos processos de normatização, o que, por conseguinte, nos permite um mapeamento dos níveis de abertura ou de fechamento frente ao contato com as diferenças, com novas possibilidades de existencialização (PERES, 2010, p. 58).

Desta forma, podemos perceber que esses processos de subjetivação atuam na constituição das identidades enquanto pesquisadoras/es das pessoas trans tanto as/os colocando dentro das normas do campo científico, quanto exercendo resistências a esses espaços.

Conforme um texto escrito pela pesquisadora Sara Wagner York (2019), no qual ela relata algumas vivências em um evento científico, para as pessoas transexuais e travestis nem a posição de subalternidade, no campo da ciência, é permitida. Ela complementa essa ideia pontuando que:

> Se há uma mudez reproduzida nas reuniões e textos de modo sistemático e simbólico sobre nossas vidas trans, quando não exotizadas, ou erotizadas, estão objetificadas. No 31° aniversário e reunião anual não houve tempo hábil para gestação trans na antropologia (e em outras tantas áreas), fazendo-me pensar sobre a inexistência da representatividade trans naquele campo, nenhuma trans nunca quis estar nessa área de conhecimento? (YORK, 2019, n.p).

Dessa forma, é perceptível o quanto o campo científico carece de uma maior inserção e visibilidade de pesquisadoras travestis e pesquisadoras/es trans para que, de fato, essas outras possibilidades de existências sejam reconhecidas.

A pesquisadora Sara Wagner York, em sua dissertação de mestrado, intitulada de “Tia, você é home? As funções entre uma docente transgênero e o cis-tema da heterossexualização compulsória na Baixada Litorânea", defendida em maio de 2020, trouxe, para o debate, as questões referentes a como as cotas para pessoas travestis e transexuais impactam sobre o acesso e a permanência delas em programas de pós-graduação de instituições públicas. Segundo a pesquisadora:

> Este acesso às cotas, permite que alguns sujeitos, que lutaram por toda uma vida, pudessem se fazer lidimares em alguns meios e estes meios fortaleceram a ocupação de alguns espaços. A ocupação acadêmica é real, mas os/as primeiras/os à aqui chegar, ainda convivem com resquício do século XIX (a estrutura construcionista e ainda essencialista na/da sala de aula) e o século XX nacional (insistente em tratar LGBTIs como cidadã/os de segunda categoria) (YORK, 2020, p. 148).

Sara nos faz refletir a respeito dos desafios que as pessoas travestis e trans ainda passam no campo científico quando se colocam na posição de pesquisadoras/es e produtoras/es de conhecimento. Além disso, ela nos faz pensar em como as políticas públicas de cotas, tanto para o acesso como para a permanência, possibilitam que as desigualdades que essas pessoas enfrentam sejam minimizadas.

Para a produção dos dados deste artigo, primeiramente convidamos pesquisadoras/es trans que já desenvolveram parcerias e participações em atividades organizadas pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, do qual fazemos parte. Após esse contato, algumas e alguns aceitaram ao convite. Como passo seguinte, agendamos e realizamos entrevistas narrativas de forma on-line, com o auxílio de um roteiro semiestruturado. Essas foram gravadas para posterior transcrição. Depois de transcritas, as entrevistas foram enviadas as/aos pesquisadoras/es para que elas/es fizessem modificações. Colaboraram com o estudo quatro pesquisadoras/es trans brasileiras/os, a saber[60]: as pesquisadoras Lauri Silva e Marina Reidel, e os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez.

[60] As/os quatro pesquisadoras/es entrevistadas/os optaram por utilizarem seus nomes civis, como forma de visibilidade e resistência.

A pesquisadora Lauri Silva é uma mulher trans de 33 anos, a qual possui graduação em História, especialização em Psicopedagogia, mestrado em História e Estudos Culturais. Atualmente, está realizando doutorado também em História. Tem realizado pesquisas acerca das questões das políticas públicas, dos movimentos sociais, dos estudos culturais, na área do ensino de história e sobre as questões que perpassam o gênero e a sexualidade no ambiente escolar.

A pesquisadora Marina Reidel é uma mulher trans de 48 anos, que possui graduação em Licenciatura em Educação Artística, especialização em Psicopedagogia e mestrado em Educação. Ela realiza pesquisas a respeito das questões relacionadas à educação, à sexualidade, ao gênero, à formação de professoras/es e sobre questões relativas a professoras travestis e transexuais.

Já o pesquisador Guilherme Almeida é um homem trans de 47 anos, o qual possui graduação em Serviço Social, mestrado em Saúde Pública e doutorado em Saúde Coletiva. Suas pesquisas são centradas nas relações entre trabalho profissional do assistente social e o campo dos direitos sexuais e do direito à expressão de gênero; nas questões que perpassam as masculinidades trans, em assuntos como o serviço social relacionado à população trans, religiosidade, neoconservadorismo e assuntos que envolvam a transexualidade em geral.

Nosso quarto entrevistado, o pesquisador Shay de Los Santos Rodríguez, é um homem trans de 22 anos, que possui graduação em Arqueologia e está fazendo mestrado em Educação. Tem realizado pesquisas sobre as questões da transexualidade relacionada à questão corporal, às políticas públicas e aos meios de tornar a vivência trans mais visibilizada.

O roteiro da entrevista foi composto por 14 perguntas a respeito dos diversos assuntos relacionados à trajetória de vida e profissional das/os entrevistadas/os e sobre as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pessoas trans no campo científico, enquanto pesquisadoras/es.

Para a construção deste artigo, fizemos um recorte das questões, selecionando narrativas referentes às seguintes perguntas como forma de atender o objetivo deste trabalho: Como foi esse processo de produção de gênero, em que etapa de sua vida esse processo teve início e quais marcas e significados poderia destacar com relação a essa questão? Você acredita que a sua expressão de gênero ou, até mesmo, o processo de transição pode ter influenciado a escolha de seu curso e a área do

conhecimento? Como foi sua trajetória de constituição enquanto pesquisadora/pesquisador, e como você percebe a atividade científica? Como tem percebido as políticas de cotas com relação ao acesso e à permanência desses sujeitos trans no campo científico?

Com o objetivo de organizar a análise das narrativas, separamos as discussões em dois eixos narrativos, que foram escolhidos pelo fato de, ao longo do processo de leitura das narrativas, termos observado o quanto as possibilidades de vivências dos gêneros estão articuladas às trajetórias de constituição das quatro pessoas entrevistas enquanto pesquisadoras/es. Assim, os eixos narrativos se dividem em: Eixo narrativa 1: Possibilidades de vivências dos gêneros, em que discutimos as questões referentes a como o processo de constituição de gênero das quatro pessoas que colaboraram com essa pesquisa foi significativo para as suas constituições enquanto pesquisadoras/es; e o Eixo narrativo 2: Trajetórias e o processo de formação enquanto pesquisadora/pesquisador, em que problematizamos as marcas apresentadas, nas narrativas das/os entrevistadas/os, a respeito de seus processos de constituição enquanto pesquisadoras/es.

Para análise dos eixos narrativos, utilizamos a investigação narrativa, entendendo a narrativa enquanto uma modalidade discursiva. Assim,

> a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994, p. 43).

Por esse viés, podemos tecer interlocuções entre as diferentes narrativas que são apresentadas pelas pessoas, que podem ter aspectos similares ou não com a narrativa das/os demais, reconhecendo as características pessoais de cada entrevistada/o e relacionando-as com a complexidade das percepções e dos entendimentos que elas/es fazem de suas vivências, de suas ações, de seus problemas, seus desafios e dilemas (RABELO, 2011).

Compreendemos que as narrativas potencializam a exposição dos pensamentos e das visões de mundo das pessoas. Desse modo, as narrativas apresentadas pelas/os quatro pesquisadoras/es, sujeitos do estudo, permitiram-nos compreender as experiências que constituíram essas pessoas quando em suas funções de pesquisadoras/es.

Cabe destacar que nosso objetivo, neste texto, ao analisar as narrativas das/os entrevistadas/os, não foi o de identificar “a verdade” daquilo que foi dito pelas/os colaboradoras/es, mas sim o de tecer interlocuções com e a partir das narrativas dessas/es quatro pesquisadoras/es transexuais entrevistadas/os acerca de suas vivências e experiências, tanto pessoais como profissionais.

Em função disso, entendemos que o sentido que as/os pesquisadoras/es trans atribuem às suas experiências tem relação com as palavras e com as maneiras como elas/es se colocam diante se si mesmos/as, diante dos outros sujeitos e do mundo no qual nós vivemos (LARROSA, 2002).

5.2.8 Tecendo algumas articulações com as narrativas

Para tecer interlocuções com as narrativas das/os colaboradoras/es organizamos as nossas problematizações em dois eixos narrativos, que serão discutidos a seguir.

5.2.9 Eixo narrativo 1: Possibilidades de vivências dos gêneros

Nesse primeiro eixo narrativo, estabeleceremos algumas interlocuções sobre os processos de construção do gênero das/os pesquisadoras/es que compõem este trabalho, tendo em vista que o processo da constituição do gênero dessas pessoas tem relação com suas trajetórias enquanto pesquisadoras/es. Para tanto, destacaremos as narrativas do pesquisador Guilherme Almeida e da pesquisadora Lauri Silva:

“Minha identidade política, minha identidade pessoal, minha identidade como professor/pesquisador. Não tinha como separar essas discussões.” (Guilherme Almeida, 2020).

“Até porque toda a minha trajetória acadêmica e minha trajetória pessoal têm a ver com a minha questão de ser trans, né.” (Lauri Silva, 2020).

Os excertos que introduzem esse eixo narrativo nos possibilitam pensar a respeito do quanto as possibilidades de vivências dos gêneros das/dos colaboradoras/es com o estudo estão articuladas com a trajetória de constituição dessas pessoas enquanto pesquisadoras e pesquisadores.

Ao narrarem como elas ou eles percebiam os processos de construção de seu gênero, as/os pesquisadoras/es relataram:

“Na verdade, eu me reconhecia como menina desde os 7-8 anos, quando brincava de boneca e quando eu brincava de casinha eu queria ser a professora. No entanto, eu só fui entender esse processo mais tarde, quando eu tinha 30 anos.” (Marina Reidel, 2020).

“A questão da minha identidade de mulher trans se firmou durante o meu percurso na graduação. Quando eu entrei na universidade, eu ainda não tinha feito aquela questão de transição hormonal, do tratamento hormonal, eu não tinha feito ainda porque, antes de eu entrar na universidade, eu não me sentia com a minha identidade de mulher trans.” (Lauri Silva, 2020).

“E já que eu iria pra universidade, pra outra cidade e eu não conhecia ninguém, eu vi uma oportunidade de opa!, eu posso começar, não uma nova vida, mas tipo realmente experimentar como eu queria poder me ver, poder ser visto. Ainda mais que as pessoas não iriam me conhecer, então acho que seria mais fácil até o entendimento, ‘oh, eu sou homem’, e daí seria muito mais fácil do que no lugar onde todo mundo já me conhece, já passou anos comigo me vendo como mulher e do nada mudar, eu acho que assim seria muito mais dolorosa a convivência.” (Shay Rodríguez, 2020).

“Quando eu me formei, quando eu construí minha trajetória pública, não tinha existente nem no Brasil, nem mundialmente, nem internacionalmente (transexuais). (...) Então, durante a minha graduação, eu me apresentava como uma “mulher cis”. Embora não usasse esse termo, ele não existia. (...) No começo, eu não entendi o que estava acontecendo, minhas questões identitárias tinham sido ocultadas no final da juventude (eu já estava com 30 anos), era um sentimento de estranhamento muito profundo. Eu tinha extrema solidariedade com as narrativas de sofrimento que eu ouvia das lésbicas, das mulheres que eram minhas interlocutoras de pesquisa, mas eu não conseguia me identificar com elas. (...) Minha tese começou a sair e foi também um momento dialético muito intenso, porque junto com as transformações e absorção do campo veio a minha transformação pessoal: ali começou a nascer o Guilherme.” (Guilherme Almeida. 2020).

Na narrativa da pesquisadora Marina Reidel sobre seu processo de reconhecimento, ela fala que ele teria iniciado na infância, mesmo que ela só tenha entendido e começado a afirmar sua identidade de gênero, publicamente, na vida adulta. A fala dessa pesquisadora nos faz pensar em um debate que também

atravessa as crianças, pois o seu reconhecimento, de não correspondência com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, teve início na sua infância.

Desse modo, podemos discutir sobre o quanto as infâncias têm sido pensadas e acionadas para problematizar as questões acerca da transexualidade em estudos, reportagens, programas de televisão, entre outros espaços. Ariane Pickersgill Arana, em sua dissertação de mestrado, intitulada de “A produção da criança trans nas reportagens digitais: um olhar para os espaços educativos família e escola”, defendeu, em 2018, que:

> Essas lutas diárias que os sujeitos trans passam, esse desconforto ao sair na rua, a estar numa escola, ou até mesmo estar com os demais membros da família, com os/as amigos/as causam preocupações a seus familiares e também a própria criança. Entendemos que toda essa preocupação deva ocorrer porque sabemos o quanto a sociedade ainda é preconceituosa. Alguns familiares de sujeitos trans, como notamos em nossas reportagens, ainda relutam sobre sua identidade de gênero (p. 75).

Assim, a infância é uma etapa da vida das pessoas trans perpassada por diversos medos, que podem produzir efeitos nessas pessoas, em seus processos de reconhecimento e de expressão do gênero, já que esse é diferente do que lhe foi atribuído ao nascimento. No caso das/os quatro pesquisadoras/es interlocutoras/es, nessa pesquisa, esse processo ocorreu quando adultas/os.

O pesquisador Shay Rodríguez ainda aponta para a questão de que viu a possibilidade da construção do seu gênero a partir do momento em que saiu da cidade em que já o conheciam. No trabalho de Rafael Alves Galli, Elisabeth Meloni Vieira, Alain Giami e Manoel Antônio dos Santos (2013), essa questão é apresentada na história da entrevistada Diva, que é uma mulher transexual:

> Iniciou seu processo de transformação recentemente, pois só veio a se assumir como transexual perante a família e os amigos há cinco anos. Por viver em uma cidade pequena do interior e considerar que nesse ambiente poderia ser vítima de muito preconceito e chacotas por parte das pessoas preconceituosas (p. 453).

É possível notar que os elementos que são destacados na história de Diva também estão presentes na narrativa do pesquisador Shay Rodríguez sobre vislumbrar, na mudança de cidade, uma possibilidade para a construção do gênero diferente daquele que lhe foi atribuído ao nascimento, de forma a conseguir minimizar os olhares de estranhamento e de não reconhecimento.

É perceptível que as narrativas das/os quatro pesquisadoras/es são marcadas pelas questões geracionais. De acordo com um trabalho realizado pelo pesquisador Alexsander Lima da Silva e pela pesquisadora Adélia Augusta Souto de Oliveira (2015), as trajetórias das pessoas trans se diferem por diversos fatores interseccionais, como classe social, raça/etnia e geração.

Observamos que os elementos que compõem as narrativas das/os pesquisadoras/es mais jovens, Lauri Silva e Shay Rodríguez, são diferentes se as comparamos com os das/os pesquisadoras/es mais velhos, Guilherme Almeida e Marina Reidel. Isso se nota pelo fato de as/os mais novas/os já terem um maior conhecimento a respeito das questões que perpassam a transexualidade quando iniciaram seu processo de reconhecimento e expressão de gênero. Para ilustrar isso, temos a narrativa anteriormente citada, do pesquisador Guilherme Almeida, quando ele menciona que não existiam pessoas trans com visibilidade nem os termos acerca dessa questão eram teoricamente firmados, mas que, quando passaram a existir, tomaram significado, e as pessoas começaram a se reconhecer e a se nomear.

Durante as entrevistas, nesse movimento de pensar sobre o processo de representação de pessoas trans na sociedade, o pesquisador Guilherme Almeida reportou que:

“*Da primeira geração se sabe muito pouco e o nome mais conhecido foi o João Nery e o restante a gente não tem registros, muito consistentes sobre o restante*.” (Guilherme Almeida, 2020).

Nesse trecho, além de o pesquisador salientar a questão de, naquele momento, não haver muitas pessoas trans, principalmente quanto pensamos em trans homens na sociedade, fazendo-nos pensar sobre a visibilidade dessas pessoas, ele salienta que João Nery, “autoidentificado transhomem, provavelmente o primeiro do Brasil, operado em 1977” (NERY e MARANHÃO FILHO, 2013, p. 140) foi um marco para que sua geração de homens trans pudessem se reconhecer.

Ainda refletindo sobre seu processo de construção do gênero, o pesquisador Guilherme Almeida ressaltou que:

“*No ambulatório, eu conheci o primeiro homem trans e, no final de 2008, eu não comecei logo a me hormonizar, porque eu falava assim: "bom eu preciso primeiro achar um jeito de me proteger", embora em um primeiro momento eu dissesse assim: ‘eu acho que eu vou ter que pagar o preço, se for o caso eu vou largar a profissão,*

vou abandonar a carreira pra poder viver o que eu preciso viver'. (...) *Isso não era uma opção simples naquele momento, além de tudo, a profissão de professor guarda uma áurea de respeitabilidade, e essa respeitabilidade, ela, em grande medida, está presa na corporeidade. Então, como manter uma performance sustentável, respeitável (que é uma condição indispensável pra sobrevivência)." (Guilherme Almeida, 2020).*

Nesse movimento, a pesquisadora Marina Reidel narrou que:

"Então, por muito tempo, eu sofri violência na escola e, mais tarde, quando eu assumi minha identidade de gênero, eu já era profissional, já era professora e, assim mesmo, eu tive dificuldades com as minhas colegas professoras, com as direções de escolas, por não aceitarem esse processo, que era um processo meu." (Marina Reidel, 2020).

Com base nas narrativas do pesquisador Guilherme Almeida e da pesquisadora Marina Reidel, é possível observar os receios e os preconceitos enfrentados por elas/eles em relação às suas profissões de professora e professor. Segundo as ideias de Fernando Seffner e Marina Reidel (2015), a ação pedagógica de professoras/es trans:

> independente da disciplina que lecionam, parece instaurar na sala de aula processos e saberes docentes que deslocam a tradicional figura da professora enquanto mãe, tia ou irmã mais velha, e introduzem de modo decidido outra modalidade de relação em que o corpo da professora passa a desempenhar um papel importante, marcado em especial pelos atributos de gênero e sexualidade, mas numa equação em que entram em jogo também os marcadores de geração, raça e pertencimento religioso (p. 446).

Portanto, as narrativas nos conduzem a pensar em como a figura de docente perpassa o imaginário, ditando formas de ser e de agir em nossa sociedade, que são aceitas ou não para que exerçam sua profissão. No que se refere ao processo de construção de seu gênero, a pesquisadora Lauri Silva ainda relatou que:

"E assim eu me descobri foi no contato mesmo, até mesmo com meninas trans a partir do momento que entrei na graduação. Então, foi aí que fui me descobrindo, porque eu ia vendo elas com cabelo grande, eu via elas de salto daí eu queria usar salto, furar a orelha porque eu não tinha a orelha furada nem nada." (Lauri Silva, 2020).

Essa narrativa nos remete ao fato de que, ao ocupar o espaço da universidade, a pesquisadora Lauri Silva teve a vivência de outro processo de construção de gênero, pois, estando nesse espaço, percebeu que havia outras possibilidades de existências e expressões de gênero. Conforme Keo Silva e Alexandre Fernandez Vaz (2020, p. 52), as pessoas trans "uma vez na Universidade, puderam criar possibilidades de

resistir à estrutura cisheteronormativa que provoca a expulsão de determinados corpos dos espaços educacionais". Dessa maneira, a universidade pode constituir-se enquanto um lugar capaz de permitir essas rupturas e desconstruções que antes se faziam presentes na vida das pessoas trans, abrindo espaço para que elas possam expressar suas existências.

O pesquisador Shay Rodríguez ainda abordou, em sua narrativa, a questão de que, no início da sua transição de gênero, ele buscava a performatividade do gênero de acordo com as regras impostas à binaridade na sociedade:

"Comecei a comprar roupas mais ditas masculinas né, heteronormativas e só buscava me relacionar afetivamente e sexualmente com mulheres né, então eu pensava assim "ah já que eu sou homem eu vou seguir por essa linha sistemática do que é ser homem na sociedade", para que as pessoas me reconhecerem como homem, pra ficar mais fácil de eu falar "eu sou homem" e a pessoa "ok, você é homem." (Shay Rodríguez, 2020).

Durante a produção dessa narrativa, Shay Rodríguez também mencionou que: *"Só que com o tempo eu comecei a perceber que não precisava manter meu cabelo sempre curto, usava roupas ditas masculinas o tempo todo, me relacionar só com mulheres, daí na verdade eu comecei a perceber que bom, ser homem, esse tipo de ser homem, é uma construção da sociedade que é hegemônica, não precisa tá nesse sistema pra ser homem. Aí eu entendi que, se eu sou homem e me identifico como homem, portanto tudo que eu faço vai ser de homem."* (Shay Rodríguez, 2020).

A partir disso, podemos colocar em debate o fato de que os processos de construção dos gêneros, para algumas pessoas trans, devem seguir os padrões binários já produzidos no sentido da busca do reconhecimento do gênero com o qual a pessoa se identifica. O pesquisador Luis Felipe Hatje (2018), em sua dissertação de mestrado, intitulada de "Trans (formar) o nome: A constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome", diz que, para um dos seus entrevistados, um homem transexual,

> a aceitação social do documento se relaciona também com a passabilidade que vem adquirindo por meio de hormonioterapia, adquirindo uma correspondência entre sua identidade de gênero, sua voz e seu corpo, possibilitando que transite em diferentes espaços sem ser identificado como sujeito transgênero (p. 117).

As narrativas do pesquisador Shay Rodríguez e do jovem trans, participante da dissertação anteriormente citada, tensionam essas questões relacionadas ao

reconhecimento com determinado, permitindo-nos refletir sobre o quanto esses processos são diversos, plurais, não lineares e inacabados. Ao compreendermos essas construções de expressões e de vivências de gênero como múltiplas, podemos pensar no quanto elas produzem movimentos de ruptura e abertura de brechas para problematizarmos as normas binárias já naturalizadas na sociedade.

Os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez consideram suas trajetórias acadêmicas como algo que foi importante para seus processos de construção de gênero. Os dois afirmaram que:

“Naquele momento, eu consegui chegar finalmente à formulação de que eu era um homem trans. Na produção da minha identidade, os estudos contaram tanto quanto quaisquer outras experiências práticas, eu diria. O que eu li e assisti academicamente contribuiu até mais em alguns momentos, do que o que vivi.” (Guilherme Almeida, 2020).

“Então, depois disso, eu comecei a ir mais a fundo nesses estudos de gênero e entender por que que eu não tava à vontade, mesmo me identificando como homem, porque eu não tava a vontade em ficar sempre usando roupas heteronormativas masculinas e sempre buscar me relacionar com mulheres né, então eu não tava confortável com isso, e eu percebi que isso era uma coisa que me tava sendo obrigada né, para ser mais fácil pra pessoas poderem me aceitar.” (Shay Rodríguez, 2020).

Assim, fica claro o quanto o campo dos estudos de gênero, os quais têm, como proposta, “relativizar a centralidade que alguns estudos sobre tais diferenças, principalmente direcionadas de áreas como a biologia e a medicina, as quais alegam que nossos corpos e nossas identidades são naturalmente dados” (BECK e GUIZZO, 2013, p. 176-177), possibilitam-nos entender o gênero enquanto uma construção social, e isso, por sua vez, é importante para potencializar outras possibilidades de vivência e de existência.

Esse campo permite, portanto, que sejam conhecidas diversas narrativas e olhares para diferentes trajetórias, apresentando-nos outros modos de pensar as existências de gênero. Nesse caso, referimo-nos às existências trans, em diferentes espaços sociais para além do que o campo científico normalmente nos apresenta, visibilizando essas outras possibilidades de trajetórias.

5.2.10 Eixo narrativo 2: Trajetórias e o processo de formação enquanto pesquisadora/pesquisador

Neste segundo eixo narrativo, serão tecidas interlocuções com as narrativas das/os quatro pesquisadoras/es transexuais, de forma a se problematizar, as trajetórias e o processo de formação delas/es enquanto pesquisadoras/es. Nesse sentido, durante as entrevistas, quando questionado sobre seu processo de formação enquanto pesquisadoras/e, Guilherme Almeida reportou que:

"Ainda durante a graduação, eu acho que tem duas coisas que foram fundamentais pra mim. A primeira foi uma iniciação científica sob coordenação da professora Carla Almeida lá na UERJ, e era o primeiro projeto de iniciação científica que teve lá Faculdade de Serviço Social (...) E a segunda foi fazer um projeto de pesquisa em parceira com uma outra professora visitante na época na Escola de Serviço Social da UFRJ. (...) Então, foram as duas primeiras bolsas de iniciação científica lá da Faculdade de Serviço Social que foram bolsas de iniciação científica nos estudos de gênero." (Guilherme Almeida, 2020).

A partir da narrativa do pesquisador Guilherme Almeida, observamos o quanto a participação em projetos foi importante para a sua constituição enquanto pesquisador. Entendemos o quanto as mais diversas modalidades de pesquisa acadêmica, como a Iniciação Científica (IC), são espaços importantes para as/os pesquisadoras/es. De acordo com Lucídio Bianchetti e colaboradores (2012):

> o ingresso na IC proporciona, em perspectiva, uma visualização relativa a qualquer campo de saber, fundamentada teórica e metodologicamente, complementando a formação acadêmica dos estudantes de qualquer nível, em um processo em que o conhecimento, além de ser partilhado nas suas atividades letivas, passa a ser produzido, reavaliado e/ou recriado. (...) Pode-se afirmar que a IC – bem como as outras modalidades ou programas – contribui para a ampliação da pesquisa no país (p. 581).

Logo, é perceptível a importância das diferentes modalidades de pesquisa para a constituição das pessoas enquanto pesquisadoras/es e para ampliação e melhoria das pesquisas no país. Apesar dessas contribuições, outra narrativa, a seguir, do pesquisador Guilherme Almeida nos faz refletir sobre o quanto esses espaços e agências relacionadas à pesquisa ainda são pensadas e organizadas com base no modo binário quando pensamos as expressões de gênero. Em sua fala, ele mencionou os embates que enfrentou ao tentar trocar a variável sexo na plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ):

"*Uma das primeiras coisas que a gente teve que lutar foi com a Plataforma Lattes. O CNPQ, num primeiro momento, ele me disse que a variável sexo era uma variável imutável. Eu recebi a primeira resposta do CNPQ quando eu já estava com um mandado judicial de retificação na mão (não estava pedindo o uso do nome social e sim do meu novo nome civil), foi que sexo era uma variável imutável. Foram seis meses recebendo e-mails evasivos até que houve uma reunião em que se tomou a decisão de "abrir" a variável."* (Guilherme Almeida, 2020).

A narrativa desse pesquisador nos faz pensar no quanto as primeiras pessoas trans, ao ingressarem no campo científico, tiveram de lidar com diversos embates nesse espaço, como tentar mudar a variável sexo, que é compatível com o que entendemos por gênero, no sistema de currículos virtuais oficial de pesquisadoras/es. Assim, quando as pessoas trans começaram a ingressar nesses lugares, essas existências provocaram abalos e mudanças na forma como o campo científico foi estruturada e pensada anteriormente.

Ainda sobre o processo de constituição enquanto pesquisadoras/es, a narrativa abaixo da pesquisadora Lauri Silva, permite-nos refletir acerca do quanto as/os professoras/es são importantes nesse processo:

"Professores que, assim, me ajudaram bastante no meu crescimento profissional e intelectual, que incentivaram todos os aspectos pra eu estar na posição que eu estou hoje." (Lauri Silva, 2020).

A narrativa da pesquisadora Lauri Silva destaca a importância das/os professoras/es que exercem práticas que reconhecem e potencializam a permanência das pessoas trans nas instituições educacionais. Dessa forma, possuir professoras/es que deem suporte, nesse processo de busca, amadurecimento e constituição, enquanto pesquisadora/pesquisador, é um marco importante e um forte aliado na permanência das pessoas trans nas universidades e, portanto, no campo científico.

Outro aliado para a permanência das pessoas trans, nas universidades, são as políticas de permanência e combate à evasão das pessoas trans nas escolas e universidades. Quando perguntadas/os a respeito de suas percepções sobre as políticas de ações afirmativas para que pesquisadoras/es trans adentrem no campo científico, as/os entrevistadas/os narraram o seguinte:

"Quando comecei a Faculdade, eu trabalhava, e trabalhava durante o dia e estudava durante a noite. Depois, eu consegui a bolsa de iniciação científica, e ela me permitiu

deixar o trabalho e me dedicar à atividade acadêmica. Só que depois a bolsa acabou, e eu não tô falando disso por acaso, é porque eu acho que esse ainda é, muitas vezes, um limite importante pros jovens pesquisadores e pesquisadoras, não só no campo da diversidade sexual, nos estudos de gênero, que é você conseguir construir desde a graduação uma caminhada em função de ter recursos pra manter tua atividade acadêmica, e você não ter que se dividir com uma atividade remunerada." (Guilherme Almeida, 2020).

"Uma é a dificuldade de acesso na pós-graduação. Hoje tem as políticas afirmativas de cotas em algumas universidades, nem todas as universidades têm. Então, são possibilidades que os programas de pós-graduação estão dando. Mas daí você pergunta, tá mas tem muitas trans nas universidades, tem trans terminando a graduação? Às vezes, muitas vagas dessas cotas nem acabam sendo preenchidas porque não tem. Então, a esse problema da falta de trans na universidade, então o que acaba acarretando poucas profissionais trans pesquisadoras no Brasil. (...) Tem três trans lá na universidade, elas são graduandas, mas uma trans tá trabalhando e tem dificuldade de conciliar o estudo e o trabalho né?! Ela é bolsista, e a outras ela ingressou agora e falou que já está sentindo dificuldade porque ela precisa trabalhar pra se mantar na universidade, né?!" (Lauri Silva, 2020).

"A gente continua sem acesso à universidade, os cortes das universidades estão ocorrendo, tá tendo muita precariedade na educação, então se pra pessoas cis tá ficando ruim, pras pessoas trans tá na mesma ou até pior." (Shay Rodríguez, 2020).

"Eu acho que a política de cotas ela é um reparo social. Eu não entrei por política de cotas, eu entrei por uma seleção normal no mestrado, mas eu acho que ela é importante em todas as áreas, não só na pós-graduação, como na graduação, porque é um reparo social, porque a população trans sempre foi a mais excluída desses processos de escola e processo de educação. Então, isso fez com que houvesse um déficit no nosso processo. Então, é importante que a gente repare isso socialmente e as universidade tem feito esse trabalho." (Marina Reidel, 2020).

A partir das narrativas e de acordo com a pesquisadora Sara Wagner York (2020), é possível perceber o quanto as políticas públicas, tanto de cotas para o acesso quanto de ações para a permanência, são importantes para que as pessoas trans possam estar no campo científico e, assim, firmarem-se enquanto pesquisadora/es.

Contudo, as implementações de políticas públicas ainda ocorrem de maneira muito lenta, “e as práticas que visam à igualdade de direito entre todos os cidadãos nos diversos contextos sociais ainda têm a necessidade de serem mais amplamente divulgadas e respeitadas” (SOUZA; SILVA, 2014, p. 164). Segundo dado do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2019), as/os alunas/os trans representam menos de 0,1% do total de 533 mil alunos de instituições federais.

Em outro momento da entrevista, as narrativas que emergiram das/os pesquisadoras/es indicaram que a participação em movimentos sociais foi um outro marco para suas constituições enquanto pesquisadoras/es:

“E o segundo marco foi a inserção no movimento estudantil. (...) E no movimento estudantil também foi a minha primeira aproximação com mulheres lésbicas, que, até então, eu não tinha contato.” (Guilherme Almeida, 2020).

“A parte do movimento LGBTQI+ lá em Rondônia. Então, meu trabalho de monografia, por exemplo, eu pesquisei o primeiro movimento LGBT no estado e era um movimento do qual eu fazia parte, né?! Então, foi a partir da graduação que eu conheci o movimento, que eu comecei a estudar o movimento, e que tem haver sim com as minhas questões de luta contra a discriminação, contra a transfobia, né?!.” (Lauri Silva, 2020).

Desse modo, o fato de terem participado dos movimentos sociais possibilitou, tanto ao pesquisador Guilherme Almeida como ao pesquisador Lauri Silva, terem contato e aproximação com aquilo que, para ela/ele, tornou-se temática de pesquisa.

É importante destacar a importância e força que esses movimentos têm para que as discussões que perpassam essas questões possam emergir e serem potencializadas em diferentes espaços sociais. Projetos como os que são realizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o projeto TransEducação, entre outros projetos e ações, geram articulações entre instituições e pessoas trans. Isso, por sua vez, faz serem promovidas ações em prol da cidadania da população trans, possibilitando um maior reconhecimento, inserção e visibilidade de pessoas trans para que, assim, elas possam estar no campo científico, que, normalmente, é um espaço negado a essas pessoas.

Durante os diálogos construídos nas entrevistas, os/as pesquisadores/as também narraram o quanto seus processos de constituição produziram efeitos com relação aos seus temas de interesse em se tratando de pesquisa. Seguem os relatos: *"Então, essas foram uma das mudanças (de gênero) que me fizeram ir para o caminho de pesquisador de corpo e gênero e de masculinidades né, e que hoje eu escrevo, tenho alguns artigos, tenho alguns anais né, tenho um livro também que eu escrevi sobre isso e tem muitos homens trans masculinos e não binários que me procuram e se sentem representados."* (Shay Rodríguez, 2020).

"Em 2010, então, começou a aparecer o Guilherme como pesquisador das questões trans. Eu não escolhi isso, não foi uma escolha pesquisar as questões trans. (...) Percebi que eu trazia um conjunto de conhecimentos e experiências do qual as pessoas estavam sedentas, estavam interessadas em entender melhor o que era aquilo, inclusive para se tornarem aliadas politicamente. E ali eu arregacei as mangas e efetivamente me tornei pesquisador das questões trans." (Guilherme Almeida, 2020).

"Com certeza. Até porque toda a minha trajetória acadêmica e minha trajetória pessoal tem a ver com a minha questão de ser trans, né?! Por que foi na graduação que eu me autoafirmei e me reconheci como trans. E foi na graduação que eu comecei a trabalhar as questões do ativismo, né?! A parte do movimento LGBTQI+ lá em Rondônia. (...) E tem sim, toda a minha trajetória acadêmica tem a ver com a minha trajetória pessoal. E é pessoal, sim. Tem a ver com meus estudos. Tudo que eu estudo tem a ver com o que eu luto, né?! O que eu vivencio, né?! Então, eu falo mesmo." (Lauri Silva 2020).

"Bom, então, eu voltei depois né, de assumidamente trans para a universidade para fazer o mestrado, e isso então foi realmente um impulso para até para a própria universidade resinificar os seus conceitos em relação à população trans. (...) Minha pesquisa e sempre os meus estudos e todo o meu trabalho sempre foi ligado à questão de sexualidade e gênero justamente porque, porque é um local de fala e, ao mesmo tempo, eu voltei pra universidade com esse objetivo de me aprofundar mais os conhecimentos." (Marina Reidel, 2020).

Sobre isso, a pesquisadora Sara Wagner York (2020) pontua que:

> A discussão da pauta trans é fundamental para os espaços de produção do conhecimento, como a universidade, visto que são: 1) os corpos trans e suas experiências, impõem uma desnaturalização das

> normas de gênero, tão necessária em nossa sociedade; 2) a discussão trans, traz para ciência e seus espaços o questionamento de hierarquizações historicamente constituídas. Quem pode falar e quem é ouvido? 3) é necessário que a ciência se comprometa com a afirmação e garantia dos direitos de todos os segmentos sociais, com a voz e suas experiências, rompendo assim as estruturas de subalternização. Muitas respondidas durante este texto, outras tantas abertas e que ficam lançadas para aspectos da continuidade (p. 151).

Por meio dos relatos, constatamos que as pesquisadoras Lauri Silva e Marina Reidel, bem como os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez, buscam desenvolver pesquisas e trabalhos a respeito das questões que perpassam as existências trans, pois vislumbram nisso uma oportunidade de visibilidade para esses assuntos.

De acordo com o mapeamento colaborativo realizado pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) em 2021, a maioria das/os professoras/es trans da educação básica estão dentro da área de humanas. Aliado a isso podemos perceber também nas narrativas das/os quatro entrevistadas/os que o processo de transição de gênero delas/es pode ter de certa forma contribuído com elementos que potencializam o fato de as pessoas entrevistas serem pesquisadoras/es também da área das ciências humanas. Além disso, ao olharmos para suas áreas de atuação e pesquisas realizadas percebemos que essas envolvem as questões que perpassam as discussões de gênero e sexualidade, questões que perpassam suas existências e vivências.

Outro aspecto relatado pelo pesquisador Guilherme Almeida, em relação a seu processo de constituição de pesquisador e a seu processo de transição de gênero foi: *“A gente tinha questões, naquele momento, que eram assim: como é que a gente põe um processo seletivo no mural assinado por você? Como é que vai aparecer o seu nome na lista de chamada dos teus alunos? Como que a gente faz uma banca de avaliação de TCC e você dá uma declaração com os nomes dos componentes da banca para o/a aluno/a que defendeu ou para os/as outros/as professores/as que compõem? Não existia essa coisa de nome social, não era divulgado ainda e tal.”* (Guilherme Almeida, 2020).

É possível perceber, na narrativa desse pesquisador, tendo em vista que, quando ele começou seu processo de transição de gênero já era professor universitário, que as demandas que o pesquisador tinha de resolver eram também de outras ordens na universidade. Desse modo, esse processo permitiu ao pesquisador

Guilherme Almeida refletir e romper com o que está posto e naturalizado nos procedimentos que são de praxe do campo científico, promovendo a movimentação de estruturas e, automaticamente, provocando mudanças e desnaturalizações sobre essas questões.

Em outro momento da conversa, a pesquisadora Lauri Silva e os pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez explicitaram o quanto suas atuações, no campo científico, possibilitam que ocupem espaços em bancas e eventos acadêmicos. Acerca disso, destacaram que:

“Eu sempre sou convidada para estar nos eventos participando, dando cursos, palestras nessas questões de estudo de sexualidade na história, porque eu sou umas das únicas lá na região que pesquisa esse tema e principalmente essas questões de movimento LGBT e mulheres.” (Lauri Silva, 2020).

“Umas das coisas que acabaram acontecendo, na minha trajetória acadêmica, que eu também não escolhi, mas quando eu vi já estava fazendo, foi uma intensa participação em bancas de mestrado e doutorado. (...) Uma parte considerável delas são ou de pessoas trans, ou por pessoas que estão estudando questões LGBT ou questões trans. (...) Muitas vezes, eu ouvi: "ah, porque que tem que ser você..." Eu não sei se tem que ser eu, mas se a pessoa me chamou, foi porque achou que, de alguma forma, eu poderia fazer uma diferença nisso e daí é o momento de contribuir para a formação daquela pessoa.” (Guilherme Almeida, 2020).

“Tipo logo que eu me formei eu já fui convidado pra quatro bancas, e eu peguei todas, eu tive que ler né? muita coisa, mas eu aceitei porque eu achei que seria importante ter pessoas trans nas bancas, ainda mais pelo meu tema ser um tema ainda um pouco usual, não tão corriqueiro e eu ter uma facilidade pra falar sobre aqueles temas. E dentre essas quatro pessoas que me convidaram, duas pessoas eram trans e estavam se formando. Então, teve bastante representatividade trans nos meios acadêmicos, a gente que tá ali pensa "ah, eu vou chamar um dos meus pra tá ali, porque só aquela pessoa ali vai entender o meu trabalho, vai entender a minha escrita, vai entender a minha vivência". (Shay Rodríguez, 2020).

Nas narrativas da pesquisadora Lauri Silva e dos pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez observamos que as/os três relataram que recebem convites para participar de bancas e eventos. Além disso, eles relacionam esses convites ao fato de as pessoas que as/os chamam buscarem por uma

representatividade de pessoas trans também nesse espaço, nas atividades que são atribuídas a pesquisadoras/es.

Nesse momento, podemos problematizar também o fato de que essas/es pesquisadoras/es são convidadas/os para falar sobre suas histórias e suas vivências, tendo, dessa forma, uma maior visibilidade. Sabemos que, quando uma pessoa trans "ocupa um posto de poder ou saber, muitos/as se sentem capazes em alcançar aquela posição, não como simulacro, mas como imagem, signo e/ou representação fácil que sugeriria incapacidade" (YORK, 2020, p. 148). Nesse contexto, nos questionamos: se essas/es pessoas pesquisassem outros temas, que não perpassassem suas vivências de gênero, será que receberiam tantos convites e teriam essa visibilidade? Os outros campos de pesquisa são abertos para essa composição/aliança? É possível sobreviver nesses outros campos enquanto pesquisadora/pesquisador trans?

Ao tentarmos responder esses questionamentos podemos acionar uma série de elementos como as violências relacionadas aos gêneros que diferem da norma binária normalmente aceita pela sociedade e também os preconceitos e dificuldade enfrentadas pelas pessoas trans para estarem e serem visibilizadas dentro do campo científico enquanto pesquisadoras/es. Esses elementos nos possibilitam problematizar as disputas, as resistências, as contribuições e as estratégias realizadas pelas/os pesquisadoras/es trans dentro do campo científico nos campos que diferem da área das ciências humanas que é onde normalmente essas pessoas estão presentes.

Outra questão possível de pensarmos, a partir das narrativas do pesquisador Guilherme Almeida e da pesquisadora Lauri Silva, é o quanto é difícil conciliar a vida acadêmica em paralelo com as jornadas de trabalho. Esses dois sujeitos do estudo deixaram claro a importância de políticas públicas e de ações afirmativas que possibilitem que as pessoas trans possam permanecer no espaço do campo científico. Segundo eles, às vezes, a não oferta dessas políticas faz com que as pessoas não consigam conciliar as duas jornadas e tenham que desistir de uma delas. Nesses casos, normalmente, a abandonada é a vida acadêmica, visto que necessitam do emprego para terem uma fonte de renda e, assim, sobreviverem.

5.2.11 Algumas considerações

Ao buscarmos apresentar as narrativas como potencializadores do debate de questões relacionadas às vivências de gênero e à constituição enquanto pesquisadoras/es de algumas/alguns pessoas trans, tecendo interlocuções com essas histórias, não devemos tomar o que se encontra, nesse texto, como “a verdade” sobre as narrativas. O intuito, na realidade, é que, a partir das discussões que foram realizadas, possamos, cada vez mais, tensionar as possibilidades de existências trans para além dos espaços que normalmente são destinados a essas pessoas.

A partir das narrativas das/os nossas/os colaboradoras/es ficou perceptível que as suas escolhas e processos de formação enquanto pesquisadores e pesquisadoras estão fortemente articulados a sua identidade de gênero. Observamos, igualmente, como essas vivências e o reconhecimento dos gêneros diferem de uma pessoa para outra, já que, para algumas/alguns, o reconhecimento com o gênero diferente daquele que lhe foi atribuído, ao nascimento, acontece na infância e, para outros, isso só se dá na vida adulta.

Outro elemento que se destacou, nas narrativas das/os colaboradoras/es, foi a questão geracional. Assim, constatamos que as narrativas das/os pesquisadora/es mais jovens, Lauri Silva e Shay Rodríguez, apresentam aspectos de ordem geracional que se diferem das/os pesquisadoras/es, Guilherme Almeida e Marina Reidel, pois as/os mais jovens já possuíam um maior conhecimento e entendimento sobre as questões que perpassam as vivências e existências trans quando iniciaram seus processos de reconhecimento e de expressão de gênero, por conta do fato das discussões dessas questões terem ganhado espaço e visibilidade na nossa sociedade com o passar dos anos.

Ao olharmos para as narrativas que problematizam a constituição das/os quatro pessoas enquanto pesquisadoras/es, notamos, também, as marcas da interseccionalidade geracional, em que as primeiras pessoas trans, ao ingressarem no campo científico, sofreram mais embates e preconceitos se compararmos com as novas gerações.

Portanto, esse processo de constituição, enquanto pesquisadoras/es, é atravessado por diversas marcas e significados, os quais são importantes para a construção da/o profissional pesquisadora/pesquisador, como a participação em projetos, eventos e em bancas. Contudo, ainda é notório o quanto a sociedade está

repleta de preconceitos, por ter sido organizada a partir de um modo binário quando pensamos as expressões de gênero. Dessa forma, quando as pessoas trans passam a ingressar, no campo científico, essas existências ocasionam rupturas na forma como esse espaço foi pensado e estruturado anteriormente. Uma forma de garantir essas rupturas, que são ocasionadas pela presença das pessoas trans, no campo científico, são as ações e as políticas públicas de cotas de ingresso das pessoas trans nas universidades e a permanência delas nesses ambientes.

Para concluir esta escrita, agradecemos às pesquisadoras Lauri Silva e Marina Reidel, bem como aos pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez, por compartilharem conosco suas histórias, trajetórias e vivências. Elas/es nos possibilitaram realizar interlocuções com suas narrativas a fim, também, de visibilizar suas existências, realizando rupturas com os padrões normalmente impostos e, assim, oportunizando o diálogo.

5.2.12 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 279. 2012.

ARANA, Ariane Pickersgill. **A produção da criança trans nas reportagens digitais: um olhar para os espaços educativos família e escola.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, p. 196. 2018.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207-228, jan.-abr. 2008.

BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **HOLOS**, v. 4, p. 172-182, 2013.

BIANCHETTI, Lucídio; OLIVEIRA, Adriano de;SILVA, Evellyn Ledur da; TURNES, Luiza. A iniciação à pesquisa no Brasil: políticas de formação de jovens pesquisadores. **Educação**, v. 37, n. 3, p. 569-584, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 3 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003. 236 p.

GALLI, Rafael Alves; VIEIRA, Elisabeth Meloni; GIAMI, Alain; SANTOS, Manoel Antônio dos. Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 447-457, 2013.

HATJE, Luis Felipe. **Trans (formar) o nome: A constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, p. 146. 2018.

Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE). Mapeamento colaborativo identifica maioria de professores trans em Humanas. 2021. Disponível em: https://ibteducacao.wixsite.com/ibte. Acesso em 27 de fev. de 2021.

LABORATÓRIO de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidade. **Mulheres trans/travestis na/da educação.** 2020. (tempo de duração). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfvYcq_ebtLxufevVOdbsAA/featured>. Acesso em : 26 de set. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes**, v. 1, n. 994, p. 35-86, 1994.

NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. **In) Visibilidade Trans**, v. 2, p. 139-165, 2013.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século xix. In*:* ———. **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação**. Organização Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães, Fernando Seffener e Teresa Vilaça. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 68-88.

PERES, Wiliam Siqueira Peres. **Travestis, escolas e processos de subjetivação.** Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/935/798> Acesso em: 27 de fev. de 2021.

PETTERSSON, Daniel; MOLSTAD, Christina E. Professores do Pisa: a esperança e a realização da educação. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 136, p. 629-645, 2016.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, Jan.-Mar. 2011.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, 1998.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, 2015.

SILVA, Alexsander Lima da; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Transexualização em narrativas de histórias de vida sobre a infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 484-508, 2015.

SILVA, Keo; VAZ, Alexandre Fernandez. Políticas de acesso e permanência para a população trans no ensino superior: comentários acerca de sua implementação. **Políticas Educativas–PolEd**, v. 13, n. 2, 2020.

SOUZA, Heloisa Aparecida de; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

YORK, Sara Wagner. As (Trans)Alianças e a Neomaquinaria. **Carta Capital**, 2019. Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/justica/as-transaliancas-e-aneomaquinaria/page/277/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os"cistemas" de Pós-Graduação.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 187. 2020.

6 NARRATIVAS DESSE MOMENTO

> O sujeito da experiência é um sujeito 'ex-posto'. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a 'o-posição' (nossa maneira de opormos), nem a 'imposição' (nossa maneira de impormos), nem a 'proposição' (nossa maneira de propormos), mas a 'exposição', nossa maneira de 'expormos', com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LARROSA, 2015, p. 26).

No decorrer da escrita dessa dissertação, fomos expostas a diversas narrativas das/os nossas/os colaboradoras/es e, assim, fomos tocadas e afetadas por suas vivências, trajetórias e existências. Dessa maneira, ao buscarmos tecer interlocuções com as narrativas de pesquisadoras/es trans experienciamos, de modo a olharmos para as questões relacionadas à inserção, ao reconhecimento, à visibilidade e às existências trans, foi nos possibilitado pensar e problematizar para além das narrativas das/os entrevistadas/os, tensionando outras questões, que perpassaram as falas dessas/es pessoas.

Com o fim dessa dissertação, sentimos a necessidade de construir nossas considerações de maneira a abordar as problematizações que acreditamos serem importantes, as quais foram tecidas nesse momento. Elas foram divididas em quatro tópicos, a saber: **Existências**, em que buscamos tecer considerações sobre as existências de pesquisadoras/es trans brasileiras/os; **Resistências**, no qual realizamos algumas conclusões sobre o quanto e como essas pessoas resistem no campo científico; **Reconhecimento**, em que nos dedicamos a agradecer e a reconhecer as pessoas trans que atuam e contribuem com a nossa pesquisa e com a pesquisa brasileira; e **Inspirações finais**, parte na qual buscamos apresentar e encaminhar o texto, as suas conclusões gerais, tanto sobre o processo da escrita como também sobre o desenvolvimento da dissertação.

Existências

Ao elaborarmos provocações, ao longo da escrita do estudo, sobre as existências de pessoas trans, ficamos, frente a frente, com um dado muito alarmante, disponibilizado no site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (2020): o fato de que a expectativa de vida média das pessoas trans é de apenas trinta

e cinco anos. Para as pesquisadoras Flavia Ferreira Silva e Mônica Botelho Alvim (2020) esse dado:

> nos diz o quanto a visibilidade dessas pessoas desperta um movimento de aniquilamento, apagamento total do direito de existência *trans*, remetendo-nos à emergência que há em torno do tema, no sentido de legitimação e abertura de espaços, não só para a visibilidade, mas para a liberdade e possibilidade de expressão de subjetividades de pessoas *trans* (p. 2).

Dessa forma, é importante visibilizar todas as possibilidades de existências de pessoas trans para que os preconceitos que elas/es enfrentam, ao ocuparem os mais variados espaços, possam ser problematizados e, assim, combatidos. A partir das narrativas concedidas pelas/os nossas/os colaboradoras/es, percebemos a multiplicidade de existências possíveis para as pessoas trans, para além das possibilidades que normalmente são apresentadas e destinadas a elas em nossa sociedade.

Nesse sentido, ao ocuparem o espaço do campo científico, enquanto pesquisadoras/es, as pessoas trans realizam o importante papel de elucidar essas outras possibilidades de existência, contribuindo para desnaturalizar os preconceitos presentes no campo científico.

Resistências

Conforme Marlucy Paraíso (2016), resistir é algo que “possibilita criar espaços de combates, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis. Ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações” (p. 408). Logo, a resistência possibilita que as pessoas trans brasileiras criem suas possibilidades de existência para além daquilo que lhes é determinado socialmente.

Ao buscarem por essas possibilidades de existência, essas pessoas têm de encontrar as estratégias de resistências para estarem, de fato, inseridas e visibilizadas meio nesse espaço. Uma dessas formas de resistência, que está presente na narrativa da entrevista que a pesquisadora Luma Nogueira Andrade concedeu à Gabriela Alves (2012), disponível no site do G1, é “combater todo o preconceito. Cada passo que eu dou, cada degrau que eu subo, sei que estou contribuindo para mudar pessoas e não posso deixar de buscar novos espaços” (n.p).

As narrativas que emergiram das/os colaboradoras/es acerca das estratégias de resistência que são produzidas no campo científico, fizeram-nos refletir sobre o

quanto esse espaço ainda está repleto de preconceitos, os quais excluem as pessoas trans enquanto pesquisadoras/es e produtoras legítimas de conhecimento científico.

Porém, a partir de uma das perguntas realizadas durante a entrevista, questionamento que tensionava quais as expectativas de futuro para as/os pesquisadoras/es trans na pesquisa brasileira, as/os quatro entrevistadas/os se mostraram esperançosos. Isso pode ser percebido nos trechos que seguem.

Eu também confio na resiliência de todos nós. Nós não sobrevivemos por acaso, sobrevivemos porque a gente é bom de briga. A gente é bom de se reinventar das cinzas. E é isso que eu espero que cada um/a de nós faça e isso que eu espero das pessoas trans de modo geral, espero que isso também aconteça com a pesquisa, com a produção acadêmica. (Narrativa extraída da entrevista do pesquisador Guilherme Almeida, 2020).

Uma perspectiva de mais engajamento político e acadêmico. Acho que com o aumento de trans nas universidades eu acho que tem esse engajamento acadêmico, tem esse engajamento político do qual elas tão fazendo parte. (Narrativa extraída da entrevista realizada com a pesquisadora Lauri Silva, 2020).

Eu acho que cada vez mais a gente está conseguindo avançar e, hoje em dia tem vários pesquisadores em várias áreas do conhecimento e não só da educação em diversas áreas. Cada vez mais, a gente vê que as pessoas trans estão adentrando e estão permanecendo, diferente de como eu falava do passado. (...) Claro que a gente ainda vai ter pessoas com graduação, com pós-graduação, com mestrado e doutorado na prostituição, porque ainda o mercado não reconheceu que essas pessoas têm títulos e nível para poder adentar nesses lugares. (Narrativa extraída da entrevista realizada com a pesquisadora Marina Reidel, 2020).

As pessoas que estão entrando na academia, elas não podem sair, elas vão ter que ficar. (Narrativa extraída da entrevista realizada com o pesquisador Shay Rodríguez, 2020).

É perceptível, nas narrativas das/os pesquisadoras/es, que elas/es possuem esperanças de um futuro melhor, tanto para si como para as demais pessoas trans quando pensam nas questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade no campo científico enquanto pesquisadoras/es. Contudo, também têm noção que, para isso, será preciso muita resistência daquelas/es que já estão e daquelas/es ainda ingressarão nesse espaço.

A partir das discussões que realizamos nesta pesquisa, observamos, igualmente, que, quando as pessoas trans começam a adentrar (cada vez mais) na universidade, elas/es mesmas/os começam a problematizar as questões referentes à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pessoas trans no campo científico e a tecer interlocuções que busquem criar estratégias e possibilidades de resistência.

Reconhecimento

No decorrer da escrita da dissertação, tivemos o privilégio de conhecer e de realizar discussões com pessoas e pesquisadoras/es incríveis. Podemos conhecer

seus trabalhos, suas histórias e suas vivências, que nos afetaram e permitiram a construção dessa pesquisa, que busca, em sua escrita, dialogar com as narrativas e com as pesquisadoras travestis – as quais, teoricamente, com os seus estudos e discussões, contribuíram com modos de pensar a temática – bem como com as/os pesquisadoras/es trans.

Quando nos propomos a tecer interlocuções com as narrativas de pesquisadoras/es trans e não fazer discussões sobre as narrativas, compreendemos, de forma mais ampla, as dificuldades que elas\eles enfrentam. Isso confirma, ainda mais, a importância de serem realizadas problematizações acerca dos preconceitos que essas pessoas enfrentam e das resistências que exercem no campo científico, enquanto pesquisadoras/es, e ressalta a importância de se compartilhar com aquelas e aqueles que lerem essa dissertação, de modo a (re)conhecerem a contribuição dessas/es pessoas nesse espaço.

Entendemos, todavia, que as pesquisadoras/es trans possuem, ainda, pouco reconhecimento. De acordo com a narrativa da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus, presente na reportagem escrita por Leda Antunes (2019) ao site HuffPost, “pessoas trans me referenciam, principalmente estudantes e jovens, mas eu vejo pouca referenciação de colegas mais antigos e de pessoas cis” (n.p).

Para além da questão do reconhecimento das/os colegas pesquisadoras/es, outra questão levantada, pela pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019b), em uma entrevista à revista Cadernos de Gênero e Tecnologia, é a de que “durante meu processo de doutoramento, minha pesquisa foi questionada várias vezes por professoras e professores brancos, cisgêneros, heterossexuais que não acreditam na existência do racismo e da LGBTfobia” (p. 10).

Ao dedicarmos, no referencial teórico desse estudo, um espaço para visibilizar algumas/alguns pesquisadoras/es trans brasileiras/os, suas áreas de conhecimento e os temas que elas/es vêm pesquisando, buscamos ajudar no reconhecimento de suas contribuições e na importância para pesquisa brasileira e mundial.

Inspirações finais

Dito isto, àquelas/es que se encontram, nesse momento, lendo essas narrativas de conclusão, gostaríamos de destacar que todo o processo de escrita foi atravessado por diversas situações e narrativas que nos afetaram, uma vez que “a experiência

supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc" (LARROSA, 2011, p. 7).

A partir dos escritos de Jorge Larrosa (2011) e pensando no quanto essa pesquisa me afetou e me produziu, hoje eu sou Yasmin uma pesquisadora que pode tensionar os modos do que historicamente é considerado ser cientista, me provoquei a pensar as metodologias e a pensar o quanto uma postura ética e respeitosa com olhares plurais são fundamentais dentro do campo da educação em ciências.

No que eu penso, é a importância das temáticas sobre as questões que perpassam os gêneros estarem cada vez mais presentes dentro de outros espaços para além do campo científico, como a escola e as mídias, para que assim essas discussões possam ter ainda mais visibilidade e reconhecimento.

No que eu sinto, é que no ano de 2020, que, originalmente, era o ano em que essa pesquisa deveria ter sido defendida, o Brasil foi acometido pela pandemia do novo coronavírus, causador da doença COVID-19. Para além de nossas vivências pessoais, nosso estudo também foi afetado pela situação em que nos encontrávamos. Quando os primeiros movimentos estavam sendo feitos, no Brasil, com a intenção de amenizar os impactos da pandemia no país, estávamos no processo de realização das entrevistas. Assim, ao realizarmos a entrevista com o pesquisador Guilherme Almeida, ele se mostrou preocupado com as negligências que as vidas das pessoas trans já sofriam antes de sermos acometidos pela pandemia. Nesse momento, quando perguntado sobre as suas expectativas para o futuro das pessoas trans, no campo científico brasileiro, o pesquisador disse:

Nesse momento, tem milhões de pessoas angustiadas no mundo inteiro, pessoas do campo LGBT, aqui no Brasil tem muitas pessoas trans. Eu imagino o que é ser trans diante de uma epidemia como essa. Nós sentimos o que tudo mundo sente: o medo, a apreensão, a insegurança, a solidão. Nós vivemos tudo o que todo mundo está sentindo nesse momento. Mas nós vivemos algumas tensões adicionais, por exemplo, as pessoas que têm coronavírus são internadas sozinhas sem nenhum suporte, então muitas vezes, são sepultadas sem ninguém. Daí você imagina com que dignidade (ou falta dela) as pessoas trans podem ser tratadas em condições de internação assim! Isso deixa a gente muito apreensivo, como é que uma pessoa trans pode ser tratada no cotidiano de uma internação do coronavírus, se normalmente tantas violações já ocorrem dentro de unidades de saúde, seja por desconhecimento, seja por transfobia, por ser majoritariamente considerada uma vida de menor significado. Como fica isso se nesse momento as vidas da maioria absoluta de nós valem muito pouco? E depois que sairmos dela, resta o eterno desafio de sobreviver economicamente. A maioria das pessoas trans está na informalidade, seja trabalhando na produção cultural, seja trabalhando na prestação de serviços como comércio, beleza, limpeza, telemarketing, care. As pessoas trans estão em sua maioria na informalidade. (...) Como é que a gente constrói condições dignas de vida em existências que já são originalmente

desvantajosas, que não gozam de algumas prerrogativas que outras existências gozam? É um momento de muito temor e de muita insegurança, para além das que já são rotineiramente experimentadas por essa população (Narrativa extraída da entrevista realizada com o pesquisador Guilherme Almeida, 2020).

Com base na narrativa do pesquisador Guilherme Almeida, observamos as aflições que o pesquisador apresenta sobre a vida das pessoas trans, tanto nesse momento de pandemia como no momento posterior a ela, tendo em vista os diversos preconceitos e violações que as pessoas trans enfrentam socialmente.

Em função disso, ao final desse processo de escrita, fica nítido que é cada vez mais importante pluralizar outros discursos sobre as pessoas trans e apresentar essas outras possibilidades de existência, resistência e reconhecimento, possibilitando que essas pessoas possam ocupar todos os espaços que desejarem, como, neste caso, o campo científico, o qual lhes fora negado ao longo da história.

No que eu sei e no que eu quero é que com nosso trabalho, não temos a pretensão de esgotar ou de produzir verdades acerca da temática que estudamos. Esperamos que esta dissertação ecoe em outros lugares, que ela possa ser lida, ser repensada, que cause inquietações, pois entendemos que o importante dessa dissertação é levar as/os leitoras/es a pensar sobre não:

> o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é o que nós saibamos do texto, o que nós pensamos do texto, mas o que - com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto - nós sejamos capazes de pensar" (LARROSA, 2001, p. 142).

Dessa forma, quando provocamos inquietações nas pessoas que terão acesso a esse trabalho, por meio da leitura, almejamos que elas consigam iniciar discussões que precisam ser realizadas no intuito de problematizar as resistências e os efeitos que as/os pesquisadoras/es trans fazem e causam na sociedade. Em nosso entendimento, fica que "enfiar-se na leitura é en-fiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever" (LARROSA, 1999, p. 183).

Nessa dissertação, buscamos problematizar as questões referente à inserção, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es trans e nos colocar em nosso lugar de privilégio, enquanto pesquisadoras cisgêneros, a favor da luta das pessoas trans. Logo, entendemos que somos uma “cis-aliadas”, que é o termo usado pela pesquisadora Sara Wagner York (2020, p. 104), em sua dissertação de mestrado

intitulada de “Tia, você é homem? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os’cistemas’ de Pós-Graduação” para se referir a uma pessoa cisgênera que se alia às lutas das pessoas trans. Portanto, nosso papel é fazer com que as discussões tecidas, em nosso trabalho, possam contribuir para que as desigualdades enfrentadas por essas pessoas, no campo científico, possam ser pensadas e combatidas.

Por fim, encerramos essa dissertação com o pensamento de Jorge Larrosa, em sua obra "Sobre a Lição" (2010):

> uma vez que uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperando resposta, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que a receberão e suscitasse suas respostas (p. 175).

Desse modo, esperamos que essa dissertação possa, de certa forma, suscitar algumas repostas sobre as questões referentes às existências, às resistências, ao reconhecimento e à visibilidade de pesquisadoras/es trans no campo científico, enquanto pessoas que estão, cada dia mais, ocupando esses espaços e produzindo conhecimento. Todo nosso reconhecimento e agradecimento a essas pessoas e, de forma especial, às pesquisadoras Marina Reidel e Lauri Silva e aos pesquisadores Guilherme Almeida e Shay Rodríguez, os quais, ao compartilharem suas histórias e narrativas, tornaram real, possível, o desejo de produzir esse estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. 201 p.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Entrevista: 'Busquei no estudo uma vida melhor', diz 1ª travesti doutora do país**. G1**, 2012. Entrevista concedida On-Linea Gabriela Alves. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/04/busquei-no-estudo-uma-vida-melhor-diz-1-travesti-doutoranda-do-pais.html>. Acesso: 17 jul. 2019.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 279. 2012.

ANTUNES, Leda. No Dia da Visibilidade Trans, conheça 4 intelectuais referência no mundo acadêmico. **Huffpost,** 2019. Disponível em:< https://www.huffpostbrasil.com/entry/intelectual-mulheres-transexuais_br_5c4fa99be4b0d9f9be68554a>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ARAN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 15-41, 2009.

ARRAZOLA, Laura Suzana Duque. Ciência e crítica feminista. *In:* COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 67-76.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** Disponibilidade em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

ÁVILA Dárcia Amaro. **Gêneros nas malhas discursivas do desenvolvimento sustentável: Emergências, bio/ecopolíticas e dispositivos.** Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, p. 163. 2018.

BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **HOLOS**, v. 4, p. 172-182, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2ªEd. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 13-34.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 3 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003. 236 p.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARVALHO, Marilia Gomes; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**: Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 20-35. 2011.

CASTRO, Edgardo. Subjetivação. In: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelo seus temas, conceitos e autores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 407 - 409.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história de pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Ed. UFU, 2011.

COLABORA, Projeto. UFSC na mídia: 'Trans e travestis estão revolucionando e produzindo conhecimento'. **Universidade Federal de Santa Catarina**, Santa Ctarina, 30 de julho de 2019. Disponível: <https://noticias.ufsc.br/2019/07/ufsc-na-midia-trans-e-travestis-estao-revolucionando-e-produzindo-conhecimento-diz-pesquisadora/>. Acesso em: 16 Jun. 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 105-132.

CUNHA, Thaís; HANNA, Wellington. 2017. **Expulsos da Escola: Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo.** Disponível em: <https://bit.ly/2ewRfPg>. Acesso em 21 de jul de 2020.

DIAS, Maria Berenice; ZENEVICH, Letícia. Um histórico da patologização da transexualidade e uma conclusão evidente: a diversidade é saudável. v. 3, n. 2, 2° sem. p. 11- 23. **Gênero e Direito: UFPB**, 2014. Disponível em: . Acesso em 02 out. 2020.

FERNANDES, Yuri**.** 'Trans e travestis estão revolucionando e produzindo conhecimento', diz pesquisadora. **Projeto Colabora.** 2019. Disponível em:< https://projetocolabora.com.br/ods5/trans-e-travestis-estao-revolucionando-e-produzindo-conhecimento/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FERRARI, Anderson. O conceito de experiência e sua potencialidade para a educação. In: FERRARI, Anderson (Org.). **A pontencialidade do conceito de experiência para a educação.** Juiz de Fora, 2013. p. 15 – 20.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2010. 528 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2:** o Uso dos Prazeres. Rio de janeiro: Graal, 2012. 252 p.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade III: o cuidado de si (M. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal. 2014. p. 320.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: M. B. Motta (Ed**.), Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 240-252.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação:** Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345. 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Ediitora Atlas AS. 2008. 220 p.

GOMES, Bianca; FAHEINA, Caio; KER, João. Estudantes transexuais representam só 0,1% do total dos alunos de universidades federais no Brasil; preconceito leva cedo à evasão escolar. **Estadão**, São Paulo, 5 de jun. 2019. Disponibilidade em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/no-ensino-superior-o-espelho-da-exclusao-de-pessoas-trans>. Acesso em: 20 out. 2020.

HALL, Stuart. **Estudos culturais e seu legado teórico**. In: SOVIK, Liv (org.) Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 199-218. 2003a.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais: dois paradigmas**. In: SOVIK, Liv (org). Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003b.

HARDING Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**: Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-32. 2000.

HARDING, Sandra. **Ciência y feminismo.** Madrid: Ediciones Morata. 1996. p. 240.
JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2ª ed. Brasília, 2012. 42 p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Microdados Censo Escolar da Educação Básica. Brasília, DF:

INEP, 2019a. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/censoescolar. Acesso em: 20 set. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília:[s. n.], 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da" ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**: São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502. 2018.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011a.

LARROSA, Jorge. Experiência, escola e educação. **Revista Reflexão & Ação**, Vol. 19, No 2, p. 189-200, 2011b.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 15 – 34.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Autêntica. Belo Horizonte, 1999.

LARROSA, Jorge. **Sobre a lição**. In: LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 139-146, 2001.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 35-83.

LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti e "transexual" no discurso científico.** São Paulo: Annablume, 2011. 240 p.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. **Sentidos do trabalho-A educação continuada de professores**. Autêntica, 2018.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Gêneros e sexualidades nos espaços educativos: estratégias de enfrentamento à homofobia. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 4, n. 2, 2015.

MAIA, Diego. Ao menos 12 universidade federais do país têm cotas para alunos trans. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de mai. de 2019. Disponibilidade em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/ao-menos-12-universidades-federais-do-pais-tem-cotas-para-alunos-trans.shtml>. Acesso em: 02 set. 2020.

MARTINI, Paula; SABÓIA, Gabriel. Pesquisadores trans ainda enfrentam desconfiança sobre sua produção acadêmica. **Central Brasileira de Notícias**, 2018. Disponível em:< https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/185983/pesquisadores-trans-ainda-enfrentam-desconfianca-s.htm>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In.: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NOVO, Diego Engenho. A margem. **A soma de todos os afetos**, 2014. Disponível em:< https://www.asomadetodosafetos.com/author/diego-engenho-novo>. Acesso em: 15 jun. 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayna Gomes de. Entrevista: Travesti conquista doutorado com tese sobre racismo e homofobia. **Folha de São Paulo**, 2017. Entrevista On-line concedida a Estelita Hass Carazzai. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1871806-travesti-conquista-doutorado-com-tese-sobre-racismo-e-homofobia.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Entre Vista e Olhares. [entrevista condida aos Cadernos de Gênero e Tecnologia] Michel Alves Ferreira e Lindamir Salete Casagrande. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v.12, n. 40, p. 05-12, jul./dez., 2019a.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça. **Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros.** v. 22, 2019b. Disponível em:< https://sur. conectas. org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira. pdf>. Acesso em 27 e maio de 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século xix. *In:* RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 68-88.

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino de. A quarta onda do feminismo na literatura norte-americana. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 18, n. 30, p. 67-84, 2019c.

PANTE, Ana Luiza; FERNANDES, Estevão Rafael. Novas demandas, novos espaços: pessoas trans e ativismos on line como estratégia de visibilidade. **Revista de Direito da Cidade**, v. 11, n. 3, p. 617-635, 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, 2016.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino de 1a à 4a série e 5a à 8a série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PERES, Wiliam Siqueira Peres. **Travestis, escolas e processos de subjetivação.** 2010. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/935/798> Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva.** 2020.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, Jan.-Mar. 2011.

REIDEL, Marina. A pedagogia de salto alto: histórias de professoras travestis e transexuais na educação brasileira. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

REVEL, Judith. Subjetivação (processo de). In: REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005. p. 82 -83.

SANTOS, Ariel Dorneles dos; DUQUE, Tiago. “Eu gosto mesmo é das bixas”: Reflexões sobre identidade ao som de Linn da Quebrada. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 13-37, 2019.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin. **Cartografias da transexualidade: a experiência escolar e outras tramas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 210. 2010.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de PósGraduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SILVA, Flavia Ferreira; ALVIM, Mônica Botelho. [TRANS] EXISTENCIA: CUERPOS ERRÁTICOS, GESTICULACIONES POLÍTICAS DE RESISTENCIA. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia. **Cadernos pagu**, n. 10, p. 7-20, 1998.

SILVA, Jeane Félix da. **“Quer teclar?”: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Rebecca Corrêa da; PEDRO, Joana Maria. Sufrágio à brasileira: uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 2, p. 1981-3082, 2016.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. 1995.

SOUZA, Atos Gabriel de. **Whatsapp, inovação empreendedorismo**, (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade Promove, Sete Lagoas, 2014.

SOUZA, Heloisa Aparecida de; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

STRECK, Niqueli; GUSTSACK, Felipe. Narrativas Docentes e Experiência na Educação Infantil. **Seminário Nacional de Pesquisa em Educação**, n. V, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo (2007). Olhares*. In:* Costa, Marisa Vorraber (Org**.). Caminhos investigativos. Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 3. ed., 2007. pp. 23 – 38.

VELHO, Léa e LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu***:* Campinas*,* n.10*,* p. 309-344. 1998.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2005. 77 p.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes and BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Rev. Estud. Fem**: Florianópolis, vol.28, n.3, p. 1-12. 2020.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os"cistemas" de Pós-Graduação.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 187. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Idade:
- Profissão:
- Escolaridade:

1. Compartilhe conosco um pouco da história da produção do teu gênero:

A) Como foi esse processo de produção de gênero?
B) Que marcas foram mais significativas?
C) Em que etapa da vida esse processo teve início?
D) Quais marcas e significados poderias destacar com relação a essa questão?

2. Você se sentiu acolhida/o, reconhecido/a e respeitada/o em todas as instituições de ensino pela qual transitou (desde educação básica até níveis maiores de escolarização)?
3. Como tens percebido a interseccionalidade de raça, classe social e geração com as pessoas transexuais e travestis no campo científico?
4. Você acredita que a tua expressão de gênero ou até mesmo o processo de transição pode ter influenciado a escolha do teu curso e a área do conhecimento?
5. Como foi tua trajetória de constituição enquanto pesquisadora/pesquisador e como percebes a atividade científica?
6. O que a mudança da identidade civil acarretou pra você em termos da trajetória acadêmica e formação profissional?
7. Como tu tens percebido a inserção, visibilidade e reconhecimento dos sujeitos transexuais e travestis dentro do campo científico?
8. Como tens percebido as políticas de cotas com relação ao acesso e permanência desses sujeitos trans no campo científico?
9. Já passou por alguma dificuldade profissional por causa da sua identidade de gênero? Quais violações de direito enfrentou na vida e no campo científico enquanto sujeito trans?
10. Alguma vez você já sofreu algum pré-julgamento no campo científico?
11. Sua produção científica (artigos, pesquisa de graduação, mestrado doutorado, pós-doutorado, grupos de pesquisa, palestras, aulas, livros, trabalhos em

eventos) está relacionada a quais áreas do conhecimento e quais as temáticas discutidas?

12. Que movimentos e ações tens percebido ou achas importante serem produzidos com relação a inserção, reconhecimento e visibilidade das pessoas transexuais e travestis a adentrar no campo científico?
13. Quais as tuas expectativas de futuro das/os pesquisadoras/es transexuais e travestis na pesquisa brasileira?
14. Se você pudesse dizer algo pra as pessoas (transexuais e travestis) que estão na busca dessa profissão de pesquisadora/pesquisador o que você diria?

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUIMICA DA VIDA E SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Narrativas de pesquisadoras/es transexuais, travestis e intersexo: interlocuções sobre gênero, ciência e visibilidade

A presente pesquisa será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande pela mestranda Yasmin Teixeira Mello. O objetivo desta pesquisa é investigar narrativas de pesquisadoras/es travestis, transexuais e intersexo, a fim de problematizar questões relacionadas a visibilidade e reconhecimento no campo da ciência.

Você está sendo convidada/o para participar da pesquisa através de uma entrevista semiestruturada *on-line* via *Skype* que para melhor compreensão e registro das narrativas as nossas conversas serão gravadas e transcritas, onde a gravação será utilizada somente para facilitar a transcrição e em nenhum momento sua imagem será utilizada na pesquisa. Para que possa ler, acrescentar, retirar ou modificar algum detalhe, você receberá sua narrativa, concedia no momento da entrevista, após a transcrição.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, devemos atentar ao fato de potenciais riscos como a possibilidade de danos à psíquica, social e cultural das/os entrevistas/os, por fazermos perguntas nas entrevista sobre sua vida e sobre temas que podem relembrar traumas do passado como a sua trajetória acadêmica enquanto

sujeito transexual, travesti e intersexo. O
pesquisador garantirá assistência integral e gratuita a/ao participante, em caso de evento adverso relacionado a pesquisa.

Nós nos comprometemos a disponibilizar os resultados desta pesquisa a comunidade acadêmica, para que desta forma as trajetórias e pesquisas desenvolvidas pelas/os entrevistadas/os sejam compartilhadas e visibilizadas.

Outro benefício desta pesquisa é que as/os participantes iram poder compartilhar suas historias e trajetórias acadêmicas a fim de visibilizar suas pesquisas.

Caso você deseje obter mais alguma informação relacionada à pesquisa, contate a pesquisadora Yasmin Teixeira Mello e/ou a Professora orientadora Dra. Joanalira Corpes Magalhães, através dos telefones (53) 981464855 e (53) 981242122. A participação é voluntária, podendo recusar-se a responder qualquer pergunta, bem como deixar de participar da pesquisa a qualquer momento. As entrevistas serão analisadas durante a pesquisa de mestrado, gerando a produção e publicação da dissertação. O seu nome só será utilizado caso você autorize. Isso deixa de garantir o anonimato da/o participante, ferindo os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li descrevendo o estudo ”Narrativas de pesquisadoras/es transexuais, travestis e intersexo: interlocuções sobre gênero, ciência e visibilidade” e minha participação neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus riscos, benefícios e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em

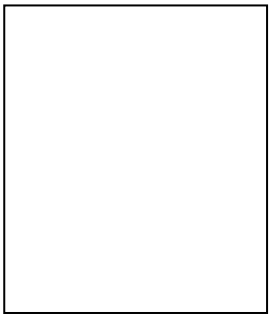
participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Rio Grande,_____/___/

_____

Assinatura da/o participante

( ) Autorizo a utilização do meu nome na pesquisa;
( ) Não autorizo a utilização do meu nome na pesquisa;



Impressão datiloscópica da/o participante (caso haja necessidade)
Contato:

_____

Assinatura da pesquisadora responsável Contato:

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da

Universidade Federal do Rio Grande – FURG (nº protocolo). O CEPAS-FURG tem por objetivo pronunciar-se, no âmbito da ética, sobre todos os projetos de pesquisa que tenham o ser humano como modelo experimental, bem como aqueles que, embora utilizando outros vertebrados como animais de experimentação, sejam desenvolvidos visando à aquisição de conhecimentos vinculados à área da saúde humana. Contato CEP/FURG: cep@furg.br – (53) 3237-3011.